

CAROLINA MARIA DE JESUS

Autora de *Quarto de despejo*

Diário de Bitita



CAROLINA MARIA DE JESUS

Diário de Bitita

Pouco antes de morrer, Maria Carolina de Jesus — a autora do *Quarto de despejo*, que na década de 60 tornou-se um fenômeno internacional de público e crítica — entregou a jornalistas, amigos e familiares que vieram entrevistá-la os cíndermos innumeráveis que compõem este *Diário de Bitita*. Nelas a autora escreveu sobre sua infância e sua luta contra a miséria e o preconceito racial. Dividindo sua infância com a realidade à sua volta e narrando com sensibilidade suas vivências pessoais, Carolina de Jesus criou um roteiro de força impressionante, que expressa a voz de mundo e transpõe o papel histórico de uma imensa parcela ignorada da população brasileira. Escrito com inteligência e numa linguagem original, *Diário de Bitita* significa bem mais que um testemunho pessoal: é um exemplo espontâneo de contestação, onde a experiência vivida se torna mensagem universal.



RJ
RIO
JORNAL
DE
SANTOS

RJ
RIO
JORNAL
DE
SANTOS

Maria Carolina de Jesus é a autora de Quarto de despejo, livro que, publicado em 1980, teve repercussão internacional, figurando entre as obras mais expressivas da chamada "literatura documentária de contestação". Mas a notoriedade e a fama, o assédio da imprensa, a alegria do público e do Governo logo terminaram, e Carolina de Jesus voltou à miséria quase absoluta, à mesma vida de fome que retrataram seu livro. Pouco antes de seu falecimento, pouco antes de seu morrer, em 1977, ela entregou a jornalistas que foram entrevistá-la os dois cadernos manuscritos que compõem o Diário de Bilita.

Este narrativa tem força e autenticidade; é capaz de surpreender e co-mover com seu leitor às vezes angustiante, outras vezes quase bizarro, mas sempre perspicaz, onde ganha expressão o mundo interior de um ser humano cheio de sonhos, de vidas com a direza e a indiferença da sociedade. Assim como a outra grande obra de Maria Carolina, este livro não é fruto de uma preocupação artística — são apontamentos escritos nas horas livres de uma trabalhadora, uma mulher negra, nascida no interior de Minas Gerais na primeira ou segunda década do século, criada no interior, vítima constante do preconceito. Mesmo assim, ou por isso mesmo, sua inteligência e sensibilidade, a

CAROLINA MARIA DE JESUS

DIÁRIO DE BITTA



© Edições A. M. Minatti

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela

EDITOR A NOVA TRONTEIRAS S.A.

Rua Marabá, 35 — São Paulo — CEP 22.251 — Tel. 386-7122

Endereço integrado: **INTERPOINT** — Tâbuas 34690-00479 BR

Rio de Janeiro, RJ

SUMÁRIO

1. Infância, 7
2. As madrinhas, 14
3. A festa, 21
4. Ser pobre, 25
5. Um pouco de história, 37
6. Os negros, 54
7. A família, 64
8. A cidade, 88
9. Meu gênero, 102
10. A morte do avô, 108
11. A escola, 122
12. A fazenda, 128
13. Retorno à cidade, 137
14. Doméstica, 141
15. A doença, 148
16. A revolução, 154
17. As leis da hospitalidade, 161
18. A cultura, 177
19. O cofre, 182
20. Médium, 186
21. A pôrteira, 190
22. Ser cozinheira, 194

Brasão Imperial

AUREA-CRISTINA ROSA-ROXO

Estátua CRISTINA CAVALEIRO

URANIA



CPN-Brasil, Caixa Postal 101-Posto

Setor de Documentos e Edições de Livros, RJ

(Pepêlo Bruxelha)

José, Carlos Maria de, 1814-1877. —

Diário de Bala / Carlos Maria de Jesus. — Rio de Janeiro: Nova

Frontaria, 1886.

1. Letras Brasileiras — Romance. I. Título. II. Série.

INFÂNCIA

Os pobres moravam num terreno da Ciamac: "O Patimônio".

Não tinha água. Mesmo furando o poço eles tinham que andar para carregar água. Nos moravamos num terreno que o vovô comprou do mestre, um professor que tinha uma escola particular. O preço do terreno foi cinqüenta mil-réis. O vovô dizia que não queria morrer e deixar os seus filhos ao relento.

A nossa casinha era recoberta de sapé. As paredes eram de adobe cobertas com capim. Todos os anos tinha que trocar o capim, porque apodrecia, e tinha que trocá-lo antes das chuvas. Minha mãe pagava dez mil-réis por uma carreta de capim. O chão não era soalhado, era de terra dura, condensada de tanto pisar.

Ea estava fazendo a minha arantí-branqueira no mundo. E conhecia o pai do meu irmão e não conhecia o meu. Será que cada criança tem que ter um pai? O pai de minha mãe foi Benedito José da Silva, Sobrenome do Síñhô. Era um preto alto e calmo. Resignado com a sua condição de sócio da escravidão. Não sabia ler, mas era agradável ao falar. Foi o preto mais bonito que já vi até hoje.

Eu achava bonito ouvir a minha mãe dizer: — Papai! — E o wovo responder-lhe: — O que é, minha filha? Eu invejava a minha mãe por ter conhecido pai e mãe.

Várias vezes pensei interrogá-la para saber quem era o meu pai. Mas faltou-me coragem. Achei que era arrependimento da minha parte. Para mim, as pessoas mais impontantes eram a minha mãe e o meu avô.

Ouvia as velhas dizer que as crianças têm que obedecer aos pais e respeitá-los. Um dia, ouvi da minha mãe que o meu pai era de Aracaju, e o seu nome era João Cândido Veloso. E o nome de minha avó era Joana Veloso. Que o meu pai tocava violão e não gostava de trabalhar. Que ele tinha só um termo de roupas. Quando ela lavava a sua roupa, ele ficava deitado na. Esperava a roupa enxugar para vesti-la e sair. Cheguei à conclusão que não necessitámos perguntar nada a ninguém. Com o decorrer do tempo vamos tornando conhecimento de tudo.

Quando a minha mãe falava eu me aproximava para ouvi-la. Um dia, a minha mãe repreendeu-me e disse-me:

— Eu não gosto de você!

Respondi-lhe:

— Se estou no mundo é por intermediário da senhora. Se não tivesse dado confiança ao meu pai eu não estaria aqui.

Minha mãe sorriu e disse:

— Que menina inteligente. E está com quatro anos. Minha tia Cláudimira comentou:

— Ela é mal-educação.

Minha mãe defendia-me, dizendo que eu tinha dito a verdade.

— Ela precisa apanhar! Você não sabe criar filhos.

Eles iniciaram uma discussão. Pensei: "A minha mãe é quem foi ofendida e não ficou ressentida." Percebi que a minha mãe era a mais inteligente.

— Bate, Coral! Bate nessa negrinhah! Ela está com quatro anos, mas o cípó se torce enquanto é novo.

— O que tem de ser, já nasce — respondia a minha mãe.

Fiquei preocupada, pensando: "O que será quarto anos? Será doce? Será doce?"

Sai correndo quando ouvi a voz do meu irmão convidando-me para iremos catar abóbordas.

O que me preocupava era o dia de sábado. Quo agi-tação! Homens e mulheres preparando-se para irem ao baile. Será que o baile é indispensável na vida dos homens? Pedia a minha mãe para levá-la ao baile. Queria ver o que era baile, que deixava os negros ansiosos. Ficavam no baile mais de cem vezes ao dia.

Baile... deve ser uma coisa muito boa, porque os que falavam no baile sorriam. Mas o baile era à noite, e a noite eu estava com sono.

Eu invejava as mulheres. E queria crescer para arranjar um namorado.

Um dia vi duas mulheres brigando por causa de um homem. Elas puxavam os cabelos e diziam: — Ele é meu, desagregada! Cadela! Sua-hergona! Se eu souber que você dormiu com ele, eu te matar!

Fiquei abismada. Será que o homem é tão bonito assim? Por que as mulheres brigam por eles? Enfio o homem é melhor do que cocada, pé-de-moleque, bananas fritas com bife? Por que será que as mulheres querem casar-se?

Será que o homem é melhor do que banana frita com açúcar e canela? Será que o homem é mais gostoso do que arroz com feijão e frango? Será que quando eu

ficar grande conseguirei um homem para mim? Quero um homem bem bonito!

As minhas adéias variavam de minuto a minuto iguais às nuvens no espaço que formam belíssimos cenários, porque se o céu fosse sempre assim não seria gracioso.

Um dia perguntei a minha mãe:

— Mamãe, eu sou gente ou bicho?

— Você é gente, minha filha?

— O que é ser gente?

A minha mãe não respondeu.

À noite eu olhava o céu. Mirava as estrelas e pensava. "Será que as estrelas falam? Será que elas dancam aos sábados? Sabido hei de olhar para ver se elas estão dançando. No céu deve ter estrela mulher e estrela homem. Será que as estrelas mulheres brigam por causa dos homens? Será que o céu é só onde estou vendo?"

Quando eu ia buscar leitinha com a minha mãe, avistava o céu ao mesmo formado.

No meio eu vi um homem cortar uma árvore. Fiquei com inveja e decidi ser homem para ter forças. Fui procurar a minha mãe e supliquei-lhe:

— Mamãe... eu quero virar homem. Não gosto de ser mulher! Vamos, mamãe! Faça eu virar homem!

Quando eu queria algo, era capaz de chorar horas e horas.

— Vai deitar-se. Amanhã, quando despertar, você já virou homem.

— Que bom! Que bom! — exclamei sorrindo.

Quando eu virar homem vou comprar um machado para derrubar uma árvore. Sorrindo e transbordando de alegria, pensei que precisava comprar uma navalha para fazer a barba, uma corrente para amarrar as calças. Comprei um cavalo, arreios, chapéu de abas largas e um chapéu.

coce. Pretendia ser um homem correto. Não ia beber piada. Não ia roubar, porque não gosto de latirão. Deitei e adormeci. Quando despertei, fui procurar a minha mãe e lamentei:

— Eu não virei homem! A senhora me enganou. E ergui o vestido para ela ver.

Seguiu a minha mãe por todos recantos, chorando e pedindo:

— Eu quero virar homem! Eu quero virar homem. Eu quero virar homem.

Falava o dia todo.

As vizinhas ficavam impacientes e diziam:

— Dona Cota, espacana essa negrinha! Que menina cacetete. Macaca.

Miaia mião tolerava e dizia:

— Quando você ver o arco-íris, você passa por debaixo dele que você vira homem.

— Eu não sei o que é arco-íris, mamãe!

— É o arco-dá-vella.

— Ah! Sim...

E o meu olhar girou-se para o céu. Sendo assim, não que esperar quando chover. E o arco-íris aparecer. Por uns dias deixei de chorar.

Uma noite choveu. Levantei para ver se o arco-íris estava visível. Minha mãe acompanhou-me para ver o que eu estava fazendo. Vendo-me olhar o céu, perguntou-me:

— O que está procurando?

— O arco-íris, mamãe.

— O arco-íris não sai à noite.

Minha mãe falava pouco.

— Por que é que você quer virar homem?

— Quero ter a força que tem o homem. O homem pode cortar uma árvore com um machado. Quero ter a

coragem que tem o homem. Ele anda nas matas e não tem medo de cobras. O homem que trabalha ganha mais dinheiro do que uma mulher e fica rico e pode comprar uma casa bonita para morar.

Minha mãe sorriu e levou-me para a cama. Mas quando se aborecia com os meus interrogatórios espantava-me.

A minha madrinha de batismo é quem me defendia. Ela era branca. Quando comprava um vestido para ela, comprava outro para mim. Penteava meus cabelos e beijava-me. Eu pensava que era importante porque a minha madrinha era branca.

Bu Pensava em comer só as coisas gostosas. Lembro que quando comi bananas fritas com canela, disse: — Que coisa gostosa! — E por vários dias eu fiquei pensando nas bananas fritas com canela. Se eu pudesse comer mais um pouquinho! Se eu pudesse comer novamente!

Comi cocada em lata. Oh, que coisa gostosa! E fiquei pensando na cocada em lata. A primeira vez que vi sardinha em lata e comi a sardinha com pão... pobre mamãe! Não mais teve sossêgo. Eu pedia a todos os instantes:

— Quero aquela coisa gostosa. Quero aquela coisa gostosa! — E seguia minha mãe por todos os recantos.

Aí ia Teresa perguntou:

— O que é que ela quer?

Ouvii minha mãe dizer:

— Quer sardinha com pão.

E assim fiquei sabendo que aquela coisa gostosa era sardinha.

Ela era insuportável. Quando queria alguma coisa era capaz de chorar dia e noite até conseguir. Eu era per-

sistente em todos os caprichos. Pensava que o importante é conseguir o que desejamos.

E os meus desejos eram satisfatórios. O único meio de minha mãe conseguir paz era me contentar. A minha mãe era tolerante. Me olhava, sorria e dizia:

— Veja a cara dela!

Não me espacava.

As vizinhas me olhavam e diziam:

— Que negrinha feia! Além de feia, antipática. Se ela fosse minha filha eu matava.

Minha mãe me olhava e dizia:

— Mãe não mata o filho. O que a mãe precisa ter é um esqueço de paciência.

O senhor Eurípedes Barsanulfo disse-me que ela é poetisa!

— Por que é que a senhora se apelhou?

— Quando estávamos na igreja, temos que ajoelhar para saudar o Santíssimo Sacramento no altar.

As mulheres da roça estavam na cidade para crismar as crianças. Usavam vestidos compridos e estampados. Os cabelos eram penteados em coqueis, ou cachos, ou estilo tranças com fitas. O bispo era de Uberaba. A minha madrinha me explicava que o padre batizava e o bispo crismava.

As velas estavam acesas. Os que entravam na igreja levavam flores. E a fúria das cores alegrava o templo santo. O perfume do incenso e das flores mesclava-se. Aquilo para mim era um desbanhamento. Depois que minha madrinha crismou-me, voltamos a pé. Eu achei um lenço e a minha madrinha disse que eu poderia usá-lo depois que o lavasse.

Pensei agora realho que desobedecer à minha madrinha rica que tem dez mil réis. Fiquei pensando: "Terinho três madrinhas, qual é a melhor? Uma preta, uma mulata e a outra branca." A branca era rica boazinha que eu a achorhei de madrinha doce. A sra. Maruca era preta. Mas era carinhosa, pentearia e trançava os meus cabelos. A madrinha Marizé que me crismou era mulata. A madrinha Mariinha era a branca.

Minha mãe dizia:
— Quando a mãe morre, a madrinha é obrigada a criar o filho. A madrinha é a segunda mãe. Você não pode xingar as suas madrinhas, você tem que respeitá-las.

Eu era magrinha e o vestido era folgado, eu parecia um palto dentro do vestido. Eu ia observando tudo. Que alegria quando chegamos na casa de minha madrinha! Almoçamos sentadas na mesa. Arroz, feijão, morango! Almoçamos sentadas na mesa. Arroz, feijão, morango!

AS MADRINHAS

Quando a minha mãe ia trabalhar, deixava-me aos cuidados de minha madrinha, a sra. Maruca. Quando completei sete anos, a minha mãe convidou a dona Maruca para crismar-me. Ela comprou um vestido de chita para eu usar. Quando vesti o vestido, pensei que estava muito bonita. Olhava todos que passavam pelas ruas para ver se estavam me olhando por eu estar usando um vestido novo. Como é bom ser criança, época em que tudo que é novo tem imenso valor para nós! Eu estava descalça porque a minha mãe não pôde comprar um "pé de anjo" para mim.

Fui com a minha madrinha para a igreja. Ela alugou um carro de praça. O cochileiro do carro era o primo mulato de minha mãe, José Marcelino. Ele cobrou quinze réis por pessoa. A minha madrinha deu-lhe dez mil réis. Eu pensei: "Puxa, ela tem muito dinheiro! Já sou importante, tenho uma madrinha rica."

As pessoas adultas circulavam pelas ruas acompanhadas das crianças, segurando-as pelas mãos. A igreja estava superlotada. Os altares enfeitados com flores cor-de-rosa.

A minha madrinha fez o genuflexão. Perguntei:

resno, carne de porco e quiabos. A soberba: arrogante com canela. Oh, que coisa gostosa!

— Se eu pudesse comer outra vez!
Fiquei com vergonha. Minha mãe havia-me recomendado: ou devia ser bem-educada com as minhas madrinhas. Se a mãe mandar o filho ir para o inferno, só a madrinha é quem vai retirar a criança quando é o seu afilhado.

Para mim o mundo consistia em comer, crescer e brincar. Eu pensava: o mundo é gostoso para viver nele. Eu nunca hei de morrer para não deixar o mundo. O mundo há de ser sempre meu. Se eu morrer, não vou ver o sol, não vou ver a lua, nem as estrelas. Se eu me entusiasmasse com Deus ia pedir-lhe: "Deus, dê o mundo para mim!"

Passei o dia com a minha madrinha. Às oito e meia da noite eu fui para minha casa. Mas o meu desejo era morar definitivamente com a minha madrinha. Não comentei o dia feliz que passei. Mas pensei constantemente na minha madrinha.

Deitei e adormeci logo. Quando os pássaros iniciaram a sinfonia matinal, eu deixei o leito, abfui-me e fui correndo para a casa de minha madrinha. Quando ela abriu a porta eu pulei para dentro e disse-lhe:

— A bênção, madrinha!

Ela assustou e respondeu:

— Deus... re... abenço...

Passei o dia com a minha madrinha. Ela deu-me bananas fritas com canela.

— Hum, que coisa gostosa!

Eu estava surpreendida com aquela madrinha que me dava coisas gostosas para eu comer. Puxa, como é bem ter uma madrinha!

No outro dia levantei e fui correndo para a sua casa.

Assim que ela abria eu disse:

— A bênção, madrinha!

Ela respondeu dividindo as palavras:

— Deus... re... abenço...

Passei o dia com a minha madrinha mas não comi doces. À tarde fui para casa descontente. Mas mesmo assim, quando o dia desportou, lá fui eu correndo. Quando ela abriu a porta, estava eu:

— A bênção, madrinha.

Ela não me respondeu, mas fez assim:

— Hum... hum... hum...

Olhou-me e disse:

— Se eu soubesse não crismava essa menina. Fiquei magoadíssima. Fui para casa tristonha. E fui: "Nunca mais hei de ir na casa de minha madrinha!" No início ela não se preocupou. Passaram-se meses e anos. De vez em quando ela mandava um prato de carne picadinhada lá em casa. Só o cheiro despertava o apetite. Nós comíamos. Eu comia a maior parte, porque era para mim que ela enxervava. O meu irmão me invejava.

— Você sim é que tem madrinha boa. Minha mãe mandava eu levar os pratos. Eu não ia para não quebrar o jarramento. O meu irmão levava-os. Ela criava uma menina que fazia o serviço rudimentar: sair de manhã para procurar cortagem para os porcos.

Minha madrinha adoeceu, eu não fui visitá-la. Ela morreu, eu não fui ao enterro. Não fui vê-la pela última vez. Tinha opinião e dizia que quando me desligo de alguém há de ser para sempre. Resararam o torso. Eu não compareci.

O meu padrinho Cassiano e a menina ficaram cuidando da casa. De manhã, lá ia a menina retirar as cortagens do hotel. Cortava os pedaços de carne que encontra-

trava na coragem e guardava. Depois fervia água e des-
pejava na coragem.

O meu padrinho estava em casa. Deixou o trabalho
acé normalizar a sua vida novamente. Observava a me-
ma trabalhar para ver se ela sabia cuidar da casa. Ela pe-
gava uma mermelada, retirava a gordura coagulada da cor-
agem e dizia:

— Olha, tio Cassiano, esta coragem o senhor pode
dar aos porcos porque eu já recolhi a gordura.

Perguntou o meu padrinho preocupado:

— O que é que você faz com essa gordura?

— Com esta gordura eu vou fazer a mermelada. A ma-
drinha fazia assim.

— E aquela carne que você retira da coragem?

— Aquela carne a madrinha cortava, depois picava e
refogava com cheiro-verde e tomate e fazia a agua.

— E aquele pão duro que você guarda?

— Aquele pão duro, a madrinha amolecia no leite
de cabra e deixava no forno. Nós comíamos com café e
ficava gostoso.

— E o dinheiro que eu dava para ela fazer as com-
pras?

— Ela guardava dentro de uma lata.

— Onde está a lata?

A menina condusse o meu padrinho para o quarto,
puxou um coiro que estava debaixo da cama, reteveu
um saco que estava dentro do coiro e dentro do saco
estava uma lata com o dinheiro.

O meu padrinho ficou admirado com a quantidade
de moedas de dois mil réis, de notas de cinco, dez, cia-
quenta, cem e duzentos. Passaram a tarde contando o di-
nheiro: treze contos. Ele ficou abismado pensando com
que finalidade ela apanhava aquele dinheiro. Perguntou-

— Ela dizia que era para construir uma casa com al-
pendre para ela andar pra lá e pra cá.

O meu padrinho exaltou-se:

— Cadê! Ordinaria! Me dava coragem para eu
correr só para alijar dinheiro. Ela devia ser louca!

— E ela comeia?

— Comia, padrinho.

O meu padrinho deu um longo suspiro, comentan-
do:

— Infelizmente o homem não conhece a sua esposa
profundamente, não sabe com quem se casa. Há quanto
tempo será que essa comendo esse tipo de comida?
Que sacrifício tremendo para conseguir uma casa com
alpendre somente para andar pra lá e pra cá.

Quando a minha mãe soube, cuspiu e disse:
— Ela me convidava para eu ir almoçar o picalinho
com angu. Eu estava sempre prometendo que ia, mas
não tinha tempo.

O meu irmão comentou:

— O que não mata, engorda.

Com os treze contos o meu padrinho comprou ter-
ras para plantar lavoura. Quinze alqueires de terra. Era o
seu sonho concretizado. Mas ele saboreava em silêncio.
Disse que o dinheiro mais bem-empregado era o di-
nheiro que se gasta comprando terras. Os que compram
terrás não estão empobrecendo, estão enriquecendo.

Compraria novas nupcias. Quivi dizer que ficou rico.
Como se vê, todos têm um ideal que é o combusí-
vel da alma. A minha madrinha poderia ter construído a
sua casa com alpendre para andar pra lá e pra cá...
Quando a minha madrinha Matilde não tinha nada
em casa para comer, ela pegava um prato vazio e um
garfo e ficava de pé na porta principal de sua casa, fin-
gindo que estava comentando e dizendo:

— Faço isso para os meus vizinhos verem que eu não passo fome, porque sempre existe um vizinho de língua grande.

3

A FESTA

Eu ficava horrorizada quando via as mulheres abraçando os homens. Pensava:

"Por que será que as mulheres abraçam os homens, e os homens ficam contentes com os carinhos das mulheres?"

O que preocupava a minha mãe era a minha meninidade. Se alguém lhe perguntasse:

— A tua filha é louca?

Ela respondia:

— A aparência é de louca. Mas não é.

Recordo quando a minha mãe teve uma menina. Nasceu morta e podre, com as carnes desligando-se dos ossos. As pessoas que iam visitá-la, saíam vomitando e comentando:

— Eu nunca vi ninguém nascer assim.

Eles diziam que era sífilis. Ficava pensando: "O que será sífilis? Quando será que hei de aprender tudo que há no mundo?" Minha mãe dizia que trabalhou demais, durante, lavando as colchas de algodão, mistas com lantecidas no tecer. Quando molhadas pesavam setenta quilos.

As vezes eu morava as agitações do povo comprando tecidos para confeccionar vestidos para usar no dia do ano-novo. Por que será que todos falam e sorriem neste dia? E estes dias eram comemorados com bailes. Quem será que inventou o baile? Mas eu morava que o dia do ano-novo era um dia igual aos outros com as suas missões e angústias.

Depois do ano-novo era o carnaval. Ercílio o mundo é sempre assim? Todos os anos é a mesma coisa? Mijinha mal disse que não.

O único mês que eu sabia que existia era o mês de maio. E os negros iam pedir esmolas. Sóiam com uma bandeira com o retrato de são Benedito. Quando chegavam nas casas dos ricos, as madames introduziam a bandeira dentro dos quartos e salas suplicando ao santo que lhes auxiliasse. Embora elas trivessem casas para morar e alugar, roupas bonitas, comida em abundância, surpreendavel, banheiros com água quente para tomar banho todos os dias. Vivendo com conforto, ainda pediam o auxílio dos santos. Puxa! Será que os ricos não se contentam com o que têm? Para que esses desatinos para ficar rico, se quando morre deixa tudo! Elas davam a esmola, mas faziam inúmeros pedidos.

No dia da festa, o Amédico de Sousa, filho de ricô, era alegre e jocoso. Para assustar os negros que dançavam a coreografia pelas ruas, ele levantava às três da manhã e fazia três cruzes de cintas no meio da ponte que ia para o largo do Rosário. Quando os negros que dançavam à coreografia iam atravessar a ponte e viam as cruzes, ficavam com medo pensando que era feitiço. O Ameriquinho, reunido com os outros brancos, dava risadas.

Mas o José Santuário, que era o gali da festa e tinha um reino de conga, falava por cima das cruzes de cintas e era aclamado herói pelo povo. Depois que o Santuário havia pulado por cima das cruzes, o feitiço deveria ir para ele.

As vezes eu morava as agitações do povo comprando tecidos para confeccionar vestidos para usar no dia do

ano-novo. Por que será que todos falam e sorriem neste dia? E estes dias eram comemorados com bailes. Quem será que inventou o baile? Mas eu morava que o dia do ano-novo era um dia igual aos outros com as suas missões e angústias.

Depois do ano-novo era o carnaval. Ercílio o mundo é sempre assim? Todos os anos é a mesma coisa? Mijinha mal disse que não.

O que eu morava é que nas festas dos negros os brancos não iam. Um dia apareceu um senhor que não tinha as pernas. Distribuía uns convites convidando o povo para ir ouvi-lo tocar violão no cine Recreio. Tocava a valsa *Saudade do Matão*. A valsa já era por demais conhecida. Não foi um sucesso. Creio que estava aprendendo, porque não sabia ajustar a melodia tocando e a música cantando. Ou era mentiroso.

Variava o pobre homem!

— Fora! Vai tocar lá na China!

Que gargalhada. Todos sorriam, menos eu.

Porque a tristeza que notei no rosto do artista revelava que deveria existir qualquer coisa funesta na sua vida. Seria o complexo por não ter as pernas? Tinha hora que eu tinha um medo do mundo! Era quando ouvia os homens falarem nas dificuldades que há para um homem encontrar trabalho. O mundo não é um paraíso para o homem. A guerra do Paraguai foi trágica. os homens matavam-se com cunhões e bombas dinamites.

Quando eu estava com os adultos, ouvia eles falar coisas que eu não compreendia. Quando estava com as crianças, brincavam de rola, contavam as estórias de fadas. E da princesa que ia dançar no inferno, porque era namorada do diabo.

O povo já estava afioito para as festas juninas. E todos falavam em santo Antônio, são João Batista e são Pedro.

Uma mulher havia mandado um sei cortar a cabeça de são João Batista. Pensou: "As mulheres também mandam no mundo! Ah! então eu também vou mandar, só que não vou conseguir que cortem as cabeças dos ho-

mens. As mulheres brigam por causa dos homens, gostam de beijá-los, choram porque querem os homens e depois mandam cortar a cabeça de um homem."

Como odiei a mulher que mandou cortar a cabeça de São João Batista. Não dormi, pensando na dor que ele havia sentido. Foi o rei Herodes quem mandou cortá-la. Puxa! Então os reis são poderosos. Fiquei com medo dos reis, graças a Deus aqui no Brasil não temos rei. Um rei não deve ser mau. Ele deve ser bom.

Ouvia falar que haviam crucificado Jesus Cristo. Que Jesus Cristo também era um rei mas mais poderoso do que os outros reis.

As crianças estavam alegres porque na festa de São João iam comer batatadão e beber queijinho. Os homens cortavam a lenha para fazer as fogueiras, e preparavam o toldo para o baile.

Os dias de São João e Santo Antônio eram designados ao casamento. As mulheres diziam:

— Eu me casei no dia de Santo Antônio para ele me proteger.

Mas eu ouvia dizer que é o homem quem deve proteger a mulher depois que se casam. Como era linda a mentalidade infantil!

Eu achava o mundo feio e triste, quando estava com fome. Depois que almoçava achava o mundo belo.

Perguntei à minha mãe:

— O mundo é tão bom! Ele é sempre assim? Não respondi-me. Dirigi-me um olhar tão triste, um olhar que preocupou-me. Mas insisti.

— Mamãe! Mamãe... fala-me do mundo. O que quer dizer mundo?

Ela me deu dois tapas, saí correndo e chorando.

Minha tia Claudiinha disse:

— Você precisa dar um jeito nessa negrinha. Ela vai te deixar louca.

SER POBRE

Minha mãe me esparrava todos os dias. Quando eu não apenava sentia falta. Eu não compreendi que o vovô era o meu defensor.

O meu irmão era o predileto.

Quando a mania me bacia eu ia para a casa do meu avô. Era uma choça quatro águas coberta com capim. Semelhante às ocas dos índios que eu via nos livros. A casa do vovô era tão pobre!

Ela caiou quatro forquilhas e enterrou-as no chão. Pôs dois travessões e as tábua. Era a cama com um colchão de saco de estopa cheio de palha. Uma coberta reticulada no reuar, um plisô, uma roda de fiar o algodão, uma gamela para lavar os pés e duas panelas de ferro. Não tinham pratos, comiam na cua.

Sua Maraca, a mulher do meu avô, era boazinha. Não reclamava da vida. Era risinha. Não sei se aquele sorriso era um rito de resignação.

Todas as tardes o vovô recava um terço. Nós ajoelhávamos diante do crucifixo. Eu ficava horrorizada vendo os pregos nas mãos de Cristo. Que dor que ele deve ter sentido!

O homem devia ter superperverso para ter a coragem de pregar aqueles cravos nas mãos de Jesus Cristo. Não há mérito para os que matam o seu semelhante. Eles não vão receber troféus.

O vovô já estava queixando-se que estava sentindo dores nos rins mas mesmo assim foi ouvir o senhor Manoel Nogueira. Ele nos dizia que os fazendeiros estavam desesperados, os italianos abandonavam as fazendas. Quando elas viram os colonos brancos desinteressaram-se das lutas rudes dos campos, iam nas cidades à procura de colonos. Não faziam questão de cor. Não selecionavam. Quantas promessas! Diziam aos negros:

— Vocês podem ir para a minha fazenda. Eu mando construir um salão de baile para vocês. Eu mando buscar o saqueiro Jurião Maragoni, para tocar para vocês dançarem. E, no fim do ano, eu trago o *Jazz-band* Boco Doce, de Ribeirão Preto para tocar para vocês.

Mas os negros não iam porque na cidade também havia serviço, conseguiam muito pouco.

E o senhor Nogueira dizia:

— Eles tiraram o sítio Benedito da lavoura e colocaram o sítio Genírio. E a mania do brasileiro, tem o remédio no país, mas preferem importar da Europa.

E as lavouras de café foram enfraquecendo-se. O último recurso foi os fazendeiros deixarem suas terras e se estabelecerem-se nas cidades. Muitos deixavam suas terras chorando.

— É o início do fim do Brasil, porque agora nós vamos para a cidade e vamos ser consumidores, será uma minoria que irá produzir para uma maioria consumir. Eles prometiam aos negros:

— Voltem para a lavoura que nós vamos trar-lhos bem. Aceitamos as suas reivindicações.

A maioria dos negros eram analfabetos. Já haviam perdido a fé nos predoniantes e em si próprios.

O tráfico de negros iniciou-se no ano de 1515.

Terminou no ano de 1888. Os negros foram escravizados durante quase 400 anos.

Quando o negro envelhecia ia pedir esmola. Pedia esmola no campo. Os que podiam pedir esmolas na cidade eram só os mendigos oficializados. A Câmara dava uma chapa de metal com um número, depois de examinado pelo médico e ter comprovado a sua havidez. E o mendigo não podia emprestar dinheiro a juro. Eram fiscalizados.

Minha mãe lavava roupa por dia e ganhava cinco mil réis. Levava-me com ela. Eu ficava sentada debaixo dos arcozinhos. O meu olhar ficava circulando através das vidraças olhando os patrões comer na mesa. E com inveja dos pretos que podiam trabalhar dentro das casas dos ricos.

Um dia a minha mãe estava lavando roupa. Pretendia lavá-la depressa para arranjar dinheiro e comprar coisinha para nós. Os policiais prenderam-na.

Fiquei nervosa. Mas não podia dizer nada. Se reclasseasse o soldado me batia com um chicote de borracha.

E a notícia circulou.

— A Cota foi presa.

— Por quê?

Quando o meu irmão soube que a maniação estava presa começou a chorar. Rodivamos ao redor da cadeia chorando. A metade não resolveram soltá-la. Ficamos alegres. Ela nos agradecia depois chorosa.

Eu pensava: "É só só prens que vão presas."

Quando o senhor Manoel Nogueira soube ficou penalizado:

O tráfico de negros iniciou-se no ano de 1515. Os negros foram escravizados durante quase 400 anos.

O vovô já estava queixando-se que estava sentindo

dores nos rins mas mesmo assim foi ouvir o senhor Ma-

noel Nogueira. Ele nos dizia que os fazendeiros estavam

desesperados, os italianos abandonavam as fazendas.

Quando elas viram os colonos brancos desinteressaram-

-se das lutas rudes dos campos, iam nas cidades à pro-

cura de colonos. Não faziam questão de cor. Não selec-

cionavam. Quantas promessas!

Diziam aos negros:

— Vocês podem ir para a minha fazenda. Eu mando

construir um salão de baile para vocês.

Eu mando buscar

o saqueiro Jurião

Maragoni, para tocar para vocês

dançarem. E, no fim do ano, eu trago o *Jazz-band* Boco

Doce, de Ribeirão Preto para tocar para vocês.

Mas os negros não iam porque na cidade também

havia serviço, conseguiam muito pouco.

E o senhor Nogueira dizia:

— Eles tiraram o sítio Benedito da lavoura e colocaram o sítio Genírio. E a mania do brasileiro, tem o remédio no país, mas preferem importar da Europa.

E as lavouras de café foram enfraquecendo-se. O último recurso foi os fazendeiros deixarem suas terras e se estabelecerem-se nas cidades. Muitos deixavam suas terras chorando.

— É o início do fim do Brasil, porque agora nós

vamos para a cidade e vamos ser consumidores, será uma

minoria que irá produzir para uma maioria consumir.

Eles prometiam aos negros:

— Voltem para a lavoura que nós vamos trar-lhos

bem. Aceitamos as suas reivindicações.

A maioria dos negros eram analfabetos. Já haviam perdido a fé nos predoniantes e em si próprios.

O tráfico de negros iniciou-se no ano de 1515. Os negros foram escravizados durante quase 400 anos.

O vovô já estava queixando-se que estava sentindo

dores nos rins mas mesmo assim foi ouvir o senhor Ma-

noel Nogueira. Ele nos dizia que os fazendeiros estavam

desesperados, os italianos abandonavam as fazendas.

Quando elas viram os colonos brancos desinteressaram-

-se das lutas rudes dos campos, iam nas cidades à pro-

cura de colonos. Não faziam questão de cor. Não selec-

cionavam. Quantas promessas!

Diziam aos negros:

— Vocês podem ir para a minha fazenda. Eu mando

construir um salão de baile para vocês.

Eu mando buscar

o saqueiro Jurião

Maragoni, para tocar para vocês

dançarem. E, no fim do ano, eu trago o *Jazz-band* Boco

Doce, de Ribeirão Preto para tocar para vocês.

Mas os negros não iam porque na cidade também

havia serviço, conseguiam muito pouco.

E o senhor Nogueira dizia:

— Eles tiraram o sítio Benedito da lavoura e colocaram o sítio Genírio. E a mania do brasileiro, tem o remédio no país, mas preferem importar da Europa.

E as lavouras de café foram enfraquecendo-se. O último recurso foi os fazendeiros deixarem suas terras e se estabelecerem-se nas cidades. Muitos deixavam suas terras chorando.

— É o início do fim do Brasil, porque agora nós

vamos para a cidade e vamos ser consumidores, será uma

minoria que irá produzir para uma maioria consumir.

Eles prometiam aos negros:

— Voltem para a lavoura que nós vamos trar-lhos

bem. Aceitamos as suas reivindicações.

A maioria dos negros eram analfabetos. Já haviam perdido a fé nos predoniantes e em si próprios.

O tráfico de negros iniciou-se no ano de 1515. Os negros foram escravizados durante quase 400 anos.

O vovô já estava queixando-se que estava sentindo

dores nos rins mas mesmo assim foi ouvir o senhor Ma-

noel Nogueira. Ele nos dizia que os fazendeiros estavam

desesperados, os italianos abandonavam as fazendas.

Quando elas viram os colonos brancos desinteressaram-

-se das lutas rudes dos campos, iam nas cidades à pro-

cura de colonos. Não faziam questão de cor. Não selec-

cionavam. Quantas promessas!

Diziam aos negros:

— Vocês podem ir para a minha fazenda. Eu mando

construir um salão de baile para vocês.

Eu mando buscar

o saqueiro Jurião

Maragoni, para tocar para vocês

dançarem. E, no fim do ano, eu trago o *Jazz-band* Boco

Doce, de Ribeirão Preto para tocar para vocês.

Mas os negros não iam porque na cidade também

havia serviço, conseguiam muito pouco.

E o senhor Nogueira dizia:

— Eles tiraram o sítio Benedito da lavoura e colocaram o sítio Genírio. E a mania do brasileiro, tem o remédio no país, mas preferem importar da Europa.

E as lavouras de café foram enfraquecendo-se. O último recurso foi os fazendeiros deixarem suas terras e se estabelecerem-se nas cidades. Muitos deixavam suas terras chorando.

— É o início do fim do Brasil, porque agora nós

vamos para a cidade e vamos ser consumidores, será uma

minoria que irá produzir para uma maioria consumir.

Eles prometiam aos negros:

— Voltem para a lavoura que nós vamos trar-lhos

bem. Aceitamos as suas reivindicações.

A maioria dos negros eram analfabetos. Já haviam perdido a fé nos predoniantes e em si próprios.

O tráfico de negros iniciou-se no ano de 1515. Os negros foram escravizados durante quase 400 anos.

O vovô já estava queixando-se que estava sentindo

dores nos rins mas mesmo assim foi ouvir o senhor Ma-

noel Nogueira. Ele nos dizia que os fazendeiros estavam

desesperados, os italianos abandonavam as fazendas.

Quando elas viram os colonos brancos desinteressaram-

-se das lutas rudes dos campos, iam nas cidades à pro-

cura de colonos. Não faziam questão de cor. Não selec-

cionavam. Quantas promessas!

Diziam aos negros:

— Vocês podem ir para a minha fazenda. Eu mando

construir um salão de baile para vocês.

Eu mando buscar

o saqueiro Jurião

Maragoni, para tocar para vocês

dançarem. E, no fim do ano, eu trago o *Jazz-band* Boco

Doce, de Ribeirão Preto para tocar para vocês.

Mas os negros não iam porque na cidade também

havia serviço, conseguiam muito pouco.

E o senhor Nogueira dizia:

— Eles tiraram o sítio Benedito da lavoura e colocaram o sítio Genírio. E a mania do brasileiro, tem o remédio no país, mas preferem importar da Europa.

E as lavouras de café foram enfraquecendo-se. O último recurso foi os fazendeiros deixarem suas terras e se estabelecerem-se nas cidades. Muitos deixavam suas terras chorando.

— É o início do fim do Brasil, porque agora nós

vamos para a cidade e vamos ser consumidores, será uma

minoria que irá produzir para uma maioria consumir.

Eles prometiam aos negros:

— Voltem para a lavoura que nós vamos trar-lhos

bem. Aceitamos as suas reivindicações.

A maioria dos negros eram analfabetos. Já haviam perdido a fé nos predoniantes e em si próprios.

O tráfico de negros iniciou-se no ano de 1515. Os negros foram escravizados durante quase 400 anos.

O vovô já estava queixando-se que estava sentindo

dores nos rins mas mesmo assim foi ouvir o senhor Ma-

noel Nogueira. Ele nos dizia que os fazendeiros estavam

desesperados, os italianos abandonavam as fazendas.

Quando elas viram os colonos brancos desinteressaram-

-se das lutas rudes dos campos, iam nas cidades à pro-

cura de colonos. Não faziam questão de cor. Não selec-

cionavam. Quantas promessas!

Diziam aos negros:

— Vocês podem ir para a minha fazenda. Eu mando

construir um salão de baile para vocês.

Eu mando buscar

o saqueiro Jurião

Maragoni, para tocar para vocês

dançarem. E, no fim do ano, eu trago o *Jazz-band* Boco

Doce, de Ribeirão Preto para tocar para vocês.

Mas os negros não iam porque na cidade também

havia serviço, conseguiam muito pouco.

E o senhor Nogueira dizia:

— Eles tiraram o sítio Benedito da lavoura e colocaram o sítio Genírio. E a mania do brasileiro, tem o remédio no país, mas preferem importar da Europa.

E as lavouras de café foram enfraquecendo-se. O último recurso foi os fazendeiros deixarem suas terras e se estabelecerem-se nas cidades. Muitos deixavam suas terras chorando.

— É o início do fim do Brasil, porque agora nós

vamos para a cidade e vamos ser consumidores, será uma

minoria que irá produzir para uma maioria consumir.

Eles prometiam aos negros:

— Voltem para a lavoura que nós vamos trar-lhos

bem. Aceitamos as suas reivindicações.

A maioria dos negros eram analfabetos. Já haviam perdido a fé nos predoniantes e em si próprios.

O tráfico de negros iniciou-se no ano de 1515. Os negros foram escravizados durante quase 400 anos.

O vovô já estava queixando-se que estava sentindo

dores nos rins mas mesmo assim foi ouvir o senhor Ma-

noel Nogueira. Ele nos dizia que os fazendeiros estavam

desesperados, os italianos abandonavam as fazendas.

Quando elas viram os colonos brancos desinteressaram-

-se das lutas rudes dos campos, iam nas cidades à pro-

cura de colonos. Não faziam questão de cor. Não selec-

cionavam. Quantas promessas!

Diziam aos negros:

— Vocês podem ir para a minha fazenda. Eu mando

construir um salão de baile para vocês.

Eu mando buscar

o saqueiro Jurião

Maragoni, para tocar para vocês

dançarem. E, no fim do ano, eu trago o *Jazz-band* Boco

Doce, de Ribeirão Preto para tocar para vocês.

Mas os negros não iam porque na cidade também

havia serviço, conseguiam muito pouco.

E o senhor Nogueira dizia:

— Eles tiraram o sítio Benedito da lavoura e colocaram o sítio Genírio. E a mania do brasileiro, tem o remédio no país, mas preferem importar da Europa.

E as lavouras de café foram enfraquecendo-se. O último recurso foi os fazendeiros deixarem suas terras e se estabelecerem-se nas cidades. Muitos deixavam suas terras chorando.

— É o início do fim do Brasil, porque agora nós

vamos para a cidade e vamos ser consumidores, será uma

minoria que irá produzir para uma maioria consumir.

Eles prometiam aos negros:

— Voltem para a lavoura que nós vamos trar-lhos

bem. Aceitamos as suas reivindicações.

A maioria dos negros eram analfabetos. Já haviam perdido a fé nos predoniantes e em si próprios.

O tráfico de negros iniciou-se no ano de 1515. Os negros foram escravizados durante quase 400 anos.

O vovô já estava queixando-se que estava sentindo

dores nos rins mas mesmo assim foi ouvir o senhor Ma-

noel Nogueira. Ele nos dizia que os fazendeiros estavam

desesperados, os italianos abandonavam as fazendas.

Quando elas viram os colonos brancos desinteressaram-

-se das lutas rudes dos campos, iam nas cidades à pro-

cura de colonos. Não faziam questão de cor. Não selec-

cionavam. Quantas promessas!

Diziam aos negros:

— Vocês podem ir para a minha fazenda. Eu mando

construir um salão de baile para vocês.

Eu mando buscar

o saqueiro Jurião

Maragoni, para tocar para vocês

dançarem. E, no fim do ano, eu trago o *Jazz-band* Boco

Doce, de Ribeirão Preto para tocar para vocês.

Mas os negros não iam porque na cidade também

havia serviço, conseguiam muito pouco.

E o senhor Nogueira dizia:

— Eles tiraram o sítio Benedito da lavoura e colocaram o sítio Genírio. E a mania do brasileiro, tem o remédio no país, mas preferem importar da Europa.

E as lavouras de café foram enfraquecendo-se. O último recurso foi os fazendeiros deixarem suas terras e se estabelecerem-se nas cidades. Muitos deixavam suas terras chorando.

— É o início do fim do Brasil, porque agora nós

vamos para a cidade e vamos ser consumidores, será uma

minoria que irá produzir para uma maioria consumir.

Eles prometiam aos negros:

— Voltem para a lavoura que nós vamos trar-lhos

bem. Aceitamos as suas reivindicações.

A maioria dos negros eram analfabetos. Já haviam perdido a fé nos predoniantes e em si próprios.

O tráfico de negros iniciou-se no ano de 1515. Os negros foram escravizados durante quase 400 anos.

O vovô já estava queixando-se que estava sentindo

dores nos rins mas mesmo assim foi ouvir o senhor Ma-

noel Nogueira. Ele nos dizia que os fazendeiros estavam

desesperados, os italianos abandonavam as fazendas.

Quando elas viram os colonos brancos desinteressaram-

-se das lutas rudes dos campos, iam nas cidades à pro-

cura de colonos. Não faziam questão de cor. Não selec-

cionavam. Quantas promessas!

Diziam aos negros:

— Vocês podem ir para a minha fazenda. Eu mando

construir um salão de baile para vocês.

Eu mando buscar

o saqueiro Jurião

Maragoni, para tocar para vocês

dançarem. E, no fim do ano, eu trago o *Jazz-band* Boco

Doce, de Ribeirão Preto para tocar para vocês.

Mas os negros não iam porque na cidade também

havia serviço, conseguiam muito pouco.

E o senhor Nogueira dizia:

— Eles tiraram o sítio Benedito da lavoura e colocaram o sítio Genírio. E a mania do brasileiro, tem o remédio no país, mas preferem importar da

— Coitada da Cota. Não faz mal a ninguém.

Para prender alguém é preciso existir motivos. O que eu não posso compreender é como é que eles podem aceitar um tipo analfabeto para ser policial. De duzentos homens, apenas dez sabiam ler. O último recusou era aceitar o policial analfabeto. Quando eles recebiam faziam uma cruz, para provar que haviam recebido o soldo.

Um dia, eu andava pelas ruas, ia contente. Ganhei uma lima ia oferecer à minha mãe quando apareceu o Humbertinho e me trouxe a lima. Chorei. Ele era branco. Tinha servido no exército. As vezes ele vestia a farda. Parecia o Rodolfo Valentim, era mais bonito. Quando eu encontrava-o, xingava:

— Me dá a minha lima! Me dá a minha lima.

Todos temiam-no, ele era filho do juiz. E o juiz mandava prender. Ele dava varão ao seu insinuado satânico. Uma tarde quando eu passava na frente de sua casa, ele abordou-me e me jogou várias limas no rosto, nas pernas. Que dor! Então eu xinguei:

— Cachorro ordinário, ninguém aqui gosta de você!

Vai embora, você é um sujo. Foram contar ao doutor Brand que foi ver a nossa discussão. Ele não compreendia por que aquelas limas esgravam no chão espalhacadas. Eu xingava:

— Este ordinário vive pogando no seio das meninas pobres, aperta e deixa elas chorando mas em mim você não vai encostar as suas mãos.

O doutor Brand interferiu:

— Você não tem educação?

— Eu tenho. O seu filho é que não tem.

— Cala a boca. Eu posso te interrogar.

— Para o seu filho fazer porcaria em mim, como faz com as meninas que o senhor recolhe? É melhor le para

o inferno do que ir para a sua casa. Doutor Brand, aqui todos falam do senhor, mas ninguém tem coragem de falar para o senhor. Os grandes não têm coragem de chegar e falar! O seu filho entra nos quinzeiros dos pobres e rouba as frutas.

Foram avisar à minha mãe que eu estava brigando com o doutor Brand. Foram avisar os soldados. O povo cortou para ver a briga. Quando o doutor Brand caminhou na minha direção, não corri e ele não me bateu.

Minha mãe pôs-me:

— Cala a boca, cadel!

Gritei:

— Deixa, isto aqui é uma briga de homem com homem. Pálei!

— Olha doutor Brand, o seu filho me roubou uma luna. Todos têm medo dele, eu não tenho! Ele não recebe convite para as festas dos ricos porque os ricos não querem misturar-se com ele.

— Cala a boca negrinha astuciosa.

— Atrevido é o seu filho porque é filho de paiz, não respeita ninguém.

Quando ele ia me bater, eu disse-lhe:

— O Rui Barbosa falou que os brancos não devem roubar, não devem matar. Não devem prevalecer porque é o branco quem predomina. A chave do mundo está nas mãos dos brancos, o branco tem que ser superior para dar o exemplo. O branco tem que ser semelhante ao mestre na orquestra. O branco tem que andar na linha.

O doutor Brand, disse:

— Vamos parar, eu vou deixar a sua cidade.

Minha mãe pegou a minha mão e levou-me para casa. O povo pedia:

— Não bate nela.

Nem os soldados não meceram comigo. Minha mãe não deixava eu sair de casa. Três dias depois o doutor Brand deixou a cidade. Disse que ia para o Rio de Janeiro.

Que dó que eu tive do doutor Brand. Chorei com dó da dona Sinhá, a esposa do juiz. Que mulher boazinha!

Quando me viam nas ruas, as pessoas sorriam para mim dizendo:

— Que menina inteligente, nos defendeu! Lembrou a cidade.

Todos me davam presentes. Ganhei vestidos novos e usados. As filhas do farmacêutico José Nervo me deram dois vestidos de lese e me perguntavam:

— Você já sabe ler?

— Não senhora.

— Puxa, quando souber então! Você promete, menina.

Diziam que foram as palavras de Rui Barbosa, que mencionei, que fizeram o juiz retroceder. Que eu falava por intermédio de um espírito. E que eu ouvia o senhor Nogueira ler *O Estado de São Paulo*.

A nossa vida melhorou para a dona Mariquinha, esposa do senhor José Samurim. Que família boa! Povo culto. Eram espíritas. O quintal era amplo, com várias árvores frutíferas.

Eu acompanhava o filho do patrício que ia matar os passarinhos. Os passaros já nos conheciam. Voavam quando nos viam. Eu e o Elbandinho ficamos amigos. Uma amizade gostosa, só para brincarmos juntos.

Na pensão do senhor José Samurim residia um cego, o senhor Epifânio Rodrigues, que pedia esmola.

Quando os meninos condiziam-no pelas ruas, roubavam-lhe o dinheiro. Que coragem de roubar um cego! O ladrão não pode ir para o céu. Quando eu o conduzia, lhe entregava todo o dinheiro.

Ele dizia:

— Oh! Bixit! Você é tão correta que deveria ter nascido homem. O homem honesto e corerto é sol terrestre.

Eu pensava que deveria passar por debaixo do arco-íris, para virar o homem correto para auxiliar os homens. E chorava quando ele comentava:

— Como é triste ser cego! Oh! Deus! Pos que me deseja provação! Que mal eu fiz para receber tremendo castigo. As maladias que os maus praticam me causam náuseas mentais. Há os que, quando têm vista, utilizam-na para praticar o mal. Há os que passam a noite estudando, esforçando para inventar uma arma poderosa para aniquilar a humanidade.

Ficava com dó. Se eu pudesse dar-lhe um dos meus olhos! Mas, eu não posso! Revoltava-me pensando que todas as pessoas deveriam ser iguais. Repetia mentalmente as palavras do senhor Epifânio: "Que mal eu fiz a Deus para receber tão tremendo castigo!"

Então o Deus que o negro diz que é o nosso pai pode castigar um homem de forma tão impiedosa assim! Que castigo rude! Que devo fazer para não receber os castigos de Deus?

Ouvia falar de santa Luzia que era a protetora dos cegos. Supliquei-lhe para dar novos olhos aos três cegos de minha cidade. Erum o senhor Epifânio, o João cego, que era preto, e o senhor José cego. Ele era benzeedor. Benzia as crianças que estavam com quebanto, e as mulheres que escavavam com dor de cabeça. Ele benzia assim:

"Assim como Deus foi, Deus é.

Deus faz tudo que ele quer.

Menos fizer, fizer de Nazaré.

Nazir Sacerdote bonito seu filho para chorar.

Era bonito a Maria para soar.

Entende formidá, domada

preciosa, rimaí, ar mardela

do corpo da tua orixa. Amém!"

O meu cérebro anorava tudo que eu ouvia, sem esforço.

Ele moreou intoxicado. Foi o cidadão mais bonitão que já vi. Que pena. Um homem tão bom. O mundo para o céu deve ser horrívoro. Quivi uma mulher dizer que o corpo é o envelope da alma.

O João cego tocava violão e cantava. As pereirinhas iam procurá-lo para levá-lo aos bailes. Ele era um semeador naquele náüe, ouvindo o seu nome ser pronunciado por vários tons de vozes: João! João! João.

Mas, quando quis casar-se, não encontrou mulher. Ficou triste e adoeceu. Não procurou médico. Moreu com vinte e três anos.

Eis o motivo de sua cegueira. Ele estava com quase setenta. Sua mãe, dona Joaquina, deu-lhe um prato com sopa bem quente. Em seguida deu-lhe um banho na água fria. Deu-lhe uma congestão atingindo os olhos. Se o João tivesse encontrado uma mulher talvez teria forças para suportar a sua odisséia e levar na vida.

As mulheres pobres não tinham tempo disponível para cuidar dos seus larens. Às seis da manhã, elas deviam estar nas casas das paroas para acender o fogo e preparar a reficção matinal. Que coisa horrível! As que tinham mães deixavam com elas seus filhos e seus larens.

As empregadas eram obrigadas a cozinhar, lavar e passar. As reficções deviam ser preparadas com artifícios: cestinhas de tomates, recheadas com maionese, cestinhas de batatas, recheadas com presunto moído, azeitonas etc. As reficções eram servidas assim: primeiro uma sopa; após a sopa, servia-se arroz, feijão, carne, salsicha. Quando serviam peixes, usavam-se outros pratos e outros talheres. Por fim, a sobremesa e o café.

Querrias longa e talheres e panelas para serem lavadas! E tinha que arcar os talheres. Lavar os ladrilhos, esfregá-los com panos. Deixavam o trabalho às onzes da noite. Trabalhavam exclusivamente na cozinha. Era comum ouvir as pretas dizerem:

— Meu Deus! Estou tão cansada!

A comida que sobrava elas podiam levar para as suas casas. E nas suas casas, os seus filhos, que elas chamavam os negrinhos, ficavam acordados esperando a manicure chegar com a comida gostosa das casas ricas. No jantar as cozinheiras faziam mais comida, para sobrar. A comida que os pardões comiam no almoço, não comiam no jantar.

Uma boa cozinheira ganhava trinta mil-réis por mês. Quando vencia o mês e a cozinheira recebia, ela tinha a impressão de ser uma heroína. Enaltecia a si mesma dizendo:

— Eu sou forte! Não é qualquer uma que aguenta cozinhar para o doutor Souza.

Que orgulho, que vaidade, ser a cozinheira do doutor José da Cunha ou do presidente Franklin Vieira e José Afonso. Era comum ouvir os ricos dizerem:

— Sabo com quem você está falando? Eu sou o manda-chuva!

E as prestações às vezes diziam:

— Sabe com quem cê tá falando? Eu sou a cozinheira do presidente.

Aos sábados, as cozinheiras iam aos bailes. Que suílo cozinhar aos domingos, com sono. Mas depois do almoço elas podiam sair, passar até as quatro horas, e voltar para preparar o jantar. E elas não se sacavam.

No sábado seguinte iam dançar novamente até seis da manhã. Aos domingos elas deviam ir para o trabalho às sete horas, porque as patroas queriam dormir até as sete horas.

Quando as cozinheiras sentiam sono, iam lavar o rosto na água fria para despertá-la. O único medo era o de sair a coimida e a patroa dar a conta. Eram muitas pessoas para trabalhar e pouquíssimos os locais para trabalhar. A patroa era trunada como se fosse uma santa no altar. Se as patroas estivessem nervosas, as empregadas deveriam dizer:

— Sim senhoras! Se estivessem anáveis tinham que dizer:

— Sim senhora...

O homem pobre deveria gerar, nacer, crescer e viver sempre com paciência para suportar as filhucinhas dos donos do mundo. Porque só os homens ricos é que podem dizer "Sabe com quem você está falando?" para mostrar a sua superioridade.

Se o filho do patrício espalhasse o filho da cozinheira, ela não podia reclamar para não perder o emprego. Mas se a cozinheira tinha filha, pobrinha! O filho da patroa a utilizaria para o seu noviciado sexual. Meninas que ainda estavam pensando nas bonecas, nas ciranhas e cirandinhas eram brutalizadas pelos filhos do senhor Pereira, Moreira, Oliveira, e outros porqueiras que vieram do além-mai.

No fim de nove meses a negrinha era mãe de um mulato, ou pardo. E o povo fizava atribuindo paternidade: — Deve ser filho de Pelano! Deve ser filho de Saceno. Mas a mãe, negra, inciente e sem cultura, não podia revelar que o seu filho era neto do dono X, ou Y. Porque a mãe ia perder o emprego. Que luta para aquela mãe criar aquele filho! Quantas más solteras se suicidavam, outras morriam tísicas de tanto chorar.

O pai negro era afoitico; se pretendia reclamar, o patrício impunha:

— Cala a boca negro vadi! Vagabundo!

O único recurso, era entregar-se para Deus, que é o salvador dos pobres. E se o dono Oliveira que estudou em Coimbra dissesse:

— Negro ladão... aquilo ia transferindo-se de boca em boca. E aquele negro, sem nunca ter roubado, era um ladão. Porque o dono que estudou em Coimbra disse! E não se reabilitava jamais. E o preto era regional, não tinha coragem de deixar o seu território natal. Ficava por ali mesmo e transformava-se em chascota da molecada.

E o filho do senhor Oliveira, depois de faro da educação de mocinhas pobres, decidia casar-se com a filha do senhor Moreira, ela era rica. Ele namorava-a com todo respeito. Quando os negros reuniam-se falavam.

— Tem um banano, o dono Rui Barbosa, que quer que o negro vá à escola, mas os brancos falam que já deram a liberdade para os negros e chega...

Mas o Rui falava que a liberdade sem cultura e sem instrução não ia beneficiá-los. O negro inculcado seria nômade, indolente, e inimicável. Não seria um braço para impulsionar a Nação. Seria sempre uma boca. O analfabeto não tem forças para evoluir na vida. Ele seria sempre um mísico de onívoro.

E os negros gozavam do Rui, e da princesa Isabel. O meu avô contava que, após a libertação dos escravos, quando nascia uma negrinha, ao batizá-la, o padre já dizia sem perguntar o nome: Isabel.

O Rui dizia que o negro deveria ser conservado na lavoura. Que num país é necessário ter uma classe teórica. Ele ficaria no trabalho até às três da tarde e estudaria à noite. Mas os doutores de Coimbra diziam que quem deveria estudar eram os filhos da classe predominadora, e não os que deveriam ser predominados, que o sono e o sono não poderiam ter sapiência igual. O Rui dizia que a sapiência é nata. O estudo é para esclarecer. Ele faleceu no ano de 1923. Que pena para o país! Nas exclamações dos amigos e inimigos eles diziam:

— Será que vamos ter um governo que prepara o Brasil para os brasileiros?

UM POUCO DE HISTÓRIA

5

No ano de 1924, surgiu a revolta do general Isidoro Dias Lopes. Ninguém soube o porquê daquela revolução. Oposição contra o presidente Arthur Bernardes?

Promoveram uma campanha "Doe ouro para o bem do Brasil". E até em Sacramento, minha terra natal, apareceram angariadores de ouro. Em cada casa que eles chegavam recebiam qualquer objeto de ouro. Porque as donas daquela residência não queriam ficar desprestigiadas. Davam o ouro, e recebiam uma aliança de chumbo e cobre, com uma inscrição: "Dei ouro para o bem do Brasil". E as madamas usavam aquelas alianças com ênase.

Propagou-se que se arrecadassem noventa quilos de ouro. E o Brasil continuou com o seu povo analfabeto e ignorante outro sucessor de Rui Barbosa. Era o político marça registrada daquela época. Mesmo exatamente, ainda predominava.

E eu pensava: "Pois que é que estes bons homens, que gostam de auxiliar o povo, morrem? Quem deveria morrer e deve morrer, é só os imprestáveis." O povo falandos da revolução disse que houve muitos roubos nas grandes cidades, que as famílias amedrontadas deixavam

No ano de 1924, surgiu a revolta do general Isidoro Dias Lopes. Ninguém soube o porquê daquela revolução. Oposição contra o presidente Arthur Bernardes? Promoveram uma campanha "Doe ouro para o bem do Brasil". E até em Sacramento, minha terra natal, apareceram angariadores de ouro. Em cada casa que eles chegavam recebiam qualquer objeto de ouro. Porque as donas daquela residência não queriam ficar desprestigiadas. Davam o ouro, e recebiam uma aliança de chumbo e cobre, com uma inscrição: "Dei ouro para o bem do Brasil". E as madamas usavam aquelas alianças com ênase.

Propagou-se que se arrecadassem noventa quilos de ouro. E o Brasil continuou com o seu povo analfabeto e ignorante outro sucessor de Rui Barbosa. Era o político marça registrada daquela época. Mesmo exatamente, ainda predominava.

E eu pensava: "Pois que é que estes bons homens, que gostam de auxiliar o povo, morrem? Quem deveria morrer e deve morrer, é só os imprestáveis." O povo falandos da revolução disse que houve muitos roubos nas grandes cidades, que as famílias amedrontadas deixavam

as suas casas, e os ladeiros aproveitavam a ausência dos donos.

A revolução empolpeceu uns e enriqueceu outros. E aquela revolução deixou o Brasil em desordem. E na Bandeira está escrito: *Ordem e progresso*.

Os soldados usavam um distintivo no formato do mapa do Brasil. Verde com uma inscrição: "Esta terra tem donos!" Para nós que moravam lá no interior chegavam apenas os comentários, bem adulterados.

A revolução não afastou o governo do presidente Arthur Bernardes. Que dia?

— Eu sou o chefe da Nação. Entrei aqui para governar. Não vou incluir-me com os que falam muito. Com os tipos de idéias livres demais, esses tipos falantes e frustrados. Tenho compromisso moral com o meu povo. Que reconhece a minha boa vontade de servi-lo. Me considero um funcionário público.

E a revolução foi semelhante a uma tempestade. O povo dizia que o senhor Arthur Bernardes, antes de nacer, havia feito um curso diplomático, no ventre de sua mãe. Ele venceu os seus opositores com a sua arma poderosíssima: a educação. Podiam brigá-lo com ele, mas ele não brigava com ninguém. Era um homem que cresceu e tornou-se um homem. Não era desses tipos que são apenas homens na estatura. Mas continham molecos, infantis.

No ano de 1925, as escolas admitiam as alunas negras. Mas, quando as algumas negras voltavam das escolas, estavam chorando. Dizendo que não queriam voltar à escola porque os brancos falavam que os negros eram fedidos.

As professoras aceitavam os alunos pretos por impoção. Mas se o negro não passava de ano, as maes iam procurar as professoras e diziam:

— A senhora não deixou meu filho entrar no segundo ano porque ele é negro, mas ele já sabe ler e escrever o a-b-c. Os filhos de Júlio Bargas passaram de ano, as meninas de José Afonso também. Se eu pudesse com olho-olhado estragar a vida de uma professora como a senhora!

As professoras não respondiam. Compreendiam que havia mentalidades opostas. Uma pessoa culta é uma pessoa inculta não chegavam a uma concordia. Elas diziam que toda profissão tem seu lado negativo. Depois exclamavam:

— Os abolicionistas, vejam o que fizeram! Essa gente agora pensa que pode falar de igual para igual. Eu, na época da abolição, tinha mandado toda essa gente repaginante de volta para a África.

E os doutores de Coimbra insultavam D. Pedro II.

— Cão! Ele devia perder a nacionalidade portuguesa, estas terras devem permanecer colônia portuguesa. Naquela época, os dois únicos negros importantes eram Patrício Teixeira, um cantor, e o doutor Azevedo Costa de Uberaba. E os negros comentavam:

— Graças a Deus agora nós temos negros ilustres, temos um negro que canta nos discos e outro que dá receitas. As farmácias vendem os remédios que ele receita. O doutor Azevedo Costa tem um hospital que ele construiu:

Eu era pequena e ficava ouvindo os velhos falar e pensava: "Eu não hei de morrer sem conhecer o doutor Azevedo Costa. Como será que ele virou médico? Oh! se me fosse possível virar doutora... eu ia ser doutora Baltista."

Na cidade, o homem humano que estava no centro era o senhor Manoel Nogueira. Era mulato. E o mulato é o meio-termo da sociedade. Convive com os brancos e

com os presos. E com o nome de Nogueira, deveria ser filho de algum doutor de Coimbra. O senhor Manoel Nogueira passava o dia com os brancos porque era oficial de Justiça. E no entardecer ele sentava na porta de sua casa, e lia o jornal *O Estado de São Paulo* para não ouvirmos trechos que foram ditos pelo Rui Barbosa. Por exemplo, que cada estado deveria ceder terras para os negros cultivar. Mas este projeto não foi aprovado na Câmara.

O Brasil abria imigração para a Itália. Fomos receber seis mil italianos, dois mil iam para São Paulo, dois mil para o Rio Grande do Sul, um mil para o Rio de Janeiro, e um mil para o Estado de Minas.

Eles vinham para ser colônes, iam arrendar as terras dos fazendeiros, para plantações. E os brasileiros tinham que respeitá-los. Quando os italianos chegavam, viram que o único braço ao seu alcance para auxiliá-lo era o braço negro.

Os italianos que vieram foram selecionados. Sadios, bons dentes e sábios ler. Uma família de oito pessoas tratava de quinze mil pés de café. Eles comiam carne, polenta, queijo e sopas. O pão era feito em casa. O pão era enorme, eles cortavam as fatias. Elas eram farras.

Que alívio para os negros! Trabalhando para os italianos, eles ganhavam um mil-réis por dia. No fim da semana, que dínhavam! Seis mil-réis, e os negros compravam sapatos e até o famoso terno de casinha. Para os italianos não faltavam os camaradas, porque eles eram educados e carinhosos com os negros.

Quando os italianos faziam bailes aos sábados, davam suas filhas dançar com os negros, que ficavam envidadeiros. E no domingo eles reuniam-se aos esquinhões para comentar:

— Eu dançei com a Concheta. Eu dançei com a Pinha.

Na segunda-feira, o negro que dançou com a Concheta, e o negro que dançou com a Pinha trabalharam como se fossem quatro homens. Empolgados porque os italianos não eram orgulhosos.

Eles plantavam todos os cereais, criavam porcos, galinhas e vacas. Não encontravam oposições dos fazendeiros. E o Brasil agrícola era o Brasil rico. Era o Brasil famoso. As colheitas eram fartas.

Nos dias da senzala, os trabalhadores desapareciam. Voltavam aos sábados para a cidade. Suas esposas trabalhavam para as famílias ricas. Um douror ganhava quinhentos mil-réis por mês, e residia num palacete. Os seus criados eram: cozinheira, copeira, lavadeira, chofer e costureira. Todos comiam na casa do douror. E andavam bem vestidos. O carro do douror era o Buick. Eles trabalhavam o ano todo, e no fim do ano, se fossem dar um balanço na sua ganhos, não tinham nada.

Era a lei que os mandava. Um soldado era autorizado. E havia ordem na cidade. Nos domingos, os camaradas eram os donos da cidade. Tinham permissão para cantar, beber e até brigar. Mas, na segunda-feira, se os policiais encontrasse um camaráda nas ruas, ele tinha que justificar-se por que é que estava visitando no dia que era destinado ao trabalho. Ele disse:

— A minha mulher teve um filho.

Se não havia dito a verdade, a preso.

O café do Brasil era famoso na Europa. E os fazendeiros que vendiam tanto café eram tipos leucotos, que quando enriqueciam nos obrigavam a trazê-los de "coronel". E era coroado por todos os reis-angos.

Os italianos, de colonos; foram transformados em fazendeiros, compravam sítios nas grandes cidades.

Construiam casas para aluguelas, vilas. E mandavam nas cidades e viviam com os rendimentos dos alugueiros. No alto das casas moravam os donos. Nos porões, moravam os pretos. Quando os negros beijam, e fuzam banhulho nos porões, os italiani batiam os pés no assoalho. Era o aviso pedulino silencioso! E o vovozinho cessava.

Os italiani construían, padarias, lojas, e não faleava trabalho. Só que os trabalhadores, sem instrução, não sabiam ler. Não sabiam aplicar o diabeteiro que gachinhava. O diabeteiro era para comprar roupas para usarem aos domingos, para passearem nos jardins, e ser admirados nos bailes. Eles não gostavam de ser denominados de pouca roupa.

De madrugada elas deixavam a cidade. Tinham medo de irem presas com um soldado só lindo. Que vergonha, todos olhando! Se era época do frio, o negro transpirava. Quando era no verão em liberdade, desaparecia para sempre. Mas os brancos não iam presos. E estas pietrogativas, estas anuandadas, estas conceções deixavam os predominadores mais autorinários. O filhão do pobre, quando nascia, já estava destinado a trabalhar na enxada. Os filhos dos ricos eram criados nos colégios austernos. Era uma época em que a menoria a minoria é que recebia instruções. A minoria alfabetizada desaparecia.

O prior em tudo isto era, quando um médico recebia um remédio para um leigo, eles eravam porque não sabiam olhar ao relógio. Uma máquina complicada com números e os pontinhos e aquele queque-toque. E não sabiam ler as indicações.

O doutor José da Cunha era o nosso médico, ele recebia um purgante para o senhor José Cego, e um remédio para tomar depois do pêngante. A dona Ambrosina, esposa do senhor José Cego, errou. Deu o remédio

de uma vez, e o purgante depois. O velho moreou. Assim surgiu estivenamento.

Tinha uma negrinha Isolina que sabia ler. Era solitária para ler as recetas. Ela tinha uma inveja da Lina! E pensava: "Ah! Eu também vou aprender a ler se Deus quiser! Se ela é preta e aprendeu, por que é que eu não hei de aprender?"

Ficava davidiando das minhas possibilidades porque os donores de Coimbra diziam que os negros não tinham capacidade. Seria acúllo perseguição? Qual era o mal que os negros haviam feito aos portugueses? Por que é que eles nos odiavam, se os negros eram pobres e não podiam competir com eles em nada? Aquelas críticas eram complexas na mente do negro.

Mas havia o senhor Manoel Nogueira que encorajava os negros. Disse:

— Senhor Benedito, manda os seus filhos à escola. É bom saber ler. Vocês devem obedecer ao Rui Barbosa. Ele foi amigo de vocês. Como José do Patrocínio, como Castro Alves. Escreveu um livro pedindo clemência para vocês que foram arrebatados do seu berço que é África.

O vovô chegava do trabalho, jantava e ia ouvir o senhor Manoel Nogueira ler os faros que ocorriam no mundo. A Europa estava esfachada com a guerra de 1914.

Eu pensava: "Se a guerra não traz benefícios para os homens, então por que é que eles fazem as guerras? Será que os homens não gostam deles? Não devem gostar, porque eles exterminam-se mutuamente. É a época em que a noite do homem metamorfosce-se. Ele deixa de ser humano para transformar-se em animal. Será que eles não se comovem com o sangue dos seus semelhantes? E os que ficam aleijados? E os homens dizem que são os donos do mundo. Que são superiores. Vivem endeuhan-

do-se! E os homens consideravam-se civilizados. O único homem que condamna e reprende a guerra é o Papa. E elle, não é casado. «Não tem filhos para item guerra!»

O meu desejo era perguntar, ao senhor Manoel Nogueira, quem é que sabia tudo aquilo que estava no jornal. Ele havia explicado que o jornal era impresso em São Paulo. O do Círculo perguntou:

— Onde fica São Paulo?

O preto Filémon disse:

— É outro país. É só atravessar o Rio Grande você entra em Rírama, já está em São Paulo.

— E ... o Rui estava certo. É preciso alfabetizar este povo.

O que me impressionava era a fé que o povo depositava no homem que governava o Brasil. Era o doutor Arthur Bernardes daqui, doutor Arthur Bernardes daí. Que teve um governo confuso, com as garantias constitucionais suspensas. Mas, ele agia com sapiência.

Já que os poderosos o desprezavam, ele dedicou-se aos pobres que são bem mais fáceis de contentar. A primeira coisa que ele fez foi distribuir uniformes para as crianças pobres, calçados e livros. As crianças que estavam calçando sapatos pela primeira vez sorriam e diziam:

— Roi o Arthur que me deu.

E foi instituída a caiça escolar. O Brasil inteiro comoveu-se com esse gesto. Era a primeira vez que o povo recebia algo de um governo. E quantos padres-nossos e ave-marias, o povo miúdo rezou para que Deus protegesse o presidente!

E o zé-povinho ignorante dizia que o presidente Arthur Bernardes tinha sido aluno de São Vicente de Paula e de santo Antônio de Pádua. O senhor Manoel Nogueira dava risada, porque era o único que conhecia

história. E explicava que não era verdade. São Vicente de Paula era francês, e nasceu no ano de 1581 e morreu no ano de 1650. Mas o disse-disse já estava de boca em boca. E o presidente ficou sendo o aluno de São Vicente.

— Ah! Então é por isso que ninguém deruba ele.

O senhor Manoel Nogueira dizia:

— Este povo necessita de um estudo intenso para falar com conhecimento e não falar pernósticamente. Quem fala com conhecimento está ensinando. O nosso terreno é imenso, todos devem estudar para defendê-lo o Brasil e desbavar as nossas terras.

Um lavrador Bahiense, três mil-reis por dia, para atrair os homens para o campo, o doutor Arthur Bernardes mandou os fazendeiros pagarem nove mil-reis por dia. Pronto! Quem é que não queria ser camponês? A cidade ficou limpa.

Os homens que traballavam na cidade tinham inveja dos camponeses que recebiam todos os sábados cinqüenta e quatro mil-reis. E eles tinham dinheiro para gastar com a família, e com as meretrizes. E os homens ficavam contentes porque podiam ter duas mulheres.

Na segunda-feira eles deixariam a cidade de madrugada para chegar na roça às seis da manhã. Os homens deveriam levantar-se antes do sol aparecer no espaço. Se levantavam depois, eram criticados pelos amigos:

— Ele é almofadinha, não gosta de levantar cedo.

Cada um pagava sua enxada. Trabalhavam contentados:

— Eu dormi com uma mulher branca.

O outro dia:

— Eu dormi com uma pretinha, e dei cinco mil-reis pra ela.

— Eu dei dez para a branca.

— Que tal é a mulher branca?

— Que tal é a mulher negra?
E cada um dava a sua opinião.

— Eu sempre falei que não haveria de morrer sem conhecer uma mulher branca.

— Você viu como é que o mundo já está melhorando, nós os negros já podemos dormir com as mulheres brancas. É a igualdade que já está chegando.

O outro falava do bale. Que davou com a Quiromânia, e apertou-a nos seus braços, que a mulher borda é macia.

Consegui a comer um bolo que um soldado estava ganhando cento e oitenta mil-reis por mês. E não era necessário saber ler. Os homens começaram a conjeturar se deveriam ir ser soldados ou continuarem nas lavrarias.

Os soldados militares eram fascinantes. Podiam entrar nos circos e não pagar. Dormir com as mandinas e não pagar-las. Viajar nos trens de ferro, e não pagar e o governo ainda daria as roupas, ajoelhamentos e comida. E alguns foram ser soldados. Viajavam para Uberaba.

O presidente soube que ia eclodir outra revolução. Quando o Isidoro fez a revolução, o povo já adorava e venerava o presidente Arthur Bernardes. E o povo dizia:

— O presidente não entrou na política apenas para deixar o seu nome na história, vai deixar realizações. Ele prometeu ao povo que ia criar as leis trabalhistas. Dizem que chegou a escrevê-las. Não as divulgou por causa da oposição da imprensa. Dizem que a lei que ele idealizou é destruída. O melhor salário seria do homem do campo. O seu objetivo era desconcentrar as grandes cidades.

O Brasil tinha fama de ser o país da fartura. E a Itália comprou arroz do Brasil e faltou arroz para o povo. E

a venda do arroz foi o calcanhar de Aquiles para o presidente Arthur Bernardes, porque a minoria predominante.

Mas o povo devia obrigações ao presidente. Em todos os lares pobres existia uma criança que adorava o presidente. Ele foi o primeiro presidente filantrópico do Brasil. Ele explicou que não mais haveria de exportar produtos nacionais sem consultar o ministro da Agricultura, e pediu desculpas ao povo.

O arroz custava quatrocentos réis, quinhentos réis e seiscentos réis o quilo. E com a exportação passou a custar oitocentos réis. E o povo dizia: Governo que permite elevação dos preços dos gêneros de prata necessidade não é amigo do seu povo. Ai mea Deus! Nós somos mestres de fons. As profecias do Nietzsche já estão vingando. No ano de 1870, o filósofo alemão disse: "Daqui a noventa anos vai haver uma transformação caótica no mundo. Porque o comércio vai acrecentando centavos nos seus produtos. No ano de 1970, o pão estará custando cem mil-reis cada um. No ano de 1990, pôr o homem deste ano."

Na época do Federico Nietzsche, cem mil-reis era o ordenado de quarto homens da alta sociedade. Ele foi criticado. O povo dizia que ele era louco. Ninguém acreditava nesta filosofia de bonequim. Nietzsche respondeu: "Alguém em 1980 há de ver que tive razões e não de aplaudir-me."

Os literatos da época diziam que o homem de 1970 a 1990 ia ser super-homem. Ia predominar o amor, não a exírcito ladões. Os homens já estariam supercivilizados. Seriam mais fortes no físico e no espírito. Não iriam ter guerras, nem preconceitos raciais, o homem não iria matar o homem. Porque todas pessoas que morrem fazem falta para alguém. Eles não iam deixar os preços

subjugados, iam se entender com assembleias e não com armas. Ia estariam avançados na medicina. Todos teriam profissões. A mendicância já estará extinta. Ninguém queria ler as obras de Nierzsche, dizendo que ele era débil mental. A imprensa dizia que o escritor alemão estava imitando o doutor Miguel Notredamus, o profeta francês, nascido no ano de 1503. Mas Fredérico Nietzsche dizia: "Alguém do ano de 1980 há de felicitar-me e rehabilitar a minha memória. Eu disse isto com a intenção de advertir os infusos desta época". Os velhos diziam:

— Estas previsões vão realizar-se no ano de 1980 a 1990. Até lá nós já estaremos mortos. O nosso compromisso é com este povinho muiado. Pundar várias escolas para ilustrá-los. E Deus queira que eles tenham forças para preparar um Brasil para os brasileiros. Porque o Rui disse que este Brasil grandioso que ele imaginava virá quando não mais existirem analfabetos no nosso território. Que o combusável moveu os motores e o saber locomove o homem.

Para tranquilizar o povo, o presidente disse que o custo de vida deveria ser sempre fixo, e não realidade e ser ao alcance de todos.

Depois da colheita, o arroz voltou ao seu antigo prego.

No final do governo do senhor Arthur Bernardes, várias crianças estavam alfabetizadas. Os pobres completavam o quarto ano e recebiam o diploma. As crianças prosseguiam os estudos. Os pobres não tinham possibilidades de estudar nem o curso ginasial. E quantos meninos pobres choravam porque queriam estudar! E quantos meninos ricos choravam porque não queriam estudar! E eles diziam:

— Deus dá nozes aos que não têm dentes.

E sequelos meninos não tinham meios de aprender um ofício. Se iam trabalhar com o Fáta, aperfeiçam o ofício de manceiro. Outros iam trabalhar na lavoura. Outros iam para a Marinha. Outros iam para o Exército. Para mim o mundo era semelhante a uma prateleira cheia de garrafas onde é difícil arranjar um lugar para colocar outras.

O senhor Arthur Bernardes foi a malera de ouro da classe pobre. E o povo, sabendo ler, já podia acompanhar as ditas nas folhinhas e saber a data do ano em curso. O único ano que o povo não esquecia era o de 1914 por causa da guerra.

Depois que o presidente Arthur Bernardes deixou o governo o povo falava que o seu governo foi tanta época das vacas gordas. O que enojava é que, se os ordenados eram elevados, os pobres continuavam sempre pobres.

Os italianos e os sírios que haviam chegado ao Brasil abandonaram as lavouras e foram estabelecer-se no comércio. Os sírios não trabalharam na lavoura do Brasil. Quando os fazendeiros viram os seus cafezais abandonados, ficaram apavorados. Não havia bracos para as lavouras. Começaram a implorar ao negro para ser colono.

O negro foi, mas o fazendeiro não consentia que plantasse arroz nas caabeiras dos cafezais. Não podia plantar feijão no meio dos cafezais não podia criar porcos, nem galinhas; só cuidar exclusivamente do café. O fazendeiro dava uma ordem de cento e cinquenta mil réis para o colono ir comprar os gêneros alimentícios num empório. O colono comprava feijão, farinha, torcino, açúcar, queratene, fósforo, fumo, sabão, e carne-seca. Não comprava arroz porque o dinheiro não dava. O que comprava não dava para oito dias.

E se fosse pedir outra ordem para o fazendeiro, tinha que ouvir isto:

— Voeis trabalharem pouco e comem muito.

No fim do ano, o fazendeiro ia acertar as contas com o negro, o negro estava lhe devendo quinhentos mil réis...

Só os iranianos tiveram permissão para plantar no meio do cafézal, e vendiam o excesso de suas produções. E o fazendeiro pagava-os para cuidar dos cafézais.

O negro foi desinteressando-se da vida de colono, fugia das fazendas levando apenas uma trouxa de roupas. Os seus parentes ficavam na fazenda. Voltava à cidade, ia trabalhar em qualquer coisa e morava nos portões iranianos, ou nos barracões.

Eu ouvia apenas os rumores que os portugueses haviam lutado desesperadamente para ser os donos destas terras. Mas eu não via portugueses na lavoura. Deveria valer ao Brasil só enriquecer o braco africano trabalhara grajantamente para enriquecer-lhos. Quando eles fossem obrigados a pagar os serviços prestados pelos negros desinteressar-se-iam do Brasil. Eles não iam para a lavoura. Eles singravam os negros.

— Negros preguiçosos, se ainda existisse a escravidão com os braços para trabalhar gratuitamente, o Brasil ainda seria colônia lusa.

Mas José Bonifácio, José do Patrocínio, Castro Alves, Luiz Gama, barão do Rio Branco não acanavam a cravidião.

Em 1922, o Brasil já havia sido descolero há 422 anos. E o povo dizia:

— País atrasado.

Não era o país, eram seus habitantes que não tinham condições para instruir-se.

Perguntei à minha mãe:

— Por que é que o mundo é tão confuso?

Respondeu-me,

— O mundo é uma casa que pertence a diversos donos, se um varre, vem o outro e suja-a. Mas é assim mesmo. O homem só dá valor ao homem depois que morre. Se os homens governam o mundo, ele nunca está bom para o povo viver, por que não deixam as mulheres governarem? As mulheres não fariam guerras porque elas são as mães dos homens. Mas os homens são os pais dos homens, fazem guerras, e matam-se.

Minha mãe disse que não ia deixar eu ir ouvir as lições do senhor Mancel Nogueira, que eu estava ficando louca. Aconselhou-me a ir brincar com as bonecas. Fui brincar. Não senti atração. Não me emocionei. Não poderia viver tranquila neste mundo, que é semelhante a uma casa em desordem. Oh! se me fosse possível brincar deixá-lo em ordem!

Eu via as pessoas morrerem e pensava: "Que vanegem tem o homem de nascer se quando ele aprende viver no mundo, já está velho e morre?" Eu observava as ações dos homens. Os pretos bebiam pinga à vontade. Quando nascia uma criança, elas bebiam porque estavam contentes. Mas aquela criança que nascia ia viver igual a eles quando crescesse. Quando elas estavam tristes, bebiam pinga. Mas o resultado de beber pinga era ficarem embriagados, brigarem, matarem uns aos outros, depois irem presos e agarrar dos soldados. Eu pensava: "Eu nunca hei de beber pinga. E g todas as paternidades que eu fizer a animá-mesma, hei de cumprilas."

Observava as consequências de todos os atos que praticavam. Quando os negros bebiam, eu pensava: "Por que é só os pretos que beber?" Mas os brancos bebiam

dentro de suas casas. Se um branco cambaleava nas ruas diziam que era indispôsico, mal-estar. Se um branco bebia nos bares era repreendido: — Você está imitando os negros? Arranjou um negro para ser o seu professor? A única coisa que estái ao alcance do negro para ele ensinar, é beber pinga. Na pinga elas são catárticas.

Quando havia um conflito, quem ia preso era o negro. E muitas vezes o negro estava apenas olhando. Os soldados não podiam prender os brancos, então prendiam os pretos. Ter uma pele branca era um escudo, um salvo-conduto.

O senhor Manoel Nogueira dizia:

— Que injustiça. Mas eu não tenho forças para interferir. Eu estou no meio-termo da raça humana. O meu pai é branco. Minha mãe é preta. Não viu acelarar os irmãos de minha mãe. Eles têm o direito de viver e serem felizes, essas hospitalidades por questão de cor é medocidade. É primitivismo dos predominadores.

Ele disse que para o Rui quando os negros aprendessem a ler elas hão de saber defendê-se. Não viu acelarar a coleira com humildade. Até o cão sabe defendê-se. Sabe rosnar para impor respeito. Não viu acelarar as posições. O Rui dizia que no Brasil ainda vai haver negros diuturnos, médicos, advogados, engenheiros e até professores. O Brasil não vai ficar assim. Os homens do futuro vão ser mais cultos. Esta canalla de prepotentes vai morrer. Os negros devem estudar e não guardar resentimentos. A herança de ódio não deve transferir-se de pai para o filho.

— Eu não vou viver para ver estes fatos que o Rui profetizou. Mas vocês, quando forem administrados como empregados, não devem roubar os patrões. O empregado vai conviver com os familiares do patrão. Tem que

obedecer e respeitá-lo. Tem homem que luta para arranjar um emprego. Quando é admitido, relaxa. O preto não deve matar o branco. O branco não deve matar o preto. Os pretos e os brancos têm que dançar uma quadrilha. Ficarem ~~sejá~~ ao redor do Brasil.

Eu já estava enjada de ouvir: preto e branco. Achava que os homens deveriam falar menos e trabalhar mais. Unir os japoneses que vieram do Japão. Eles falam pouco e trabalham muito.

— Eu já estava enjada de ouvir: preto e branco.

Achava que os homens deveriam falar menos e trabalhar mais. Unir os japoneses que vieram do Japão. Eles falam pouco e trabalham muito.

gemer, ladraram e as galinhas cacarejaram. A dona Faustina foi averiguar o que havia. Encontrou-me com o seio recheado de mangas. Dirigu-me um olhar que amedrontou-me. Percebi que ela era avarenta.

Repreendeu-me!

— Então é você quem rouba as minhas frutas. Negrinha vagabunda. Negro não presta.

Respondei:

— Os brancos também são ladões porque roubam os negros da África.

Ela olhou-me com nojo.

— Imagina só se eu ia até a África para trazer vocês... Eu não gosto de macacos.

Eu pensava que a África era a mãe dos pretos. Criadinha da África que, chegando em casa, não encontrou os seus filhos. Deve ter chorado muito.

Estaria deitada no chão e dizia:

— Olha a cobra! Olha a cobra! — desfaleci. Foram avisar à minha mãe que eu estava roubando as mangas de dona Faustina. Minha mãe pegou um chicote e deu-me duas chicotadas. Despertei, e sai correndo como se as minhas pernas fossem movidas a motor. Minha mãe ficou furiosa porque havia vestido o seu vestido novo. Era um vestido de fiesta estampado. Que suplicio quando eu passava pelas ruas e os meninos gritavam:

— Ladrão de manga! Ladrão dê manga.

Mas isso eram cenas que passavam. E as crianças esqueciam logo o que presenciam e os dias iam decorrendo-se.

Eu notava que os brancos eram mais tranquilos porque já tinham seus meios de vida. E os negros, por não terem instrução, a vida era-lhes mais difícil. Quando conseguiam algum trabalho, era exaustivo. O meni avô com setenta e três anos arrancava pedras para os pedreiros face-

OS NEGROS

— Se eu pudesse compreender isso! Se eu pudesse compreender aquilo!

Vestia um vestido de minha mãe, amarrava um bante na cintura e pulava o muro da vizinhança, trepava nas árvores, colhia as frutas, ia introduzindo-as dentro do seio, depois dava e ia sahore-las.

Mas não sentia tranquilidade interior. O meu subconsciente me advertia que havia praticado um ato indigno. Eu não tenho coragem de roubar. Devo e deverei lutar para conseguir tudo com honestidade. Tinha a impressão que alguém suspirava nos meus ouvidos — seja honesta, seja honesta, seja honesta — como se fosse um rique-e-sique de um religião. Parece que eu tinha um preceptor dirigindo-me. Quando eu ganhava uma fruta, ou comprava, não ficava atraemizada, todos têm o bom senso. Se o homem rouba, é porque ele é canibal.

Passados uns dias, esculvi entrar no quintal da vizinha. Quando fui pegar uma manga, a cobra foi pousar a boca. Assustei, pedi o equilíbrio e a noção. Fui despendendo-me de cima para baixo, batendo nos troncos e caf no solo semi-inconsciente. Esqueci que estava furando as mangas. Comecei a gemer, os cães, ouvindo-me

rem os alicerces das casas. Os pretos, quando recebiam sequelar dinalheirinho, não sabiam agastar em coisas fúteis. Gostavam comoprando piúra. Os pretos tinham pavor dos policiais, que os perseguiam. Para mim sequelas cernas eram senchelhantes aos gatos correndo dos cães.

Os brancos, que eram os donos do Brasil, não defendiam os negros. Apenas sorriam achando graça de ver os negros correndo de um lado para outro. Procurando um refúgio, para não serem atingidos por uma bala.

A manha bisavô Maria Abadia disse:

— Os brancos de agora já estão ficando melhor para os pretos. Agora, eles estranham para amedrontá-los, ameaçam para matá-los.

E os pretos sorriam dizendo.

— O Benedito virou lebre, quando viu os policiais

Quando os pretos falavam: — Nós agora, estamos em liberdade — eu pensava: "Mas que liberdade é essa se eles têm que correr das autoridades como se fossem culpados de crimes? Enfim o mundo já foi pior para os negros? Enfim o mundo é negro para o negro, e branco para o branco!"

Eu sonhava que, com as mulheres pretas, eles não mexiam muito. Não faziam elas cozinham. Mas falavam palavras para elas e mostravam o pênis, e eu fui dizer para a minha mãe:

— Sabe mamãe, eu vi o homem mosnando a vela para a Viradina, e falou unsas coisas que eu não comprehendi. A filha da Viradina chorou e disse que vai contar ao novo deit.

Quando não chovia, as mulheres reuniam-se, iam fazer romarias, rezar aos pés dos cruzeiros e molhavam as cruzes e pidiam a Deus para mandar chuvas, acendiam velas. O meu avô rezava o terço. Quem sabia rezar, era tratado com deferência especial. Ele recebia convites

para ir rezar nos locais distantes. Depois do terço, nós bebiámos licor de abacaxi, e os confeiteiros eram variados. Biscoito de fubá, biscoito de polvilho. Eu ficava vaidosa por ser a neta de um homem que sabia rezar o terço, convencida que éramos importantes. Eu preferia o arroz-doce preparado com leite paro.

Os outros filhos do meu avô não sabiam ler. Trabalhavam nos labores rústimentares. O meu avô tinha desgosto porque os seus filhos não aprenderam a ler, e dizia:

— Não foi por relaxo de minha parte. É que na época que os seus filhos deveriam estudar não eram franqueadas as escolas para os negros. Quando vocês entrarem nas escolas, estudem com devoção e esforecem-se para aprender.

E nós, os netos, recebíamos as palavras do avô como se fossem um selo e um carinho. O meu avô era um vulto que saia da senzala alquebrado e desilhido, reconhecendo que havia trabalhado para enriquecer o seu sítio português. Porque os que haviam nascido aqui no Brasil tinham nojo de viver explorando o negro.

O avô dizia que os brasileiros eram os bons homens, de mensalidades puras, iguais às novas no espaguete.

— Deus que ajude os homens do Brasil — e chorava, dizendo: — O homem que nasce escravo, nasce chorando, vive chorando e morre chorando. Quando eles nos expulsaram das fazendas, nós não tínhamos um teto decente, se encostávamos num canto, aquele local tinha dano e os menininhos nos enxotavam. Quando alguém nos amparava, nós já sabíamos que aquela alma era brasileira. E nós tínhamos fé: os homens que lutaram para nos libertar não de nos acomodar, o que nos favorece é que vamos morrer um dia e do outro lado não existe a cor

como divisa, lá predominavam as boas obras que praticámos aqui.

No mês de agosto, quando as noites eram mais quentes, nos agrupavamo-nos ao redor do vovô para ouvi-lo contar os lacerões da escravidão. Fazava dos Palmazet, o famoso quilombo onde os negros procuravam refúgio. O chefe era um negro corajoso de nome Zumbi. Que pretendia libertar os pretos. Houve um decreto: quem matasse o Zumbi ganharia duzentos mil-réis e um título nobre de barão. Mas onde é que já se viu um homem que matasse assalariado receber um título de nobreza! Um nobre para ter valor tem que ter cultura, linhagem...

Mas com tantas celeumas em torno do negro, o negro foi ficando importante, o negro e o ouro eram coisas de grande valor. E com os debates, liberta não liberta, o português foi ficando amável com o negro. Mas não conseguia reconquistá-lo, e já estava enfraquecendo-se. Se era severo com os negros, era criticado, perdendo sua autoridade.

Os abolicionistas instigavam os negros a não obedecer aos sinhos. Mesmo que eles quisessem fazer um levante estariam sós, não poderiam contar com a cooperação dos seus escravos. Começaram a dar presentes aos escravos. Furaram as orelhas das negrinhas, ofereciam-lhes braceletes de ouro com a pretensão de reconquistá-las. Mas já eram quase 400 anos de sofrimento.

Havia os pretos que morriam com vinte e cinco anos de tristeza, porque ficaram com nojo de serem vendidos. Fiojo estavam aqui, amanhã ali, como se fossem folhas espalhadas pelo vento. Eles tinham inveja das árvores que nasciam, cresciam e morriam no mesmo lugar. Os negros não são imigrantes, são acomodados. Não sonham com outras plagas. Às vezes o homem era vendido e separado de sua esposa. Os sinhos haviam es-

blado que eles eram amaldiçoados pelo profeta Cain. Que eles haviam de ter a pele negra, e ser escravo dos brancos. A escravidão era como cicatriz na alma do negro.

Quando um negro dizia: — Eu sou livre!, ninguém se credia e zombaravam dele.

— E que uma cobra ia morder o meu sinhô, eu vi, e mataria o sinhô disse que eu salvei a sua vida e libertou-me. Agora eu sou a mediania dos olhos do sinhô. Almoço na mesma mesa ao lado do sinhô e não durmo na senzala.

Após a libertação, os portugueses ficaram apavorados com medo dos negros. Era o reverso da medalha para eles que foram os leões e eram obrigados a transformar-se em ovelhas. Milhares deixaram o país e o Brasil ficou à deriva.

— Já que vocês são livres, salam das minhas terras! Vamos ver se vocês conseguem encher a barriga com a liberdade. Imagina só, ter que dar dinheiro aos negros! É um pecado.

O povo era revoltado porque o seu senho era apreender a ler para ler o livro de Castro Alves. Os negros adoravam o Tiradentes em silêncio. Se um negro mencionasse o nome de Tiradentes, era chicoteado, ia para o palanque para servir de exemplo. Para os portugueses o Tiradentes era o secretário do diabo. Para os negros, ele era o ministro de Deus.

O vovô nos döhava com carinho. "Deus os protegeu auxiliando-os a não nascer na época da escravidão." Os negros libertos não podiam ficar no mesmo local. Deviam sair de suas cidades. Uns iam para o Estado do Rio, outros para o Estado de Minas, de Goiás, para ficar livres dos xinguitórios dos escravinhos, e repetiam as palavras de Castro Alves: "O negro é livre quando morre."

Eu estava com cinco anos, achava esquisito aquelas cenas antagônicas, a minha mentalidade embrionária não me auxiliava a compreender aquelas divergências. Se o negro passava cabishão, o branco xingava!

— Negro, vagabundo! Eu não gosto desta raça! Eu tinha esta raça para o comércio.

Eu pensava: "Meu Deus! quem foi que começou esta questão, foi o preto ou foi o branco? Quem procura o preto? Se foi o branco quem procurou o preto, ele não tem o direito de reclamar. O negro não invadiu suas terras, foram eles que invadiram as terras dos negros." Ninguém para me explicar. A minha mãe já estava saindo com as mãos cheias perguntas.

Mas o mundo é tão grande! Tem tanto espaço, todos podem viver bem aqui dentro! Por que estes brigam? O meu avô dizia:

— Os que brigam são os animais que não sabem pensar.

Era só o homem é um animal porque ele briga mais do que os animais. Oh! meu Deus! Se o mundo é assim, não vale a pena nascer! Se não predominar a educação entre os homens, eles jamais serão felizes. Há mais ódio no mundo do que amizade.

Eu já sabia que as raças que eram hostilizadas no mundo eram os negros, por causa da cor; os ciganos, por serem infundados, ladões trapaceiros e não terem pátria, e os semânticos porque brigaram com o Cristo. Mas se o Cristo, que foi o ofendido e martirizado, perdoa-lhes, ensino por que é que os homens não de guardar ressentimentos? Se os homens depois da morte de Cristo tivessem deixado de matar compreendendo a inutilidade do homem matar o próprio homem! Mas o homem continua com a sua barra. Ele não respeita os deuses malandros

dos livre arbitrio. Quando um mata o outro, fica jactancioso, arrogante.

Minha Ira Claudimira trabalhava para os sírios que vinham como imigrantes para o Brasil. E aqui conseguiam até empregadas. Ganhava trinta mil réis por mês, para lavar a roupa, passá-la, cuidar das crianças, da casa e da cozinha.

Pensei: "Por que será que elas deixam a sua pátria e vêm para o Brasil?" E elas que o nosso país é um pedacinho do céu. Não havia motivos para odia-los. Porque gostavam do país, e não perturbavam. Pensei: "Será que o Brasil vai ser sempre bom como dizem eles? Por que será que o estrangeiro chega pobre aqui e fica rico? E nós, os naturais, aqui nascemos, aqui só vivemos e morremos pobres?"

Ouvia dizer que os estrangeiros que já estão há mais tempo no Brasil auxiliavam os patrícios pobres. Que os brasileiros ricos não auxiliam o brasileiro pobre. Que não confiam. Os estrangeiros não vinham pobres. Eles eram analfabetos e dominavam o comércio. E o brasileiro analfabeto não tinha condição de progredir. Minha Ira levava o quibe para nós conermos e dizia que os sírios socavam a carne no pilão. E nós davamos risada. O brasileiro não conhecia a lendinha e dizia que era o feijão dos turcos.

Se perguntasse:

— O senhor é turco?

— Não, eu sírio! Turco não presta!

Pensei: "Que mundo é este? Um mundo que para viver-se nele é necessário ter um estoque de paciência."

O japonês diz: "Chines não presta."

O chinês diz: "Japonês não presta."

O branco diz: "Amarilo não presta."

O branco diz: "Negro não presta."

com quem é que está a razão. E o negro é quem acaba sentindo o bode expiatório.

O negro diz: "Amarelo não presta, o branco também não presta."

O branco criou a alta sociedade, lá não entra o negro. Só a terra é que não tem orgulho. No mundo a humanidade nasce e morre. Quando o homem está vivo, vive com os cereais que sacem da terra. E quando morre vai para o seio da terra. Ela não fala, mas é sábia. É a melhor obra de Deus.

Eu gostava de frutas, mas era difícil conseguir dinheiro para comprá-las. Eu já estava norando que o pobre vive mais com as prestações.

Um dia ouvi a minha mãe contando que o meu tio Joaquim estava tomando água numaria torneira pública — o chafariz — quando o filho do Juca Barão chegou e disse-lhe:

— Sai daí negro sujo! Quem deve beber água é só eu, que sou branco —, e empurrou o meu tio, que ficou nervoso e retorceu uma faquinha de arco de barril que ele fez, e deu um golpe na nuca do filho do Juca Barão, que caiu no solo sem vida.

O meu tio não foi preso por ser menor.

O juiz de direito era o doutor Brand. Os brancos reuniram-se e foram xingar o xodó.

— Agora que os negros são livres, vão matar os brancos e já são protegidos pela lei. Estas cepas eram motivo para os portugueses ufanas:

— Estes atos selvagens são a consequência da liberdade. E vocês vão ver coisas piores, pois o Rui chegou a dizer que, se o negro estudar, poderá ser governador, presidente, deputado, senador e até diplomata.

Os negros que daviam não respondiam, porque os portugueses eram ricos. Eles eram livres, mas pobres. Na questão do negro com o branco, ninguém procura saber

se sentar e falar. Contava estórias maravilhosas. Se soubesse ler poderia ser um grande escritor. Não era por-narrativo.

A minha tia Cláudemira foi bonita quando jovem.
Por onde passava ouvia isto:

— Que beleza! Que mulher bonita.
Ficou vaidosa. Apareceram-lhe vários pretendentes.

Mas nenhum servia. Em todos ela encontrava defeitos. E os tempos foram passando.

Minha tia inchente pensava que a moçade e a beleza são uma dupla diurna. A mulher deve casar-se quando é jovem. Foi envelhecedor e escancorou na idade de dezoito anos. Iniciou-se assim o calvário de minha tia, que não queria morrer sem conhecer as carícias masculinas.

Quando as mulheres reuniam-se para falar dos prazeres que os homens proporcionam a uma mulher, ela ficava ouvindo. Reprovando a sua tolice. Ela, que teve a oportunidade de casar-se, ter um lar e não casou-se. E a sua presença velhaca já não perturbava os homens.

Uma noite, ao que o seu tio Joaquim, que ficou cego, lhe contou a história de sua vida, o menino ficou comovido e, ao se despedir, disse:

— Como se finse uma montanha irremovível.

— Fui derruba o fosso do meu tio Joaquim. Um rosto triste como uma noite sem lua. Ele não sorri, nunca vi os seus dentes. Ele era analfabeto. Se souberesse ler, poderia ler os livros que eu lhe dei.

Lembro-me que ele foi tirar uma fotografia no fotógrafo João Bianchi. O retrato fui preto. Só se distinguia o terno branco. Meu no xingue.

— Eu não sou tão preto assim. Tudo que vocês fazem para os negros, é com pouco caso. Mas se o branco paga, o negro também paga. E eu não vou pagar.

A FAMÍLIA

1

O meu avô foi pai de oito filhos. Quatro homens e quatro mulheres.

Os homens eram: José Bea eiro, Antônio, Joaquim, João Benedito.

O Jesus deve ter nascido em crânio, ficou com o crânio atrofido. O Joaquim era o campeão da família.

As mulheres: Maria Carolina, Maria Verônica, Ana e Cláudia.

“Candomblé”. A tia Ana, “a Dona”, seu apelido, casou-se com um mulato, Cândido Nunes. Deu a um filho, Adão Nunes. A tia Ana morreu com barriga-d’água. Quem descobriu a enfermidade foi o dono Vicente Cândido dos Santos. Esperou-a. Quando a água caiu na bacia, enfiou-a olhando aquela água verde, sem compreender as deficiências do corpo humano. E o dono Vicente ficou famoso.

A minha tia foi infeliz no casamento. E o que eu via dizer, que o esposo era inimigo do trabalho. Quando alguém lhe aconselhava para arranjar trabalho, ele cogava a cabeça e como se nesse gesto evivesse procurando uma desculpa para os seus problemas. O que lhe agradava era

Iniciou-se uma discussão. "Paga, não paga!" O João Bianchi dizia.

— Dio mio. Se tu es preto non es possibile que el reto no sea branco.

O meu tio pagou, xingando.

A mulher que vivia com o meu avô era a Sia Manuca. Uma preta calma. Era um casal elegante. Quando falavam, se o vovô a repreendia ela chorava e curvava a cabeça e pedia desculpas. Quando o vovô se ausentava ela dizia:

— Sia Manuca, por que é que a senhora não reage quando o vovô a repreende?

— Não minha filha! A mulher deve obedecer ao homem.

Ela ficava furiosa. E chorava porque queria virar homen para as mulheres obedecerem-lhe.

O meu tio Manoel não o chamávamos de Manoel Grossi por causa de sua voz abaritonada. Os filhos, conhecidos assim, os Grossos, eram oito, quatro homens e quatro mulheres.

A Rosa ficou louca quando foi seduzida por um homem que recusou-se a casar com ela. O meu tio Manoel tinha uma aragaiá. Uma arma que tem o formato de uma folha. Era presente do seu avô, que ganhou-a na guerra com o Paraguai. Corta dos dois lados.

A tia Jerônima, tia de minha mãe, era tão pobr' que dava dô, tinha só uma panela. Ela acordava às três horas da manhã, e punha o feijão no fogo. Quando o feijão cozinhou, ela temperava-o e despejava numa gamela. Fazia o arroz e despejava em outra gamela. Cozinhava a carne, ou frango, e despejava-o noutra gamela, por fim fazia a verdura e comia nas gamelinhas. As colheres para comer também eram de pau.

A minha tia rezava pedindo a Deus para ajudar-lhe a conservar aquela panela. E se aquela panela quebrasse, o

que seria deles? Que dô que eu tinha da tia Jerônima! Se eu pudesse der-lhe umas panelas, mas também era pôbre. Ela não tinha o que vestir. As camas eram forquilhas enterradas no solo. O colchão era de saco de estopa e abertas também. Dava a impressão de ser a reprise do péssego de Belém.

A tia Ana Marcelina, irmã de minha avô materna, era mulata clara. A mulata cabedal. Não gostava de preto. Dava mais atenção aos brancos. Quando olhava os pretos, era com os olhos semicerrados e desvia o olhar. Apesar da tia Ana não gostar dos pretos, tinha um filho preto. O Mindu. O nome do Mindu era Octaviano. Que preto bonito! Era inacreditável.

Teimava pouca coisa que dizer desta tia, porque ela era mulata. E havia, como divisa das famílias, o preconceito de cor. Minha tia vestia roupas finas iguais às das brancas. Esforçava-se para viver igual aos ricos. Residia numa casa confortável. Em todas as portas e panelas tinha cortinas. Tinha tapetes. As camas tinham cortinados. Comiam na mesa.

As filhas gostavam de dançar. Nos bailes dos brancos elas não iam porque não eram convidadas. Nos bailes dos negros elas não queriam ir. Quando nós, os sobrinhos pretos, ímamos visitá-las, não tinhamos o direito de entrar. Casa de mulato, o negro não entra.

Minha mãe nasceu na roça. Nas margens do rio das Velhas. Quando atingiu a maioridade, foram residir na cidade. Minha mãe casou-se com o senhor Osório Pereira. Minha mãe e o seu esposo se separaram-se. Ela lamentava: — O Osório casou-se comigo, para sair da tutela. Foi seu tutor o senhor Migenel Alvim. Uma das famílias ricas, das que criavam os enjardados para tratar dos porcos, galinhas, varrer a casa, arrumar, fazer a cozinha e fazer compras. Era proibido ter escravos, então eles pegavam uns

neginhos para criá-los. Um infeliz que ia crescer sem instrução.

Quando o senhor Osório Pereira casou-se com a minha mãe, o tutor deu-lhe só quinhentos mil-réis. Não deu-lhe um lote de terra para ele construir a sua casinha. Deu-lhe umas calças usadas. E uns pares de sapatos tão grandes que o esposo de minha mãe deveria correr os sapatos ao meio ou duplicar os seus pés. As calças eram largas, porque o senhor Alvim era obeso.

Minha mãe disse-me que o senhor Osório parecia uma malhoca dentro das calças. Queixava-se que o seu casamento não foi realizado pela interferência do senor. Foi negócio. Ele queria ficar livre da tutela, já estava saturado de querela vida rechada que levava.

O senhor Osório Pereira ficou gastando o dinheiro, pensando que os quinhentos mil-réis eram intertingui-
veis. Era a primeira vez que ele tinha dinheiro para gastar, poderia ter comprado uma casa. Quando o dinheiro acabou-se, ele ficou furioso. Não tinha comprado nada para comer e não sabia em que havia gasto o dinheiro. Era preciso procurar trabalho. Arrependeu-se de ter-se casado. Na casa do senhor Miguel Alvim, ele tinha o que comer e um quarto para dormir.

Um dia, como não tinham nada para comer, ele dis-
se:

— Maria! Me dé um saco que eu vou comprar uma costela de vaca para você fazer uma sopa.

Minha mãe acendeu o fogo e pôs água para ferver. Ficou alegre quando avistou o seu esposo: "Graciosa a Deus, vou ter um esposo que me ajudará a suportar o peso de minha vida." O seu esposo chegou, e despejou o saco. Eram cocos de macatiba e disse-lhe:

— O açoagueiro não quis me vender os ossos fia-
do ainda me dhamos de Osório Cigarr. Não sei o que ele

quis dizer com isto. Vamos comer o coco até eu arranjar serviço.

A minha mãe foi quicar-se para o vovo, e ele lhe emprestou dois mil-réis.
— Onde já se viu sustentar um lar com cocos.
Eles foram desinteressando-se.

A minha mãe era semilivre. Se uma mulher traba-
lhava para auxiliar o esposo, o povo falava.
— Credo. Onde é que já se viu, uma mulher casada
trabalhar! Ela deverá trabalhar sonante no seu lar.

Mesmo com os disse-disse, minha mãe foi trabalhar.
Com ampla liberdade, a minha mãe dançava e passava as
noites com os amigos, e foi ficando inebriada com as ci-
nícias dos seus amigos de banguê.

Foi nestes bailes inseletos que ela conheceu o meu
pai. Dizem que era um preto bonito. Tocava violão e
compunha versos de improviso. Era conhecido como o
poeta boêmio. Nos bailes ele dançava só com a minha
mãe. Ela teve só um filho com seu esposo, o Jerônimo
Pereira. O sobrenome Pereira, do esposo de minha mãe,
deve ter sido herdado de alguém português, porque o es-
poso de minha mãe era mulato. Quando minha mãe fi-
cou gestante, surgiram os disse-disse tão comuns nas ci-
nícias do interior.

As línguas das pessoas do interior, nas pequenas ci-
dades, são afiadas, são maiores do que o mar e mais ve-
lozes do que o pensamento. Línguas destruidoras, que
têm desmoronado vários ideais, línguas que às vezes
acervam o alvo, e às vezes fôlham.

Diziam que a criança que ia nascer era filha do poeta
boêmio. Quando eu nasci, comprovaram-se os boatos, e
as malas línguas se viraram-se meio proféticas. A minha mãe
meia-mão com o poeta serviu de pretexto para o esposo
de minha mãe abandoná-la.

Ele era o tipo de homem irresponsável, que não mantém o lar e evita fidelidade. Não tinha idade para ser chefe de família. O que ele queria era casar-se para conseguir a sua liberdade. Não teve consciência de minha mãe cuidando, zelando a sua felicidade. Disse:
— Casei com uma negra só para sair da tuela. E foi morar com uma mulher branca. Uma velha com quinze e dois anos, poderia ser sua avó. Mas era branca. E ele dizia que mulher branca não tem idade.

— É sempre jovem.

Minha mãe ficou com dois filhos para manter. Minha mãe disse que beber inúmeros remédios para abortar-me, e não conseguia. Por fim desistiu, e resolveu errar-me. Não fiquei triste, nem revoltada, talvez seria melhor não existir. Pois que eu já estava compreendendo que o mundo não é a pétala da rosa. Há sempre algo a escravizá-lo.

Quando ela saía para o trabalho, deixava-me aos cuidados da sítia Manuca. Dizem que eu chorava dia e noite. E o meu choro ininterrupto aborrecia a sítia Manuca e os vizinhos, que diziam:

— Será que ela não cansa de chorar? Será que ela pensa que estás agradando? Ela tem o fôlego de gato.

A sítia Manuca ficava revoltada porque eu lhe impedia de cuidar dos seus afazeres, que era lavar roupa a trezentos reis a diária. Oh! Aquele choro diário. Já estava deixando-a com toturta mental. Ela era enlouquecida e boba, e não tinha coragem de reclamar para a minha mãe para não desgostar o vovô. Que dia!

— Missão de um homem é acertar os negros legítimos, ou ilegítimos, e tolear as falhas dos filhos.

Um dia, ela deu-me pinga para beber. Adormeci e não chorei. Sítia Manuca sorriu comentando:

— Acertei o remédio para você. Você quer é pinga, cachorrinha!

Quando a minha mãe chegou do trabalho, não me ouvindo chorar, foi averiguar. Eu estava inconsciente. Minha mãe pegou-me e levou-me ao médico espirita, o sehor Eurípedes Biersanul. Ele olhou-me, sorriu e disse-lhe:

— Ela está embriagada, deu-lhe álcool para beber e adormecer.

Minha mãe queixou-se que eu chorava o dia e noite. Ele disse-lhe que o meu crânio não tinha espago suficiente para alojar os miolos, que ficavam comprimidos, e eu sentia dor de cabeça. Explicou-lhe que, aré aos vinte e um anos, eu ia viver como se estivesse sonhando, que a minha vida ia ser acabalhada. Ela vai adorar tudo que é belo! A tua filha é poetisa, probe Sacramento, do seu seio sai uma poesia. E sorriu. Deu-me uns remédios para vomitar o álcool e disse com voz espectral:

— Você... nuaca! hâ de beber. O álcool é péssimo prononçor. Porque hâ de auxiliá-la sempre. Recordo quando adoeceu com caxumba. O humor furrou. Minha mãe comprimiu-o, para retirar o pus. Eu chorava. Nós estávamos num velório. Eu estava no colo de minha mãe, tão contente com aquela demonstração afetiva.

Era um casal que morrera por não poder amar-se livremente, por imposição da família. A mulher que morreu era a filha da sítia Ana, a mulata que não gostava de píeiro. Era prima da minha mãe. Ninguém da família notaria a indiferença que a sítia Ana nos votava. Mas eu notava. E odiaava aquelas intriguinhas preparadas pelas pessoas, pigmentos na mentalidade, e pensava: "Por que será que os mulatos e os brancos negavam os negros?" O branco ainda é aceitável! Mas, o mulato? Esta no mérito.

termos. É filho de negro e filho de branco. As regras que se unem para produzir o mulato. Contra o branco o mulato não pode investir. Porque o branco já é branco. Então ele se volta contra o negro. Mas o branco não aceita o mulato como branco. Hojeve até um projeto dizendo que se o mulato tivesse o cabelo liso era considerado branco, se o cabelo fosse crespo então o mulato era considerado negro.

Os comentários no velório eram desabonadores para a tia Ana, que insinuava a sua filha de casar-se com um preto. Dizendo que queria que a sua filha casasse com um branco para purificá-la a rapa. E que ela não sabia que o negro é uma raça pura na sua origem. E o branco também.

A Marininha casou-se com um branco, o João Miguel, e a única coisa que este homem ofereceu à sua esposa foi uma vida cheia de sofrimento. Era alcoolíatra. E a esposa não bebia. O laço era a matriz da miséria. Quem o sustentava era um preto. Era horrível ver o esposo da Marininha pedir dinheiro ao preto para beber pinga e dizer:

— Eu te odeio, e odeio também a minha esposa, porque ela te ama.

Que ignorância da marinha de aceitar aquele homem sem qualidade, tipo imadmirável mesmo num miúdo mais sordido, só por causa da cor da pele!

Quando o preto encontrava com a Marininha, chorava dizendo-lhe:

A Marininha chorava, dizendo:

amor. Eu não deveria ter nascido. Porque não nasci livre, fui escrava da vaidade de mamãe.

Aquela filha branca era o orgulho da tia Ana. Era a predileta.

Eu pensava: "O negro não deve produzir o mulato porque se volta contra ele. Aquela que recebe as cutidas é que pode avaliar a dor. E é o negro que está agradando a revelar as filhaças e as lacâncias dos mulatos. Os negros não perseguem o mulato porque é mulato, nem o branco porque é branco. Então o negro é o superior."

A Marininha vivia dizendo:

— Eu vou morrer!

Foi mãe de dois filhos, o Adailio e o Olimpio. Foram os primeiros netos da tia Ana. Os seus netos de pele branca.

O preto dizia:

— Não fale que vai morrer, porque ao dia que você morrer eu também morrer. Não suportarei viver neste mundo sem você. Espero que o seu sofrimento sirva de lição para a sua mãe, que pensa que as pessoas de pele branca são meio Deus! Não é só você quem está morrendo — eu também.

Quando o preto soube que a Marininha havia morrido, saiu correndo e dizendo:

— Não! Não pode ser! Ela não vai me deixar sozinho aqui neste mundo que foi amargo para nós. Mas o céu vai ser doce para nós. Eles estão brincando comigo! E isto é uma brincadeira! Se ela morre, eu vou dormir no céu, ao lado da sua sepultura.

Era o mês de novembro. Estava chovendo. Ele corria na lama que salpicava a sua roupa. Quando viu o corpo da mulher que ele soube amar profundamente estendido inerte, apoiou-se e chorou.

— Te amo, com todo respeito. Com todo carinho, querida Maria.

Sentou-se numas cadeira e chorava.

O esposo hencô estava na vendedora Nicolsau batendo pinga.

As pessoas que estavam presentes no velório rezavam, e falavam da vida infeliz que a exinha passou, comentando que Deus fez bem em levá-la.

A tia Ana estava triste. Havia perdido a sua filialidade e com vergonha das consequências do seu orgulho. Eu já estava habituando-me com a morte, porque a morte ládje no estado de Minas Gerais é assustadora.

Pesava que era a enfermidade que tinha o nome de amor. Fêcio ésta doença mara... Será que esta doença pegá? Quando eu ouvia alguém falando no amor, eu dizia:

— Vá ao médico, que esta doença mata.

— Oh! negrinha idiota! Negriinha antipática.

Quando alguém ia me xingar era:

— Negriinha! Negriinha!

Que confusão quando o preto caiu morto. Que correu! Foram procurar o médico para examinar o cadáver. O povo dizia:

— Puxa, ele teve palavras, prometeu-lhe que, se ela morresse, ele também morreria, e morreu mesmo.

Minha tia desceu de ser racista por uns tempos. Quando o seu filho João quis casar-se com a filha da sua Maruca, ela não consentiu. E a morte da Marininha foi motivo para o povo falar por vários meses. Por fim, a tia Ana fôr-se resignando, e não mais interferiu nos assores de suas filhas.

Pobre Marininha, tinha desgosto de ter a pele branca que foi a causaadora da sua morte. Não desprezava os pretos. Se a minha tia fosse inteligente, compreenderia que o valor

das pessoas não está na cor, está nas ações. A Marininha dizia:

— Eu queria ter a pele preta e os cabelos crespos. Como é bonito um rosto preto, com os dentes saudáveis. Foi a noite mais agitada que eu já vi. Ouvi uma mulher perguntar para a minha mãe:

— O que é que a menina tem?

— Béis com caxumba.

— Que idiade tem ela?

— Quatro anos.

Pensei em perguntar o que era quatro anos. Mas a minha mãe havia recomendado que as crianças não podem fazer perguntas aos velórios. Como é horrível ser criança. Não têm permissão para fazer isto ou aquilo. Que mundo é este, temos que aceitar as impedições, sendo assim, o homem não é livre.

Mas os grandes falavam, brigavam, beijavam e até rouhavam. Quer dizer que os adultos também deveriam e devem ser respeitados, os atos dos adultos têm consequências trágicas, como se eles não tivessem fé em Deus e nem consciência. Era como se tivessem nascido nus e crescesssem nus. Não vestiram os seus sentimentos com bondade. Adoravam o homem Jesus Cristo, mas não securavam os seus ensinamentos.

Oh! quem me dera não crescer! Tinha hora que eu ia contra os grandes. Mas tinha hora que eu adorava-os. Quando eles me davam doces, carne com pão, leite, queijo e as pratinhas de dois mil réis. Como eu gostava daquelas pratinhas. Que dinheirinho!

Na classe dos homens, eu gostava dos padres porque eles não falavam em guerras. Eram amáveis quando falavam com as crianças que iam ao catolicismo. Dixiam que nós deveríamos orar para Deus nos auxiliar. Os pre-

ders eram o padre Pedro e o padre Julião. Era gostoso ficar dentro da igreja.

Quando um homem presto avistava um soldado, entrava dentro da igreja e ajoelhava aos pés do altar. Permanecia vários minutos orando. Na igreja ele estava protegido. O soldado não ia admendar-lo, não ia interpretá-lo. Se os homens reuniam-se era para falar da Iria Ana. Elegavam a extinta.

— Vamos nos reunir e mandar rezar uma missa para ela.

Minha mãe dizia que devemos respeitar os mortos, que eles iam para o céu, que é Deus quem nos leva, e eles não mais voltavam na terra. Eu erguia os olhos para o céu para ver se via a residência dos mortos.

— Será que os mortos brigam, será que o salão de baile lá do céu é grande, os está velado? Será que as mulheres lá do céu dormem com os homens? Será que os policias lá do céu batem nos pretos? Será que os mortos lá do céu não gostam dos negros?

E a minha mãe se revoltava:

— Cala a boca cadiela! Você quer me deixar louca! Eu não conheço o céu, eu nunca estive lá. Só depois que eu morrer, é que eu vou para o céu. Mas devo ser ruim morrer!

Minha tia Claudimira, dizia:

— Se eu fosse você, internava esta negrinha num hospital.

— Ela é minha filha! A missão da mulher é ter paciência com os filhos seja ele um Caim ou um Abel. Fiquei pensando: "Quem será que foi Caim? O que será que ele fez? E o Abel?"

A sítia Maruca deu-me um lombriquetto. Todas as crianças eram obrigadas a tomá-lo. Fiquei horrorizada quando vi a quantidade de vermes que expeli.

— Na barriga da gente tem estes bichos?

— Tem.

— O que é que eles comem?

— A comida que você come.

E a sítia Maruca foi saindo para ficar livre dos meus interrogatórios.

O povo xingava a Iria Ana. Mas ela não sabia. Minha mãe dizia que saíra às dez horas do velório porque estava com canxumba. Depois que ela deitou-se, ouvia a voz da Mariuinha chamando: — Cota! Cota, Cota. A meia-noite, a voz desapareceu.

Toda semana morria alguém.

Era difícil morrer um rico, porque assim que eles adotavam procuravam o médico. Quando o pobre arranjava dinheiro para ir ao médico, já era tarde demais.

O médico que tratava dos doentes era o doutor Caína, esposo da dona Leotássia, a mulher mais bonita de Sacramento. Eu não queria que a minha mãe moreisse, porque as crianças que ficavam sem as mães iam residir com outras famílias e perdiam a liberdade.

Conosco os negros amavam com alocinção a liberdade. Eles não tinham assistência mas eram felizes. Graças a Deus a mamãe não vai morrer porque eu não quero ir morar com ninguém, porque teria que trabalhar, apanhar, e não poderia brincar. Fiquei sabendo que as crianças que não tinham mães eram órfãos. E eu fiquei com medo da palavra órfão.

Todos os sábados havia um casamento na cidade. Que corre-corre. As mulheres faziam doces, biscoitos, maravilhosas, panos e perus. Pediam pratos, garfos, facas, copos e cadeiras empresados aos vizinhos. Assavam biscoitos nas formas de letras com os nomes dos novos.

Quando a Jerônima, filha da sítia Dona, casou-se com o Jovino, eu fui ver o casamento. A Jerônima era loira,

os olhos azuis, os cabelos claros. O Jovino era mulato. Eu olhava o rosto do Jovino. Um rosto de homem sério, que ia saber respeitar aquele companhissimo. O casamento foi feito em casa. Porque a noiva era branca, e tinha vergonha de atravessar as ruas para ir ao casório casar-se com um mulato. Estes boatos circulavam, mas não chegavam aos ouvidos do Jovino. A noiva estava bonitinha. E a sua mãe satisfeita, dizendo:

— Eu já estou velha, e grárias a Deus casei a minha filha! Se eu morrer ela cibará a Claudiinha. Que era a sua irmã mais nova.

O padrasto da noiva estava alegre. Até eu estava alegre.

O escrivão era o senhor José Nero, que dizia:

— Você teve sorte! Casou-se com uma jovem branca e bonita.

Após o casamento, os jovens viajaram. Foram para a roça. E nos ficamos dançando.

Eu ficava pensando: "Por que serás que finalizam as festas com batidas, o balelo não é necessário?" Eu não gostava de dançar. Mas aprendi porque pensava que era obrigatório. Pensava que éramos obrigados a aprender tudo que rege o mundo. Mas beber pinga, isto eu não queria aprender. O soube eu já sabia que era proibido. Quem matava um ladrão não ia preso. Mas ocorria muitas injustiças. Às vezes um homem matava o outro, e dizia que a vítima era ladrão para livrarse da prisão.

Os tempos foram passando. Quatro anos depois Jerdônima fugiu com um homem branco. Porque tinha nojo de ter uma sogra preta. Ela não teve filhos. Não quis, o Jovino ficou sozinho.

Ele tinha vacas, porcos, arroz plantado, e vários sacos de arroz beneficiado, e arroz com casca. Feijão de várias qualidades. E oito porcos gordos e um cavalo ar-

reado para a Jerônima cavalgar.

Tempos depois vi o Jovino andando pelas ruas de Sacramento, e mais uma vez olhei aquele rosto sério de um homem bom. Não foi possível ver o seu sonho concretizado — queria filhos. Deus foi o juiz nequeta unido. As minhas primas convidavam-me para brincar. Eu não gostava porque o meu cabelo não crescia e elas diziam:

— Cabeça peluda! Cabeça peluda, cabeça de homem! Você não vai casar... porque os homens não se casam com as mulheres que não têm cabelos.

Eu pedia a minha mãe para trançar os meus cabelos. Que dor!

Um dia, a minha mãe mostrou-me um pente de ferro dizendo que os sidiões obrigavam os escravos a pentear os cabelos com aqueles pentes. Porque o cabelo do negro é rústico. Que pente horrível. Arrancava todo o cabelo.

Eu vi vários pretos que haviam sido agraciados com a Lei Áurea e com a liberdade. Faziam racinhos na beira das estradas, porque a beira das estradas públicas pertencem ao Governo e ninguém falava nada. Eles contavam os horrores da escravidão. Suas migrações eram contra os portugueses.

Eu não podia compreender como é que as mulatas pretas choravam e diziam que foram os portugueses que as arrancaram do seio da África para vendê-las e ainda dormiam com elas. Existiam as pretas que viviam marginalmente com eles. E tinham vários filhos, e eram obrigadas a trabalhar como empregadas domésticas, e o dinheiro que recebiam eram obrigadas a dar-lhes. Enfim, eram suas concubinas e escravas indiretas.

Para mim, a vida dos homens era semelhante às telas de aranha. Eu não sei onde é que elas arranjam enteladas de aranha. Eu não sei onde é que elas arranjam enteladas de aranha.

tes fios para fazer suas reis. E não sei onde é que os homens conseguem tantas confusões para dificultarem suas vidas.

Eu não queria ficar grande, a vida dos grandes é tipicamente. Ficava nervosa quando a mãe dizia que eu estava crescendo.

Eu já estava conformada: os negros não tinham possibilidades de morar nas casas bonitas com vidraças e jardins. Minha mãe me dizia: — Minha filha, é tolice ambicionar o que não podemos conseguir, poderemos ser felizes morando dentro de lama casca de ovo.

Que vontade de morar numa rua calçada e com luz elétrica. Mas as ruas que eram calçadas, iluminadas, eram para os ricos. A luz dos pobres eram as lamparinas a gás, rosene e o ferro a carvão.

Os meus parentes bebiam pinga e ficavam embagados. Brigavam, quebravam os móveis. Que suplício para quem não bebe permanecer no meio dos ebéios! Eu chorava porque queria ficar livre daquele ambiente.

A sra. Maruca não trabalhava. O vovô não permitia.

Dizia: — A mulher depois que se casa deve cuidar apenas dos afazeres domésticos. Compete ao homem ser o chefe da casa. Estou ganhando quinze mil-réis por semana.

Que fortuna! Ele comprava os gêneros em sacos. Eu estava farta, não suportava a carne de galinha.

Sra. Maruca grava: — Minhas filhas! — e as galinhas vinham correndo comer o milho.

Eu disse:

— Que soscêgo! — estava contente.

Um dia a sra. Maruca lavou roupa para fora e ganhou

um mil-réis. Quando o vovô veio almoçar, não tinha fôlego. Ele não comia sem farinha, porque na época da escravidão os pretos eram obrigados a comer o angu, e a farinha. À tarde quando foi jantar encontrou farinha.

Perguntou a sra. Maruca:

— Onde e como conseguiu dinheiro para comprar esta farinha?

Os seus olhos voaram para o rosto da sra. Maruca, que havia moedado os lábios. Por fim ela resolveu responder:

— Eu lavei as roupas da dona Faustina, ela pagou e eu comprei cinco quilos de farinha, lavei duas dúzias por um mil-réis. O quilo de farinha custou dezessete reis.

O meu avô retirou a cinta da cintura e espasou-a.

Dizia:

— É a última vez que a senhora vai fazer compras sem o meu consentimento. Quando quiser sair, peça-me permissão. Quem manda na senhora, sou eu! Se a senhora não sabe obedecer — vai embora!

A sra. Maruca chorou.

E eu fiquei pensando: "É melhor ser mereditz, ela causa, vai aos bailes, viaja, sorri. Pode beijar os homens. Veste vestidos de seda, pode cortar os cabelos, pintar o rosto, andar nos carros de praça e não precisa obedecer a ninguém."

O vovô nos contava que os pretos que moravam nas cidades grandes já sabiam ler e tinham até dialeito nos bancos. Ele não sabia ler, mas procurava saber se os negros já estavam subindo na esfera social. "Olh!", exclamavam admirados.

Não sei se era ciúme, mas eu notava diferenças nos modos da manha nos trazar. O meu irmão era o predilecto. Eu pensava: "Elas trazem o com todo carinho, porque ele é mulato. E eu sou negrinha."

A minha mãe sorria, dizendo que as mães gostam de todos os filhos. Que uma mãe luta por cem filhos e os filhos não lhatem pelas mães. Ela trabalhava nas casas familiares, e nas casas das meretrizes, e levava-me. Eu presencava aquelas cenas porcérificas das mulheres com os homens. Os óculos e os amplexos. Depois, eles entravam nos quartos e eu ouvia aqueles ruídos das camas de arames. Pensava: "Se eu pudesse ver o que eles estão fazendo!"

— Eu gosto de você! Eu gosto de você!

— Não me deixa mea quieto!

Exem as únicas coisas que chegavam aos meus ouvidos. Mas não me satisfazia. Porque eu queria ver. A única coisa gostosa que existe é arroz-doce, o doce de leite, o pé-de-moleque. O pão de queijo. Será que o homem é mais gostoso do que o doce? Para dormir com o homem é necessário ser mulher grande, e eu sou pequena.

A Emericana já estava dormindo com os homens e vestido vestidos de seda, e tinha posto um dentre de ouro na boca e trocado o nome. Era Vilma. Comprou vestido de seda para a mãe dela, que estava contente porque a sua filha estava ganhando um dinheirão, cento e seis por semana. Ganhava mais que um doutor. Já conhecia Uberlândia, Aracaju e Uberabá.

E os homens, vencidos, comentavam:

— Quem me dera ter nascido mulher! Comigo os homens nunca vão dormir. Porque eu não vou crescer. A minha mãe dizia que as crianças não compreendiam aquelas cenas de beijos e abraços. Oh! Santa ingenuidade. Algumas costumavam as crianças entenderem. Todas as meninas tinham namorados. Nas baileas dançavam. Eu fixava sozinha. Os meninos não davam coragem, diziam que eu era muito feia, muito ma-

gra. Que, dançando comigo, eles tinham a impressão de estar dançando com um baniú. O dinho que dançava comigo era o Domingos. Um petrinho de quinze anos. Ele tinha só um braço. Fui ficando revoltada e o complexo apossando-se da minha neutralidade.

O meu irmão brigava comigo, quem apinhava era eu. E me queixava para a minha mãe:

— A senhora protege o Jerônimo porque ele é filho legítimo. E eu, sou bastarda.

Eu não sabia o que era bastarda. Mas achei bonita a palavra. Minha mãe também desconfiava. Nósouvamos nos círcos. Inconscientemente eu acertava. O que eu repreava eram as brigas dos adultos alcoolizados. Um adulto tem que ser classe. Dar bons exemplos, ser o professor da décencia. E não o professor da anarquia.

O meu tio Joaquim era o mais bravo da família. Era o penitíncio filho, e obrigava os irmãos mais velhos a obedecer-lhe. Até a minha mãe, que criou-o após a morte de minha avó, era obrigada a peculdi-lhe a banção. Ele não sabia ler. Empregava a violência. E batia com rata e energia que as pessoas que ele espancava ou libertava eram os desaparecidos da cidade. Ele era amassado com a minha madrinha de batismo.

Ele era branco.. E o povo murmurava:

— Onde é que já se viu, pão com branca.

Os homens brancos xingavam:

— E o açúcar com o café. E o café com leite. E o mosquito no leite. Eu não aprovo esta união. Cê com certeza, le com le.

As mulheres pretas, quando viam o meu tio passeando de braço dado com a minha madrinha, diziam:

— Olha o mosquito no leite! Olha o mosquito no leite.

O meu tio dizia que os homens ignorantes é que eram racistas.

Um domingo, a minha mãe pintou o rosto, pô-de-arruz, caranis, e crayon. E foi passear. Encontrou com o meu tio que obrigou-a voltar para casa e lavar o rosto.

— Não estavam na época do carnaval.

Ela obedeceu-lhe em silêncio.

— Arrependi-me de ter criado este cachorro!

Ele respeitava só o vovô. Quando pedia a bebêço, não bebia álcool, não vagava. A polícia não o conhecia. Era caroçoiro, obrigava o meu irmão a guiar os bois. Mas ele não gostava de levantar-se às cinco horas da manhã. Ele ia desperdiçá-lo com a sua voz estentórea. O meu irmão suplicava:

— Manoel fala pra ele que eu estou com dor de ouvido. A cara está tão quentinha.

— Ele não pode ir. Está com dor de ouvido.

Ele quebrava a porca. Entrava com o chicote na mão e nos dava chicotadas, gritando furiosamente:

— Você está doente? Toma o remédio! Não gosto de homem preguiçoso, cachorro! Ou você aprende trabalhar, ou eu te mato! O Brasil não deve ser um país de ociosos. As nossas terras precisam de braços. O homem é assim mesmo, ao convidi-lo para trabalhar ele arranca estas doenças: bronquite, sinusite e pregaiose.

Dava umas chicotadas no meu irmão. Na terceira chicotada, o meu irmão pulava a janela, arrastando as cortinas e chorando.

Minha mãe reclamava:

— Você não é meu pai, nem meu marido.

Ela devia-lhe uma chicotada, ela silenciosa definição.

vamente. Eu dava risada. Ele me dava uma chicotada dizendo:

— Isso, é para você me respeitar. Eu só sou parceiro para você risar de mim.

Quando ele se distanciava, minha mãe se levantava, abria a porta, roceava a casa para ver se ele estava oculto nos cuiwando. Certificando a sua ausência, xingava-o:

— Aquele cachorro! Eu limphei o t... dele.

— E o meu irmão decidia levantar-se quando ouvia os passos do meu tio. Aos sábados, ele pagava-o. Trocava o dinheiro em moedas e enchia as mãos do meu irmão, e dizia:

— Ele é muito preguiçoso. Eu pago-o com dinheiro trocado para estimulá-lo ao trabalho. Quem sabe se o dinheiro tem mais força do que as minhas palavras e as minhas chicotadas.

Meu irmão colocava as moedas nos bolsos e sorria dizendo:

— Estou rico! Estou rico!

Eu ficava com inveja e pensava: "Por que é que eu não nasci homem pica ficar rico, e ganhar muito dinheiro?"

O meu tio dizia:

— O homem para ganhar muito dinheiro é preciso ser trabalhador e ganhar o dinheiro com honestidade. Ele se perdia mentalmente: "Honestidade."

O meu tio comprava gêneros alimentícios, toucinho, carne e cachaça, e dizia para a minha madrinha:

— Você prepara o salmoço, depois pode beber a salsinha.

Ela bebia a pinga. Embriagava-se, e deixava os cães comerem a carne e o toucinho. Não preparava as refeições. As mulheres pretas diziam:

— Bem feito! Arranja mulher branca! Mulher branca, não presta.

O meu tio espancava a minha madrinha que estava superalcoolizada, estendida no solo. Dava a impressão que ele estava espancando um cadáver. Mas quem é que causava isto? Quando ela normalizava, estava com o braço quebrado. Começava a gemer, a chorar.

E eu pensava: "Tem mulher que diz que o homem é bom. Que bondade pode ter o homem, se ele mata e espalha, cruelmente? Quando eu crescer eu não quero homem. Prefiro viver sozinha."

Ela ajeitava o braço ferido. Depois continuava beijando o meu tio.

Aqueles céus, para mim, eram um enigma. E diaia comigo mesma: "Credo. Eles não têm vergonha." Eu era inciente, desconhecia a atração sexual, que é a advogada dos casais. Mas a minha idade não me auxiliava a compreender que o meu tio estava com a tração.

Os que ficavam condoidos iam relatar aos policiais que o meu tio havia espancado a minha madrinha. Quando os policiais chegavam, ela defendia-o:

— Ele é um santo! É o melhor homem que existe no mundo. Ele não vai preso. Eu já cedoo lugar apropriado para prendê-lo.

O meu tio dizia:

— Eu sou de manha para trabalhar, quando volto do trabalho encontro-a bêbada, caida por cima do braço. Se o braço estiver quebrado, não sou eu o responsável.

O meu tio exibia suas mãos calçadas, que eram o único documento de um homem. Os policiais pediam desculpas ao meu tio e retiravam-se. Eles fechavam a porta e iam deitar-se.

O meu tio comprava móveis, ela queimava-os para fazer as refeições. Nunca vi a minha madrinha lavar rou-

pas. Sabia fazer crochê muito bem, quis ensinar-me, não apreendi a tricotar as linhas, desisti.

Ela foi casada com um preto de nome Alcides. Abandonou-a. Não teve filhos, por não ter menstruações normais, tinha as menstruações duas vezes ao ano. Era uma mulher amarela. Uma cor indefinida. Quando sorría, tinha aparência de um esqueleto.

Eu ouvia e via estas confusões que ficavam condicionadas na minha mente como se fossem roupas dobradas dentro de um armário. Todos os dias havia coisas para entrar dentro da minha cabeça. O corpo humano deve ser assim mesmo, pensava.

Mas o meu tio cansava-se de viver com a minha madrinha, que era abstrata com relação à vida, tão diferente de minha mãe, que amava as abelhas e as formigas, que se locomovem de um lado para outro. Percebi que ele desejava reajustar a família. Nortando a dificuldade, despareceu de Sacramento, que é uma cidade que não oferece um futuro promissor aos seus filhos.

O meu irmão rejeitou-se. Dizia:

— Eu não preciso trabalhar! Eu não preciso levantar cedo!

E levantava às sete horas, ia aquecer-se ao sol.

Eu pensava: "Meu Deus, os pretos precisam ser dinâmicos, mais esforçados, para fazer cassas de tijolos. E não se acomodarem dentro destes quartinhos, recobertos com capim." Apesar do meu tio ser rude, eu senti saudades dele. Era um homem honesto.

Eu pensava: "Será que o dinheiro é tão importante assim? Mas o vovô diz que a coisa mais importante que existe é Deus!"

Eu achava esquisito era ver as meretrizes usando roupas coloridas e exagerando na pintura e nos adorments para atrair os homens. Para mim elas deveriam fazer uma ssespia na boca para não terem mau hálito. Pensei que quem comercializa o corpo deve ter uma assepsia rigorosa.

Aos sábados, os policiais apertavam-se. Ele colocavam um círculo por cima da túnica. Era a prova de absoluta autoridade. Os pretos ficavam aprovados. As mulhers pretas salam, iam nas vendas retrarem os seus filhos e seus esposos. Como é horrível suportar uma autoridade inciente, inábscil, arbitrária, ignorante, indecente e, pior ainda, analfabeta. Não conheciam as regras da lei, só sabiam prender. Quando não conseguiam o afeto das meretrizes, prendiam as infasuras. Elas recusavam os soldados, alegando que eles não tinham dinheiro. E assim fiquei sabendo que o homem que não tem dinheiro não tem valor para as mulheres.

As meretrizes eram as que usavam os casacos de atração e os vestidos de seda. Cortavam os cabelos, pintavam os lábios de vermelho. As mulhers estadas e as moças virgens não tinham permissão para usar o barom, passar o círculo e cortar os cabelos. Mas quando as meretrizes passavam com suas roupas sensacionais, os homens ficavam extasiados como se estivessem apreciando algo sobrenatural. E as meninas ficavam com inveja e confusão! A dona da pensão sengento-e-

— Meretriz, infasura! Você já está velha. Ningém te quer! Vai pedir esmola! Você deverá me arranjar o dinheiro, ou então deixa o quarto.

As meretrizes sentiam incêndios disputando-as. Escas queretas homens se incendiavam disputando-as. Escas queretas

Isso ocorria aos sábados e aos domingos. A cidade superlotava de homens, circulando à procura das meretrizes. Elas ficavam agitadas, igualis às aldeias nos dias de chuva. Diziam que o sábado era o dia de ganhar muito dinheiro. Tomavam banho e perfumaram-se e saíam pelas ruas procurando os homens com dinheiro.

Que disputa tremenda! Todas queriam conseguir homens. Não selecionavam. Davam a impressão de ser animais na côpula. Uma mulher limpinha dormia com um homem sujo e beijava aquela boca com os dentes podres. Se o homem exibisse o dinheiro pronto. E ele ouvia isto.

— Meu querido! Meu amor! Meu benzinho! Meu sainhinho.

Em troca destas palavras, os homens davam-lhes somas fabulosas. E elas davam o dinheiro para as elonas das peças onde moravam.

Aí deles, quando não arranjavam dinheiro! Que confusão! A dona da pensão sengento-e-

— Meretriz, infasura! Você já está velha. Ningém te quer! Vai pedir esmola! Você deverá me arranjar o dinheiro, ou então deixa o quarto.

eram o bastante para achar-lhes a verdade, convencendo-as que eram boas. Que favor que tinham de ficarem velhas! Compravam cosméticos rugos, e não saiam da frente do espelho. Como se fossem a madrasta da Gata Bonitinha! O que não estava certo era a interferência dos policiais com aquelas infelizes. Que iam ser os budeiros.

A mulher livre mais bonita era a Abadia. Um dia pareceu morir com um jovem de nome Octávio. O Octávio magoou- e suicidou-se. Não investigaram. Eu desconfiei quem matou Abadia e o Octávio. Mas não pude dizer quem era. Se eu dissesse ele poderia assassinar-me e matar a minha mãe. Eu estava com cinco anos e já compreendia a infantilidade dos adultos, que às vezes são criancas nos seus atos.

Entrava em qualquer lugar. E presenciava cada vez... Pensava: "Os grandes não respeitam os pequenos."... Ao podia penetrar minuciosamente naquelas confusões... As meretrizes não sabiam ler. Pagavam alguém para escrever as cartas para elas, ensinavam, nos corredores,

A meretriz vijanete era a deusa neque núcleo, rezando para as amigas os lugares que conhecia. Elas estavam sempre com dinheiro. Enviam para os familiares. Pediam às mães que tomasssem conta de sua irmã, que era horrivel ser mulher à tua, que obrigassem à irmã a casar-se, que é muito melhor ser de um homem do que ser dos homens. Que elas tinham muitos homens, mas só tinham um homem. Aos sábados, elas saiam pelas ruas procurando um homem. Quando não conseguiam, eleiam que eram infelizes. Será que os grandes são loucos? Será que eu vou ser igual aos grandes quando eu crescer? Já estava aborrecida de viver neste mundo. Fui pedir à minha mãe,

— Sabe, mamãe, eu não encontro gosto nenhum.
A senhora quer me pôr onde eu estou?
Ela expôs que para sair deste mundo era preciso morrer.

— Ab! de morrer eu tenho medo.
Quando alguém roubava, os soldados saiam com o
preço pelas ruas da cidade. Era obrigado a carregar o que
havia roubado: galinha, cavalos. E a criança saia atrás,
baterendo lata, frigideira, tambor, quem sabia tocar sanfo-
na, viola, violão, cavaquinho, gaita saia atrás do preso.
Um dia era um preto. E nós gritávamos:

— Olha Zé coberta! Ele roubou coberta! Olha o Zé coberta, é ladro de coberta.

O povo saiu pelas ruas para ver o anúncio, era comum se estivesse acompanhado uma procissão. Quando o delegado soltava o preto, ele desaparecia e nunca mais voltava para Sacramento. Era um castigo moral que tinha o seu efeito benéfico. E ninguém queria ser ladão. Eu adorava essas festinhas. E os comentários:

— O homem que rouba deveria ser unarcado com um L no rosto. O ladrão não tem valor. É um abrigo que tem preguiça de trabalhar, o ladrão dura pouco. Até as crianças rêmegam o ladrão, quando elas se reuniam e comentavam sorrindo:

— Você viu como o Zé coberta transparava? — e davam risadas.

O homem que roubava galinha perdia o seu verdadeiro nome ia ser reconhecido por todos com o nome de

22 **galmata.**
E os anos foram passando. O que preocupava era a infidelidade dos pretos. Quando ocorria um crime ou um

roubo, os poetas era os suspeitos. Os policiais prendiam. Quantas vezes em ouvia os maiores dizendo:

— Negros ladrões, negros ordinários.
Eles diziam:

— Não somos nós.

Nossova os seus aliados tristes.

Eu sabia que era negra por causa dos meninos brancos. Quando brigavam comigo, diziam:

— Negrinha! Negrinha feidada!

A avô de minha mãe dizia:

— Eles são como os espinhos, nascem com as plantas. Não compreendi, mas sei que tudo isto tão confuso! Por causa dos meninos brancos criticarem o nosso cabelo.

— Cabelo piassim! Cabelo duro!

Eu lutava para fazer os meus cabelos crescerem. Era uma luta árida. O negro é filho de imacão. Que vontade de jogar pedras.

O meu prazer era ver uma menina branca suplicar:

— Bixita, atira uma pedra naquela manga para mim. Eu tinha algo, era só jogar e acertar. Pensava:

— Mesmo tendo preta, tembo alguma utilidade.

Com os pretos velhos os meninos não mexiam, por-

que eles diziam que conheciam um homem que virava lobisomem e muta-sem-cabeça. Foi o único meio que os pretos velhos arranjaram para ter sossego.

A nossa casa já estava com o capim podre. Que luta para minha mãe arranjar vinte mil-reis para comprar um carro cheio de capim, e pagar um homem para colocá-lo no nosso rancharinho. O branco construía a sua casa definitivamente com telhas.

Fui ficando triste. O mundo há de ser sempre assim: Negro pregui, negro, prati. E Deus gosta mais dos brancos do que dos negros. Os brancos têm casas cobertas com telhas. Se Deus não gosta de nós, por que é que nós fizemos?

Fui procurar a minha mãe.

— A senhora pode me dar o endereço de Deus?

Ela estava nervosa deu-me uns tapas. Ficuei horrorizado: "Será que a minha mãe não vê a luta dos negros? Só eu!" Se ela me desse o endereço de Deus, eu ia falar-lhe. Para ele dar um mundo só para os negros. Ela explicou-me que os negros eram ignorantes. Que o homem que não sabe ler fica parado igual uma arvore num lugar.

— Quando você completar sete anos, você vai entrar na escola. Vai aprender a ler.

Que inveja que eu tinha quando via o donzor Cunha lendo um jornal. "Hé de ler o jornal se Deus quiser." Eu fiquei alegre.

Minha mãe era caprichosa. Areava os bancos, areava as panelas. Tomava banhos todos os dias. Eu não gostava de tomar banho para deitar. Ela dizia:

— Se você não tomar banho, os urubus vêm me comer.

As vezes eu dormia sem tomar banho. De manhã, quando avistava os urubus circulando nos arés, ia correndo esquentar água para lavar os meus pés. Olhando os urubus voando grunhindo.

— Eu já lavei os pés senhor urubu.

E assim fui habituando-me a tomar banho.

Que favor que eu sentia na época das festas de são Benedito com o corre-corre dos pretos. Era a única época em que eles davam lucros aos comunitários. Não tinha um preto culto para nos falar da escravidão, para

incentivar a fuga. Viviam sem preocupar-se com o porvir. Qualquer anormalidade na cidade, as meretrizes procuravam interferir como se sua presença fossem indispensáveis. Dava graças a Deus, quando terminava a festa que dirigava o seu salão triângulo várias jovens gestas te. Quando a cidade normalizava-se, o festero estava endividado. Alguns pretos adoravam de tanto sambar. Que fanatismo por baile. Pensava: "Se eles tivessem o fanatismo para trabalhar, poderiam até ter casas cobertas com telhas." Para mim as pessoas que moravam nas casas de telhas eram as imponentes. Várias dias ficavam comentando as canções que elas improvisavam. O que me horriava era ver um preto andar com legumes para dançar. As pouquíssimas vezes que acompanhava a minha mãe nestas andanças, fiquei estropiada.

Quando ia aproximando a época das plantações, só se via o porro dilando para o alto e comentando:

— Será que não vai chover?

Todas as casas tinham oratório com as imagens dos santos. As mulheres lavavam as imagens suplicando:

— Estou lavando-as para que nos enviem chuvas. Será que o bom Deus vai nos castigar? Enfiei na terra e lavavam os crucifixos. Falavam que no Estado do Ceará ficou sete anos sem chever. Que morreu muita gente. Eu pensava: "As cruzes são de pau que os homens fazem. Que poder terão elas? Será que elas atendem os pedidos?"

E eu pedi que fizesse eu virar homem. Queria pôr a roupa. Queria ser um homem forte e comprar um Ford. Queria ser igual ao José do Patrocínio, que ajudou a libertar os negros e ainda comprou um Ford. Eu havia visto o Ford no jornal. Que vontade de andar nele!

Eu invejava as meninas brancas que usavam vestidos de veludo, linho, organdi, e calçavam os pés com meias

de seda. A seda custava dez mil-réis o metro. A malhada

que vestia um vestido de seda circulava pelas ruas vazias, semelhante a um pavão exibindo suas penas coloridas.

Quando percebi que nem são Benedito, nem o arco-íris, nem as cruzes não faziam eu virar homem, fui-me resignando e conformando: eu deveria ser sempre mulher. Mas mesmo semiconformada, eu invejava o meu irmão que era homem. E o meu irmão me invejava por eu ser mulher. Dizia que a vida das mulheres é trabalho sacrificado. Não necessitava levantar cedo para le trabalhar. Mulher ganha dinheiro deindia na cama. Eu ia correndo deitar na cama de minha mãe, pensando no dinheiro que ia ganhar para comprar pé-de-moleque. Depois levantava, desfazia a cama com ansiedade, procurando o dinheirinho.

Quando a minha mãe via a cama desfeita, dirigia-me um olhar duro, e perguntava:

— O que está fazendo, cadelha?

— Estou procurando o dinheiro, o Jerônimo disse-me que as mulheres ganham dinheiro na cama, eu dei-me a voz ver quanto é que ganhei. Quero comprar doces. Apanhava.

Ela ganhava trinta mil-réis por mês. Comprava botinas para o meu irmão. Doze mil-réis. E sandálias para mim. Sandália era o calcado dos pobres. Ficava alegre. Na época do frio eu podia calçar meias. Quando uma mulher pôrre calçava meias, as vizinhas perguntavam:

— Essa dona?

Só as mulheres ricas é que podiam usar meias. Era chique.

— Quando sobrava comida, as meretrizes davam aos pobres, que comiam as sobras dos ricos sem avergonhar se eles eram doentes ou não.

Com as dificuldades que os pais encontravam para viver, pôde que a pobreza era a sua reforma francesa, alguns

pais, incisões, obrigavam suas filhas a ser morenhas. Vizandos enriquecer por intermédio das filhas, jovens desmadradas, que eram obrigadas a passar as noites bebedoas, bebidas geladas ou vagando pelas ruas procurando um admirador. Algumas ficavam infelizadas, com doenças venéreas e morriam com dezoito anos. Eram flores que não encontravam vasos de cristais para exibir os seus esplendores. Flores que não encontraram o adubo da vida, que é a felicidade.

Não me agradava aquele modo de vida dos pobres. Não podia nem classificá-la aquilo de vida, sofriam mais do que os animais. Que luta para conseguir dinheiro nas cidades do interior.

O que favorecia era o matadouro público, que distribuía os miados dos animais. Um pedaço de fígado para cada criança, se numa casa havia oito crianças, cada uma ganhava o seu pedaço. Quando o distribuidor perguntava:

— Vocês são irmãos?

— Não senhor.

— Mas vocês têm o nariz chato e a mesma cor.

— E que nós somos filhos de Adão e Eva.

Distribuían as cabecetas, os riás, os pés, o bucho e as línguas. Que alegria quando nós comímos os bifés de fígado com arroz! Era um banquete. A carne de cabeça, que carne insípida! Não tem sabor, e não corinha. Tinha até um ditado: pessoas ordinárias eram a carne de cabeça. A carne selecionada era para os ricos: quinhentos réis e oitocentos réis o quilo.

As crianças ricas quando adociciam era tosse. As pobres eram anênticas, resquícias, por andarem descalças.

Minha mãe corinhava com lenha. Nós não podíamos comprar, íamos buscá-la no mato. Reuniam-se várias mulheres: a Maia Preta, a Joaquina e Maria Triste, minha

mae e eu. Levávamos um machado. Que suplício andar no mato procurando um pau seco, catorro ali. Quando encontrassemos um pau seco, que alegria! Era como se encontrassemos um diamante de ouro. Era aquela andança dentro do mato, das sete ao meio-dia. Eu gostava de ir para comer as frutas silvestres — jatobá, pitanga, gabuoba, asticicum, maracujá e maracelo-de-cachorro. Não gostava de retorno. Minha mãe me obrigava a carregar um festejo de lenha. Eu era fraca e não suportava o peso. Mas não podia reclamar. Já estava começando a compreender que para viver temos que nos submeter aos caprichos de alguém. Pui notando que há a possibilidade de ficarmos livres de tudo que nos fatiga ou aborreça um dia. Porque a vida é uma iguaria a que devemos adicionar uma dose de paciência. Minha mãe sorria alegre porque a lenha que alivio! Is sentar para descansar.

Pui notando que há a possibilidade de ficarmos livres de tudo que nos fatiga ou aborreça um dia. Porque a vida é uma iguaria a que devemos adicionar uma dose de paciência. Minha mãe sorria alegre porque a lenha pura nós era um dilema.

O único dia que eu detestava era o sábado, por causa da agitação. Se fosse possível acabar com o sábado! Só falei em no bate o dia todo. O meu desejo era transformar-me numa ave quiqueira, mesmo que fosse o urubu, e voar todos os sábados para fugir daquele ambiente que não me agrada em nada.

— Me dá o ferro! Ah! espera um pouco!

Já estava tomando nojo até do ferro. Mas eu era criança. O baile para elas era uma obsessão. E os comunitários:

— Hoje, o fulano chega!

Os homens que trabalhavam na roça passavam a noite de sábado para domingo na cidade e arranjavam

mulheres para dormirem juntas. Alguns já tinham a mulher certa.

O comércio permanecia aberto domingos e feriados. Vendiam bebidas alcoólicas, e os bêbados circulavam pelas ruas praticando cenas absurdas. O bêbado não abarcava o respeito da população.

Na cidade vivia um mulato com o nome de João Flaviano. Quando embriagado, ficava nu, e as crianças viajando. As mulheres davam-lhe um lençol, ele embrulhava-se. Dava a impressão de ser uma figura bíblica com a unica inconsistência.

O que me impressionava era ver os nordestinos com suas trouxas nas costas, com seu aspecto destruído, como se fossem habitantes de outros planetas desumanos. Supos e tons. Alguns tocavam violas e cantavam.

"No entado do Ceará

Safe amei não choreva

Quem era rico emigrava

Quem era pobre morava."

Várias pessoas paravam para ouvi-los e davam dinheiro.

"Quem era rico emigrava.

Quem era pobre morava."

O pobre não teve meios para deixar o estado do Ceará. E eu sou pobre! Quer dizer que quando o sofrimento base na porta do lar pobre, ele encontra guarda-fuga com dó daquela gente. Os homens pareciam esqueceram ambulantes. Mas estava com seis anos, o que poderia eu fazer para amparar aquele povo infeliz?

Minha mãe dizia:

— Eles são baianos. São da terra do Rui Barbosa. Eles abandonam a sua terra e saem vagando pelo Brasil à procura de trabalho. Porque se eles ficarem por lá, morrem de fome. Lá não chove.

Puxa! Então a chuva faz falta mesmo!

Então é por isso que o Rui Barbosa queria preparar um Brasil para os brasileiros? O Brasil foi descoberto em 1500 e se não fosse tão espoliado, os homens do Norte não viveriam intranquilos, andando de um Estado para outro, porque o Brasil iniciou-se no Norte. O que fizeram, com as riquezas do subúrbio? Foram devoradas pelos abusivos insaciáveis. Eram tipos egoístas que comiam a carne e deixavam os ossos para os naturais sem dentes. Tipos que se vestiam e deixavam os brasileiros nus. Então o Tiradentes percebeu, compreendeu, lutou, e morreu por nós. Eu vou pedir ao vovô para rezar um terço para o Tiradentes. Coitado, morreu enforcado. E ele estava certo.

O meu saibro era ver um português, homem tão faltado. Mas o povo dizia que eles não gostam das cidades pequenas, que eles estavam em São Paulo e no Rio de Janeiro.

As crianças que voltavam da escola falavam do Thomas Antonio Gonzaga, que mataram. Do frei Caneca, que mataram. Se a princesa Isabel não deixasse o Brasil, também seria morta. Então o mundo é assim? Quando alguém quer ajudar os pobres, os infelizes, eles matam. O Brasil convidou a fundar escolas depois que tornou-se República.

O senhor Nogueira dizia que os portugueses não construíram nem uma escola no Brasil, por isso é que o Brasil era atrasado. Que eram necessários mais quinhentos anos para dar nova face ao país, cultura e solidariedade coletivas. Incendiava no povo o amor patriótico.

Minha mãe dizia:

— Se você crescer assim, preocupada com os problemas do país, poderá perder a sua cabeça, igual ao Trifadente.

— Ora meninô, os menininhos que já sabem ler me falam que na nossa Bandeira está escrito *Ordem e Progresso*. E para lembrar aos brasileiros que o país tem que estar sempre em ordem.

A ordem é o povo trabalhando com honestidade, respeitando uns aos outros.

Eu sentia inveja quando via os meninos que iam e voltavam das escolas. As ruas ficavam tristes, não havia mais crianças para brincar.

Eu concordava:

— Vamos brincar?

— Não. Eu vou estudar. Quero ganhar cem mil lócais.

Fui correndo pra casa.

— Mamãe! O mamãe! Eu quero entrar na escola porque os menininhos ganham cem mil-telés nas lições. Eu nunca vi uma nota de cem mil-telés.

Minha mãe não respondeu. Ela já havia explicado que eu deveria completar os sete anos.

Os norueguesas que chegavam iam residir no Patrimônio. Quando chovia elas ficavam olhando como se fosse o espetáculo mais lindo do mundo. Naquelas troxatinhas, elas carregavam panelas e pratos. Faziam um fogo triste, iam arrancar cipim para recolher sua esperança e dormiam nas redes. Até as aves têm o seu ninho, e elas... São mais infelizes do que as aves.

Aos domingos, os habitantes da cidade eram obrigados a assistir os ofícios religiosos. As religiões predominantes eram a católica e a espírita. Os católicos eram maioria. Os espíritas minoria. Havia discriminações: os

pobres e os pretos assistiam à missa das seis. As madames ricas e casadas assistiam à missa das oito. E as moças-ninas assistiam à missa das dez, iam com os namorados. Os pobres ficavam perto da igreja para ver as mulheres ricas passar, usando vestidos curiosíssimos que eram confeccionados em São Paulo na Casa Alemã ou na madame Antonieta. Se no lavar as roupas as lavadeiras perdiaram a etiqueta da peça que lavavam, pronto, eram despedidas. Uma roupa que fora confeccionada em São Paulo tinha um valor. Era o comprovante que os donos eram ricos e importantes.

As mulheres pobres invejavam os escudos de peles. Compreendia que o sonho de pobrezinha é sonhar, apenas sonhar. As ricas eram vaidosas. Olhavam os pobres como se fossem intrusos neste mundo, ou objetos incômodos e sem prestígio.

Eu ficava preocupada com a seleção de classe. Se na classe média tinha uma família, e se nessa família havia uma mocinha bonitinha, quando aparecia um médico solteiro casava-se com ela. Eu ouvia elas dizerem:

— Eu não gosto dele. Vou-me casar porque ele é doador e poderá me dar uma vida confortável e me introduzir na alta sociedade.

Eu ficava horrorizada, porque um homem, seja rico ou pobre, quando decide casar-se é porque está considerando a mulher. Mercede ser amado. Creio que as mulheres que agem assim são as escravas das vaidades.

Muitas delas diziam:

— Eu gosto de fulano. Mas ele é pobre. Será que a alta sociedade é tão importante assim?

Minha mãe dizia que as exigências na vida nos obrigam a não escolher os polos. Quem nasce no polo norte, se quiser viver melhor no polo sul, então deve viajar para os locais onde a vida seja mais atraente.

— Meu ilustre genro foi feito no céu. Não fere nossa sensibilidade. E o representante da penitência.
Em todos os lugares onde ia passear falava unicamente no "meu genro".

— Ele é que nos mantém. Os meus dois filhos estão estudando num colégio interno. Ele é quem paga. Não é só o Cristo quem salva, ele também está me salvando.

No outro dia, minha mãe chegou às seis horas. Estava usando seu vestido novo e calcada com um "pé de anjo". Ao meio-dia, chegou o genro. Vaijou no bondinho do Cipó até a cidade. O motorista do Sete conduziu o genro tão esperado, ele e a esposa e os dois filhos. Quando saíram do carro, a sogra foi recebê-lo. Abraçaram-se e beijaram-se. A sogra dizia:

— Tenho a impressão que já faz um século que não o vejo! O senhor está tão bonito! Muito obrigada pelas cartas. Eu as tenho recebido de oito em oito dias. Suas cartas me tranquilizam tanto. O senhor é o meu protetor.

Beijou os netos.

Em um minuto a notícia circulou:

— Sabe? O "meu genro" chegou!

— E?

— Mas sabe de uma coisa? O "meu genro" é preto!

— Pretor? Credo!

— Ei, diz que ele é rico.
Os convidados não foram almoçar. Percebia-se que aquela senhora estava chorando interiormente. E os homens prosseguiram:

— Imagine só, eu sentar na mesa com um negro.
A esposa era uma beleza branca. Cabelos pretos e olhos verdes. A sogra coavidiou o gento para ver a casa e o quintal com os arvoredos. E pediu para mimhá mãe

MEU GENRO

Uma senhora que havia mudado para Sacramento, e que não mencionou de onde viera, foi procurar criadas e minha mãe aceitou.

Ela queria que limpassem a casa. As janelas, o salão. Fazer doces, preparar carnes, recheá-las, encher frangos, que o seu genro ia chegar. Ela ia apresentá-lo aos figurões. Que correria! Distribuía vários convites. Na casa, ela falava:

— O meu genro, que homem!

— Queríamos ver o homem fêndemos, tão enaltecido pela sogra, coisa rara.

Minha mãe e a tia Terera é que estavam preparando os quintais. Andava, mulher do pai preto é quem engomou as toalhas bordadas. A casa ficou um primor.

A parou era delicadíssima para lidar com os domésticos. Não dava ordem com a convicção que estava pagando. Pediu com gentileza.

— Amanhã, o meu genro vai chegar. Será que a senhora poderá chegar às seis horas?

Minha mãe disse que sim.

Ela andava de um lado para o outro, reclamando que os parentes dos religiosos eram indolentes e não se moviam.

deixar seis lugares na mesa e retirar os ouros pratos para o seu gênero não notar hostilidade dos donos da cidade.

Dizia:

— Estes homens desqui não são dignos de pegarem nas mãos do meu gênero.

Serviram o almoço. Quantas bebidas! Abriram as janelas. Que calor. Ele dizia:

— A senhora deveria ter-me dito que vinha residir nesta pocalga. Que cidade! Isto aqui é uma vila. Aqui tem mar?

— Não senhor. Quando o senhor quiser tomar banho tem que ir ao chuveiro.

— Estas cidades do interior não crescem nunca. Os habitantes dessas regiões não têm visões, nem vaidades. Não gastam para o bem da comunidade. São tipos de mentalidade da era das cavernas, que guardam suas economias dentro das barras. Ah! Eu vou levá-la longe. A senhora tem que morar no Rio. Que povo seletivo! Li não há preconceito. Quem dirige isto aqui?

— É o seu Juca. O primeiro prefeito dessa cidade, e vise de Araxá. Precisa conhecê-lo. É um tipo inesquecível. É doutor mas fala caipira. Imagine que quando ele visitou a capital do estado de S. Paulo, ficou deslumbrado com o progresso da cidade gigantesca. As pessoas de outros estados, quando visitavam São Paulo, iam tirar um retrato no jardim da Luz com tocas de lá e o guarda-chuva aberto para comprovarem que em São Paulo chovia todos os dias. Ou então que havia aquela garota que deu fama à capital paulista.

Tudo para ele era novidade, não acreditando que a cidade deslumbrante fosse obra do homem. O seu idolo era o bonde. Que delícia viajar naquele carro elétrico que o coxearia por todos recantos. Ele ia comprar uns

bondes para levá-los para Sacramento. E o bonde levaria o povo de Sacramento até o Cipó. Era um bom negócio.

Ele passava as tardes dentro do bonde. E ficou viajando da Penha para a cidade e da cidade para a Penha. E adorava ao trajeto.

Quando desceu e desceu do bonde, percebeu que todos lhe dirigiam o olhar. Ficou intrigado, preocupado, pensando: "Será que este povo já sabe que eu sou prefeito de Sacramento? Será que eles já sabem que eu sou fazendeiro?" Com o povo parando para ele passar, pensou: "Será que eles desejam homenagear-me? Será que perceberam que sou importante?"

Ele seguiu o caminho. Quando passou diante de uma virinha, viu a sua imagem refletida no espelho. Compreendeu a causa dos olhares. E que enquanto ele dormia trocaram o seu chapéu por um de pedreiro, todo sujo de cal e cimento. Ele sorriu e foi comprar outro chapéu. Ele estava usando roupa de *beta-bacab*, sapatos de bico fino envernizados, religião de ouro e disfarço de político. Entrou numa loja e comprou outro chapéu. Um chapéu naquele tempo custava quarenta mil-reis.

E tempos depois, os bondes chegaram em Sacramento. Quem teve a gentileza de pegar o chapéu do prefeito Juca Afonso fez um bom negócio, porque para ganhar quarenta mil-reis naquela época só mesmo um político.

— Aqui tem ginásio? — perguntou "meu gênero".

— Dizem que vão fundar um. O senhor quer visitar a cidade?

— Não. Não essou habitado a respirar pó.

Minha mãe sonha na cozinha e dizia:

— O nariz do negro é nariz importante. É nariz de galá

— Eu vim apenas ver como é que a senhora está vendendo.

Que preto educado! Era semi-obeso. Falava do progresso nas cidades grandes. Que o povo é culto, mais generoso e tal é indolente.

Sobreou muita corrida, doces. Nós levamos. Três dias depois elas viajaram. Ele convidou a minha mãe:

— Vamos para o Rio de Janeiro.

Minha mãe recusou, dizendo que tinha medo de sofrer.

Não fui só eu sabendo o nome daquele senhor, e nem o nome do seu genro. Eu queria ouvir o seu nome. Mas, ela dizia.

— Meu genro.

Odiava aquele preto como se estivesse olhando uma joia. Dava a impressão que ele é quem desejava ser esposa daquele preto. O mestis que salvou-a da miséria. Nunca um homem foi tão acatado por uma sogra. Era impressionante a admiração daquela senhora.

Creio que os homens não foram criados para por se sentirem inferiores ao "meu genro". A sogra não trabalhava e vivia como se fosse uma rainha. Todos os meses o genro lhe enviajava cinco contos.

Fiquei pensando naquele boa mulher que foi despedida só porque o seu genro era preto. Quer dizer que o preto fez com que ela perdesse a consideração dos brancos. Minha mãe dizia que o mundo é assim mesmo. Fiquei furiosa:

— Ah! conhaço, o mundo vai modificá-se. Não gosto do mundo como ele é.

Minha mãe sorria e perguntava:

— O que é que você vai fazer do mundo?

— Não quero gente grande no mundo. São os grandes que são maus. As crianças brincam juntas, para elas

não existe a cor. Não fazem em guerras não fazem cidades para prender ninguém.

Eu não gosto dos grandes. Os grandes têm coragem de enfiar uma faca no outro. Outro dia um espingão entrou no meu pé e doeu tanto! E se fosse uma faca? O bicho chinelo me ouvia e dizia:

— Esta negrinha vai longe.

des conversarem. Eram analfabetos. Falavam apenas do baile.

— É o Manoel, é bom sanfoneiro.

— E o João sabe tocar violão.

Eram filhos dos colonos e trabalhavam para os portugueses. O Brasil era a segunda edição de Portugal. Não tinha estilo próprio.

É nas fazendas não havia escolas, havia enxadas em abundância. Arrancar rocos, preparar terras para plantar. Iam embora à noite. Não tinham permissão para ficarem na cidade nos dias tristes.

O único homem que dizia: "— Eu não tenho medo dos policiais porque se eu quiser virar soldado eu viro", era o Augusto Bicudo, pai da Dolores minha prima. Um dia ele discutiu com um policial, e o policial furou-lhe a orelha com uma bala. O Augusto Bicudo introduziu cera preta no local para ouvir o que foi perfurado pela bala.

— A notícia circulou, e o dono do circo foi procurá-lo. — Você não quer trabalhar no meu circo? Agora você tem valor porque está com a orelha furada. Você trabalha com o palhaço Pouca-Roupa. Eu te transformo num grande artista. E te pago cinqüenta mil-réis por semana. Livre. E tu levo para Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Recife, São Paulo e Niterói. Você pode até ficar rico. Eu posso anunciar: "Venham ver o homem que tem uma orelha que foi furada por uma bala de um policial." E os homens comentavam:

— O Augusto Bicudo está com uma orelha furada porque agora é moda o homem furar a orelha.

— Não. Foi um policial quem furou.

— É? Com faca?

— Não! Com uma bala.

Ele desgostava-se, foi morar na selva com os índios. No sábado seguinte às meeterizes veríram-se espalhadas, cada uma com o seu nomeado. Que luta para

A MORTE DO AVÓ

O tio Cirineu disse-me:
— Olha, Bitita, você vai casar com o meu filho Ascendino.

Pensei: "Prefiro o Cirino." Mas não disse nada. Não queria magoar o Ascendino, que ficou contente dizendo:
— Você vai ser a minha mulher!
Era um preto calmo. Pensei: "Este homem, calmo, tranquilo parece igual a mim, não me serve. Eu queria um homem relâmpago. Estes homens que se levantam de manhã e vão sentar-se não me servem..."

O meu sonho era ver um preto rico, fazendeiro, que fosse o dono de uma gleba de terras, com roças e plantações. Quivi dizer que na Bahia tinha pretos que eram fazendeiros, que plantavam o cacau. Como eu gostava dos pretos e tinha dó deles! Uns tão ricos, outros tão pobres. Por que é que os pobres rezavam rodos os dias? Falavam: Deus... ram dó de nós. Deus... misericordioso. Quando seria o Deus que é o nosso pai? Que vontade que eu tinha de ver o Deus e pedir-lhe para conservar o mandado. Os ricos não falavam em Deus. Só os pobres.

Aos domingos reuniam-se as primas que eram adultas. A Maria Sebastiana, a Ana Rosa e a minha tia Claudiinha, cada uma com o seu namorado. Que luta para

rando os noceiros. Mas não apareceu ninguém com medo que os policiais lhes fizessem as orelhas. Até os comerciantes protestaram, e o Policial deixou a cidade.

A Dolores chorava desesperado:

— Que pena! Furaram a orelha do meu pai!

Nós estávamos aseafados com os preparativos para o casamento da Maria Maruca que era a filha da sra. Maria. Não tormei conhecimento do nome completo da Maria. Que mulata bonita. Boazinha.

As pessoas bonitas não deveriam morrer. A Maria amava o filho da sra. Ana, o João Marcelino. Mas a tia Ana não consentiu o casamento. Era sotócrata. Quem vestia calça era ela. Só faltava ter bigodes.

Os seus filhos deveriam casar-se com brancos. Mas a sua mãe, que é a minha beavô, era negra de cabelos lisos. Era filha de branco. Eu tenho sangue mesclado. Porque a minha avô materna era mulatka.

O João Marcelino e a Maria encontravam-se nos bairros. Eram par constantes. Não falavam. Apenas olhavam. Estavam proibidos de falar. Era a ordem da diretoria que era a única pega negativa da nossa família. A Maria, percebendo a impossibilidade de construir um lar com o João, foi esquecendo-o. E iniciou um namoro com um preto bonito.

O Sebastião era de Araxá. Que olhos bonitos! E casaram-se. O João Marcelino não compareceu. Chorou lamentando que não era livre. Que era escravo dos caprichos de sua mãe. Não foi ao baile porque não podia ser o par da Maria que pedia ele tinha o valor de uma iéia. Ele tocava violão e cantava despedindo-se. A Maria não emocionava-se com as canções do João. Ele cantava

*"Ela cava não tem jeito sorte,
não querer amar mais ninguém."*

Era um capitão de sua vida que estava encerrado.

O Sebastião, esposo da Maria, trabalhava numa pedreira. Uma pedra rolou e caiu-lhe nas costas. Ficou doente vários meses. Chamaram um médico que lhe lancou as costas e o pôs torso: cinco litros.

Eu olhava horrorizada. A Maria chorava. Quando cessou de encorar o pôs, o Sebastião morria. Ficaram casados apenas quatro anos. Mais uma vez odiei a morte —

pobre Maria!

Como sofre uma mulher bonita quando fica viúva. Mesmo no cemitério, os homens já estavam piscando os olhos para ela que chorava desesperadamente. Quando deixamos o cemitério, as mulheres foram para as suas casas. Mas os homens acompanharam a viúva até a sua casa. Diziam:

— Não chora Maria. Nós arranjamos dinheiro para você.

Ouro dia:

— Eu arranjo dinheiro para você.

— Eu homens ficavam rondando a nossa casa como se fossem cãichorros perseguindo as cadelas. Fiomena que moravam nos sítios quando souberam que a Maria estava viúva vinham na cidade. A Zica, que era dona de um húpanar, foi procurá-la.

— Vai lá pra casa Maria. Você ainda é nova. E é bonita. Você vai me dar uma renda espetacular. Eu tenho casas aqui em Sacramento, Conquista e Ulyberaba na rua São Miguel.

A Maria não sabia defender-se, era supereducada. Dizem que a mulher é viúva só durante o dia. E a Maria ficou gestante. Bebeu muitos remédios para abortar. Ela

*"Dizem que o amor vive da sorte
e a sorte é para quem vive."*

cou tuberculosa. O filho era de um preto por nome José de Paula. Quando o filho nasceu, a Maria morreu.

Deixou um filho do seu esposo que ficou aos cuidados do padrinho Jerônimo Gervásio. E o negro não frequentou escolas. Eu tinha um dó do negro. Era bonito. Era filho do Sebastião.

O senhor Jerônimo Gervásio vendeu a sua chácara para uns japoneses: o Napoleão e o Karachima. E mudaram-se. E eu nunca mais vi o negro. As vezes eu pensava: "As mães devemiam morrer depois que criasssem os filhos." Eu pensava que as pessoas morriam por vontade própria. Quando eu via um homem acho, revoltava-me: "Que idiota morrer, e vai ficar debaixo da terra. Ele morreu foi de preguiça, não queria trabalhar. Será que esse homem não teve dó de deixar sua esposa, seus filhos, suas fazendas, o autônomo? Eu nunca hei de morrer, porque ouvia dizer que as pessoas que morriam não mais voltam."

O fato que me horrificou foi ver um soldado meter um preto. O policial deu-lhe voz de prisão, ele era da roça, saiu correndo. O policial deu-lhe um tiro. A bala penetrou dentro do ouvidão. O soldado que deu-lhe o tiro sorriu dizendo:

— Que ponharia que eu tenho!
Com o pé, ele moveu o corpo sem vida do infastoso e disse:

— Ele deve ser baiano.

E eu fiquei pensando nos baianos que eram obrigados a deixar a Bahia porque lá não chove e serem mortos pelos policiais. Será que ele tem mãe? Quem é que vai chorar por ele? Ele não brigou, não xingou, não bateu pinga. Não havia motivos para matá-lo. Quando o delegado chegou, alhou o morto, e mandou sepultá-lo. E tudo acabou-se.

E se o vovô rezasse um terço pedindo a Deus para chover no Norte? E Deus atende o vovô. Quando ele rezou, chove e os nordestinos não precisam deixar o Norte e vir para São Paulo e serem mortos sem motivo. Chorrei. Ele merecia as minhas lágrimas.

O soldado que matou o nordestino era branco. O delegado era branco. E eu fiquei com medo dos brancos e olhei a minha pele preta. Por que será que o branco pode matar o preto? Será que Deus deu o mundo para eles? Eu tinha excesso de imaginação, mas não chegava a nenhuma conclusão nos fatos que presencava. Estava nenhuma conclusão nos fatos que presencava. Estava com seis anos. O único lugar seguro para eu guardar os facos era dentro da minha cabeçula. Minha cabeçula é um cofre. Minha mentalidade aclarou-se muito mesmo.

Quando o meu avô adoeceu fiquei pensando: "E se o vovô morrer? Quem é que vai rezar para chover? Todos precisam da chuva, mas o único que reza é o vovô. Quem deve rezar para chover é o pai de Pedro, porque ele também planta lavouras. Será que ele reza? E a sua Maruca vai ficar sem o vovô e terá que trabalhar. Não mais tem o vovô para comprar comida e roupa?" Ele foi enfraquecendo-se. Os filhos que residiam nas fazendas foram para a cidade, conduzindo os seus filhos e esposas. E foi assim que eu fiquei conhecendo todos os parentes. Os filhos do meu José Benedito eram sete. Os mais velhos não sabiam ler.

O vovô foi desenganado pelos médicos. Era infecção nos rins. O médico que tratava o vovô era o Dr. José da Cunha. Eu ficava penalizada, ouvindo sequelas gemidas. E pensava: "Meu Deus, por que é que existe doença? De onde vem? A doença será de Deus ou do diabo?" Por eu ouvir que tudo que é ruim é do diabo como ouvi e sei que o diabo! Malvado, pé redondo! Mandar doença para jardim o meu avô.

Oh! se eu soubesse onde é o inferno, eu ia lá. E pôs ao diabo para tirar a doença do vovô. A minha vista circulava pelo espaço e eu pensava: "Onde será o inferno? Se eu soubesse o local!"

Eu dava de brincar e sentava ao lado da cama. O meu avô me olhava. Depois fechava os olhos. Eu ficava preocupada a tirando o seu rosto, o seu nariz afilado. Eu queria ser bonita igual ao vovô. Que linda boca. Não tinha o nariz chato da raça negra. O vovô era descendente de africanos. Era filho da ultima remessa de negros que vieram num navio negroiro. Os negros cabindenses, os mais inteligentes e os mais bonitos.

O rancho do vovô era coberto com capé. Quem era ele para comprar telhas! Telhas para nós eram abstratas, viamós as telhas nas casas ricas. De cinco em cinco minutos chegava alguém que ia perguntar:

— O senhor Benedito está melhor?

— Que homem bom! Ele vai para o céu. Elegíavam-no. Ele nunca brigava com alguém. Nunca foi preso. Não irá preso era menção honrosa. Pensava: "O vovô chegou ao mundo antes e eu vim depois. Quero ouvir o que falam dele para saber como foi que ele viveu."

O meu tio João saia para comprar pães para o povo que ficava velando o vovô que ia morrer. Mas se ele encontrasse uma serenata sônia cantando a patuásada. Era fraco de memória. Retardado. Tinha meningite. Era infértil. Era um infértil.

As vizinhas empastreavam as panelas maiores que possiam, porque os filhos e os netos reuniram-se. Nós, os netos da cidade, que estivemos habituados com o vovô, sentímos e sofrimos vendo-o morrer. Os netos da roça olhavam-no sem emociomar-se. Um dia, o vovô des-

faleceu. Os filhos e os netos choraram. Que confusão de vozes.

— Meu Deus! O papau morreu.

— Não morre vovô.

— Se o senhor morrer, nunca mais vai chegar. E nós vamos viver iguais aos norteiros, ficar andando, andando, com aquele saco nas costas.

E odiei a morte e queria dar-lhe umas cacetadas. A morte é louca! Vem buscar os homens que gostam de trabalhar, os que têm obrigações, que têm os seus filhos para criar, os meninos ôrfãos vão ficar aos cuidados do dousor Brand.

O dousor tem um filho moço, o Humberlinho, e ele faz coisas com as meninas. Será que os filhos do juiz não devem ter educação e podem fazer o que bem entendem? Nós que somos os pobres, o juiz quer que andemos na linha. Eu não sei que linha é esta.

Eu acho que os meninos pobres têm mais educação do que o filho do juiz. A dona Sinha, esposa do juiz, é boazinha. Mas o dousor Brand percebeu que o seu filho persegue as moçoilhas pobres. Quando elas o avisaram, saem correndo. Se eu fosse homem queria dar uma surra no filho do juiz.

Os ricos criam os seus filhos assim.

— Não faça isto, Humberlinho!

— Cria modos, Humberlinho!

— Vai estudar, Humberlinho!

Mas o que faltava para o filho do dousor Brand era um cacetinho, um porretilho e um trabalhinho.

Será que a morte não percebia que ela transformava a vida dos homens?

O vovô devia ter dominado pela dor. Depois foi reavivando-se e nos disse:

— Eu não desmaro. É que estou morto, e quem

está morrendo lembrando o passado. Recordei que estou devendo trinta mil-réis ao senhor José Rezende. Comprei um rolo de sarampe e não paguei. Vocês vão pagar. E o seu olhar circulou olhando os filhos e disse:

— Estás faltando o Joaquim. Vocês podem invocar o santo Antônio para ele aparecer.

A minha mãe foi procurar a dona Maria Tremembé, que diria que tinha poderes sobrenaturais e conversava com os santos. Ela pediu uma toalha virgem, que ainda não fora usada, e uma penitência nova, e um mágico de velas. Minha mãe comprou e entregou-lhe.

De dois em dois dias, o vovô desfalcia, quando despertava nos revelava algo. Dizia que era bom morrer quando são obedecidos os dez mandamentos da lei de Deus. O pior, o que Deus não perdoa, é o roubo e matar o seu semelhante. Ele era curioso e ficava pensando: "O que seria os dez mandamentos?"

Um dia ele pediu à sra. Maruca para sentar-se ao seu lado e ouvi-lo. Quando ele ia falar, os vizinhos, os filhos, iam ouvi-lo. A única neto que ia ouvi-lo era eu. Queria ficar perto dele porque estava despedindo-se desse mundo. Preparando a sua longa viagem. Uma viagem para a qual os homens não levam malas, suas bagagens são as belas ações que praticarem aqui neste planeta. Os que o ouviam falar, diziam:

Ele disse-lhe:

— Maruca! Você viveu na minha companhia vinte e um anos. Quando uma mulher casava com um homem sete anos, ele deve casar-se com ela. Se você não tiver nojo de casar-se com um defunto, eu peço: quer casar-se comigo?

— Oh! — exclamamos.
Ela sorriu.

— Desde que fui viver com o senhor, o meu sonho era ser sua esposa. Eu não pedi ao senhor para casar-se comigo porque ainda não está em uso a mulher pedir o homem em casamento.

Os filhos foram procurar o padre para fazer o casamento. Que correria, que agitação! O vovô poderia morrer de um momento para outro. Sra. Maruca beijava-o e acariciava suas mãos cadávericas:

— Deus que lhe ajude. O que seria de mim se não o tivesse encostrado. Eu não tenho ninguém neste mundo, vou ficar só.

— Você fica com Deus. Nos casamentos fazem-se festas, bailes, a noiva usa o véu. Mas, o nosso é diferente. Em vez de vestido branco, você vai usar o vestido preto. Celebrarei os casamentos com festas e luau-de-mel. Mas no nosso casamento vai ter lagrimas, daqui a uns dias, eu vou morrer. Que viagem de núpcias esquisita, vou viajar sozinho para o além. Não sei se vou ser feliz! Porque o homem nasce puro, e morre impuro.

Ele pensava: "O que quer dizer puro e impuro?" O senhor Manoel Soares disse que o vovô era analfabeto, quem estava falando por ele era o seu espírito. Resolvi perguntar o que era espírito.

— É a alma deles, todos nós temos uma alma que não dirige.

— E a alma é boa?

— Todas as almas são boas.

— Então por que é que a alma não ensina os homens a ser bons? Eles mataram uns aos outros e não têm dió.

Eu pensava no soldado Ovidio, quando matou o nocturno. Eles matavam e sumiam com medo de serem vingados pelos parentes. O senhor Manoel Soares não respondeu.

Os grandes têm forças para construir casas, cortar as árvores, mas não têm forças para serem bons. Os grandes são uns bocós.

O que nos impressionou foi a carta que o tio Joaquim nos enviou de São Paulo. Ele estava preso há quatro anos na penitenciária.

Os meus tios eram idiotas, e o padrinho Cândinho, que queria ser o mais esclarecido na família, faltava. — Quem esses em São Paulo está quase no céu. Lá tem tanto serviço que se os defuntos saírem das sepulturas logo arranjam trabalho. Agora que eu já sei onde é que o mano Joaquim está trabalhando, vou escrever-lhe para ele arranjar serviço para mim, na penitenciária, depois venho buscar a família.

Nós ficamos contentes. Na carta ele dizia que estava com saudades do papai. "Mas, não posso ir vê-lo. A noite ouço uma voz chamando-me: Joaquim! Joaquim, vai ver o seu pai. A voz não chamaos quatro vezes. Depois silencio. Mas a voz fica dentro do meu cérebro, me chama sete vezes. Seria que estou ficando louco? O que é que há por ai?"

O meu tio foi reconfortar o vovô.

— O senhor não precisa ficar triste, e nem preocupar-se com o mano Joaquim, porque ele está muito bem, está trabalhando na penitenciária lá em São Paulo.

O vovô disse:

— Não, meus filhos, ele não está bem. Cometeu um crime. Foi preso na penitenciária. Ele era violento, e a violência nos prejudica. Cuidado do meu filho!

Era a primeira vez que nós ouvímos falar na penitenciária. Ningém respondeu à carta.

Não agradeceram à dona Maria Treme-Treme que pediu uma rodaça virgem e a penitenciária e nos disse:

— Daqui a sete dias vocês receberão uma carta. Será que ela conversava com os santos? Ela comprovou o que nos disse. Não foi pernóstica. Ningém procurou aprender com a mulher a sua arte.

Eu tinha a impressão que estava sonhando. Uma noite o vovô desfaleceu. O meu tio Antônio pegou uma vela e um crucifixo e colocou-os nas mãos dele. Eu olhava aquelas mãos, pele e ossos, cadávericas, que outrora foram vigorosas. Que haviam trabalhado para ensucar os portugueses e trabalhado para criar os filhos e os netos. E olhei com simpatia aquelas mãos honestas.

O vovô abriu os olhos e nós dissemos:

— Todo o mal que se faz paga-se. O mal e o bem são dividas sagradas para com Deus e recebemos tudo com juros: o bem, e o mal. E preferível perdê-lo do que vingar-se. Eu sou o filho mais novo de minha mãe, vingar-me. Eu sou o filho mais novo de minha mãe, quando ela estava morrendo, eu coloquei-lhe uma vela e uma cruz nas mãos, e agora o Antônio faz comigo o que eu fiz com a minha mãe. É uma pena vocês não compreenderem.

Eu queria que o vovô me explicasse como é a morte.

— Todos nós somos mortais. Ningém é dono do mundo. O mundo é um hotel onde passamos uma temporada. Tudo que nos rodeia é só. O ferro, com o tempo, transforma-se em pó. Um móvel também será pó. Tudo é terra no mundo.

Quando o vovô silenciava ou adormecia, as crianças eram obrigadas a ir brincar longe de casa para não despertá-lo. Os grandes não faziam.

As pessoas que iam visitar o vovô saíam comentando:

— Que homem inteligente. Se soubesse ler, seria o Sócrates africano.

— O que será Sócrates africano?

Ouvres commentante:

— Foi crime não educá-lo. E esse homem seria o homem! Podriam criar uma lei de educação geral, porque as pessoas cultas que adquirem conhecimento do seu grande intelectual têm capacidade para ver dentro de si.

Foram elas: "Foi um crime não educar esse homem." O crime eu sabia o que era. Quando o soldado Ovídeo matou o baleirinho, ouvi várias pessoas dizer: "Foi um crime matar esse homem." Algumas palavras eu ouvia e não compreendia. Sorria e achava grata.

Alguém vendendo-me sorriu e não vendo o motivo para o riso dizia:

— Ela é louca!

Havia ocasiões que eu dizia para a minha mãe:

— Mamãe, mamãe! Olha as cobras!

Elas sorriria e dizia:

— Eu não vejo nenhuma filha!

Eu tinha a impressão que milhares de cobras estavam entorpecendo-se em mim. E uma cobra enorme invadia a minha direção. Eu não tinha medo! O vovô disse-me:

— São os falsos amigos que você vai encontrar da sua vida.

Não compreendia nada.

"Os grandes quando falam me deixam confusa. E a minha mãe sempre fala que eu vou crescer. Estou tão bem assim. Meu Deus! Eu tenho medo de ficar grande. Será que eu vou aprender todas estas coisas horroresas que os grandes fazem?"

No dia 27 de agosto de 1927 o vovô faleceu. Minha mãe disse-me que eu estava com seis anos. Será que eu nasci no ano de 1921? Há os que dizem que nasci no ano de 1914.

Eu notava que os pretos não sabiam ler. Nunca vi um livro nas mãos de um negro. Os negros não serviam no exército porque não estavam registrados, não eram sorteados. Eles dinam:

— É orgulho. Só os brancos que são considerados brasileiros.

Ninguém na minha família tinha registro. Não era necessário o arrestado de débito para sepultar os mortos. Voltamos a falar do meu ilustre avô.

Chorei quando ele morreu. Será que ainda vai chegar? Agora ele pode conversar com Deus. Vou pedir chuvas para o Norte e os mortistas não precisam andar, andar ate cansar. Apalpava o corpo gelido do vovô e pensava: "Por que será que ele estriou? Está fazendo calor."

O esquife do vovô era azul. Minhas tias choravam. Outros diziam:

— Ele descançou.

As cinco horas saiu o enterro. Os homens carregavam o caixão.

Os homens diziam:

— É o nosso fim.

Sua Mônica pedia:

— Senhor Benedito, o senhor é o meu esposo, vem buscar-me! Eu gostava da vida, só porque o senhor vivia. Nem todos aprendem a viver no mundo e eu... não aprendi.

Depois do sepultamento, uns foram beber e a minha mãe chorava. Com o decorrer do tempo fui dividindo o vovô, que foi o preto mais bonito que já vi em minha vida. Que lindo nariz! A testa e a boca eram magníficas.

com a niniânia para enviar-me à escola. Eu fui apenas para averiguar o que era escola.

A dona Maria Leite residia na Estação de Chapadão. Visitava a cidade de Sacramento duas vezes ao ano para assistir à serção espírita em comemoração à data do nascimento do senhor Eurípedes Baranulfo. Ela dava roupas para as crianças pobres, as roupas e os livros eram novos, para estimular e nos deixar vaidosos. Se as crianças ricas sien com as roupas novas, os pobres também. E não havia complexos.

O que eu admirava é que a dona Maria Leite não auxiliava os brancos, só os pretos, e nos dizia:

— Eu sou francesa. Não tenho culpa da odisséia de vocês; mas eu sou muito rica, auxilho vocês porque tenho dinheiro. Vamos alfabetizá-los para ver o que é que vocês nos revelam: se vao ser tipos sociáveis e tendo conhecimento poderão desvia-los da delinqüência e acarir a fôrteido.

Para nos envaidecer ela dizia:

— Eu gosto dos pretos. Eu queria ser preta e queria ter o nariz bem chato.

E sorría. Os negrinhos que já sabiam ler, liam para ela ouvir. Ela ouvia com profundo interesse.

Minha mãe era diñida. Ela dizia que os negros devem obedecer aos brancos, isto quando os brancos têm sabedoria. Por isso ela devia enviá-los à escola, para não desgostar a dona Maria Leite.

Quando entrei na escola, eu ainda matava. Quando senti vontade de matar, comecei a chorar. Quando entrei na escola, eu ainda matava. Quando senti vontade de matar, comecei a chorar.

— Eu queria ir-me embora. Eu queria matar.

A minha saudosa professora, dona Loniota Sôbrina, perguntou-me:

— Erio a senhora ainda matar.

— Eu gosto de matar.

II

A ESCOLA

Minha mãe foi lavar roupa na residência do senhor José Sacomino, e a sua esposa dona Maricinha disse para a minha mãe me pôr na escola. Minha mãe foi falar com a professora. Eu acompanhei-a. Quando entramos na escola, fiquei com medo. Nas paredes havia uns quadros do esqueleto humano. O salão era amplo, e as classes eram nos cantos. O período matinal era destinado ao quarto ano.

O professor era o senhor Hamilton Milton, irmão do fundador do Colégio Alan Kardec. Quem fundou o colégio foi o senhor Eurípedes Baranulfo.

O segundo período era para o primeiro, o segundo e o terceiro ano.

Quando eu olhava os quadros dos esqueletos, o meu coração acelerava-se. Amanhã, eu não volto aqui. Eu não preciso aprender a ler. É que eu estava revoltada com os colegas de classe por terem dito quando eu entrei:

— Que negrinha feia!

Ninguém quer ser feio.
— Que olhos grandes, parece sapo.

Minha mãe era pobre. Dona Maria Leite instruiu

— Então a senhora não tem vergonha de mim amar?

— A senhora está ficando moçinha, tem que aprender a ler e escrever e não vai ter tempo disponível para namorar porque necessita preparar as lições. Eu gosto de ser obediente. Está enviando-me, dona Carolina Maria de Jesus!

Q-10 Piquet furiosa e respondi com insoléncia

— O meu nome é Bérga.
— O seu nome é Carolina Maria de Jesus.

Era a primeira vez que eu ouvia pronunciar o meu nome.

— Eu não quero este nome, vou trocar por outro. A professora deu-me umas regadas nas pernas e saí de chorar. Quando cheguei na minha casa, tive medo de que a minha professora soubesse que eu havia convencido que eu devia deixar de mamar. Compreendi que eu ainda mamava porque era ingênua, e a escola era a única pessoa que me dava esse conforto. Eu me arrependia um pouco. Mishá mal sorria, dizendo:

— Graças a Deus! Eu lutei para desmamar esta criança e não consegui.

2. *Missouri Clouds* (1861-65) — *Clouds* (1865-70)

— É porque você é boba, se essa negrinha fosse minha filha!

Minha mãe sorria comentando:

— Gráças a Deus! Sou livre! Agora sim eu posso

Eu ouvia tudo aquilo sem compreender. Tinha a pressão de estar sonhando.

minha professora insistia para eu aprender a ler. Me dirigia um olhar carinhoso. Ela achava tão difícil aprender a ler.

Implorava a minha mãe para não deixar eu ir à escola

— Eu não queria aprender a ler.

Ela ovinha-me e me dava ócio, entretanto, trazia a minha vontade. Eu era preguiçosa. Quando eu faltava à aula, a professora mandava um aluno ir procurar-me em casa. Quando eu chegava à escola, a dona Lonita, dizia.

— A senhora é tão inteligente, procure aprender a lutar. Reforce a sua cabeça.

A única letra que aprendi a escrever facilmente, foi a letra "O".

o Δ -U, é mais fácil.

Elá percebendo que eu não me interessava pelos estudos, desembora no quadro-negro um homem com um

tuas encantadas e resplandecentes mas muias que transpassava uma criancas e dis-

peto no garfo. No fim do ano che veio sequi e eu voce apresenta-la a ele e pedir-lhe que dê um jeito na senhora

ra, porque a senhora não quer estudar. Ela há de esperar a noite para apanhar a garfo.

Aquele desenho impressionou-me profundamente. Eu olhava o desenho, e olhava o livro. Sonhava com

desenho e gritava: — Mamãe! Olha o inspector! Manda o inspector ir-s

embora, que eu juro que hei de estudar. Eu vou aprender a ler. Não deixe ele esperar-me no gabinete.

— Dorme, menina! Você está delirando!
Decidi estender com assiduidade, compreendendo que devemos até agradecer quando alguém quer nos ensinar. Compreendi que estava sendo inédita com a dona Lonita, castando-lhe a paciência.
O desenho permaneceu no quadro, três meses. Depois percebia que já sabia ler. Que boni! Senti um grande contentamento interior. Lá os nomes das lojas! "Casas Brasileiras, de Amador Goulart." Não é só essa loja que é uma casa brasileira. Mas as casas, as árvores, os homens que aqui nascem, tudo pertence ao Brasil. Percebi que os que sabem ler têm mais possibilidades de compreensão. Se desejaram-se na vida, poderão readjustar-se. Li: "Perniciosa Modelo." Fui correndo para casa. Entrei como os raios solares.

Mamãe assustou-se. Interrogou-me:

— O que é isto? Está ficando louca?

— Oh! Mamãe! Eu já sei ler! Como é bom saber ler!

Vaculei as gavetas procurando qualquer coisa para eu ler. A nossa casa não tinha livros. Era uma casa pobre. O livro enriquece o espírito. Uma vizinha emprestou-me um livro, o romance *Eurosíndrome*. Eu, que já estava farta de ouvir falar na nefasta escravidão, decidi que devia ler tudo que mencionasse o que foi a escravidão. Compreendi tão bem o romance que chorei com dó da escrava. Analisei o livro. Compreendi que naquela época os escravizadores eram ignorantes, porque quem é culto não escraviza, é os que são cultos não acelham o jugo da escravidão.

Era uma época de *luta-à-luta* porque uma pessoa culta prevê as consequências dos seus atos. Os brancos retinham os negros da África não previam que iam criar o racismo no mundo que é problema e dilema. Eu lia o li-

vro, retirava a síntese. E assim foi duplicando o meu interesse pelos livros. Não mais elas! de ler.

Passei a ser uma das primeiras da classe. A aula era misia. A minha professora dizia no fim da aula:

— Eu quero falar com os meus alunos pretos, é assunto muito importante.

Os brancos saiam, e nós ficávamos. Ela dizia:

— Estou notando que os meus alunos brancos são mais estudiosos do que os meus alunos pretos. Os brancos não erram quando escrevem. Lavar as mãos quando vão pegar nos livros. Os desenhos errão, que primor! elas capricham, e saíham com todos os dias.

Agora eu comprehendo o que é ganhar cem. E quando a lição é bem-feita. Quando saímos da escola, estávamos furiosos e pensando: os brancos... não há de saber mais do que nós!

Passados uns dias, ela pedia aos alunos brancos para ficar na aula. Dizí-lhes que os alunos pretos eram os mais esforçados, os mais estudiosos, os mais capacitados nos deveres escolares.

— Eles vão passar de asso e vocês brancos vão repetir. Vai ficar ridículo para vocês, porque todos pensam que o branco é mais inteligente do que o preto. Escou escancada com o progresso dos meus alunos pretos. Os alunos brancos saíam da aula revoltados.

Cada um ia comentando:

— Imagina só, o negro querer ser maior do que eu. Maior tem que ser eu, que sou branco. Estes negros vão me pegar!

Assim, ela não tinha problemas com as lições de casa.

Elas emprestava livros para nós lermos em casa: *História Sagrada*, *História Universal*, a *Bíblia*, e os livros iam transferindo-se de um para outro.

Quem nos conduziu até a fazenda Lajeado foi o motorista José Fernandes. Foi a primeira vez que viajei de caminhão. Consegui ir tão depressa!

Quando chegamos fiquei descontente, queria voltar para a cidade. Olhava aquele local, vendo apenas as árvores com suas tonalidades de verdes claros e escuros.

O senhor Olimpio Rodrigues de Arádio pagou ao motorista duzentos mil-réis. Minha mãe chorou:

— Aié! pagarmos esta divida!...

O meu padrasto, senhor José Ronaldo, encorajava:

— Deus há de nos ajudar. Neste ano vamos sofrer um pouco. Mas no outono, vai melhorar. Este ano nós vamos plantar lavouras.

Eu ficava pensando: "Será que poderemos viver no mato?" Estava com medo de passar fome. "Isso aqui, é muito triste. Não tem atração." Minha mãe sacrificou-me e disse-me:

— Eu nasci na roça. E me criaram na roça. Foi o único período de minha vida que fui feliz. Ainda tenho saudades dos tempos em que fui menina. Você quando era menor não queria crescer. Eu também não queria. Nunca quer crescer mas todos crescem.

Eu já sabia que as leis da natureza são imutáveis. Percorri os olhos ao redor. Apenas árvores e um céu azul com disco solar estúpido. Minha mãe prosseguiu:

— Eu comecei a sofrer depois que fui residir na cidade, foi na cidade que aprendi a gostar dos vícios, a cidade nos empolga, e nos destrói. Eu não tinha tempo de estar ao seu lado, ia trabalhar fora de casa, e você ficava vagando pelas ruas. Aqui vamos ser amigos.

Diás depois comecei a apreciar a vida silenciosa do campo. O sábado era tranquilo sem o tal de baile. A dona Maria, esposa do senhor Iláctio, nos dava leite e caldeava os meus livros, a única coisa que eu venerava.

Um dia apareceu um homem na cidade. Disse que estava procurando uma mulher para viver com ele numa fazenda. Que não era possível para um homem viver numa roça sozinho. Perguntou se minha mãe queria viver com ele. Ela aceitou.

Ele disse que o lugar apropriado para os pobres é na roça. Que a vida do campo, além de ser mais saudável, é mais simples. A vida na cidade era difícil porque tinha mos que comprava de tudo.

Ele foi procurar um fazendeiro, que o aceitasse como colono. Iantes residir na fazenda Lajeado, nas imediações de Uberaba.

O proprietário era o senhor Olimpio Rodrigues de Arádio.

Foi com pesar que deixei a escola. chorei porque faltavam dois anos para eu receber o meu diploma. Único anel foi resignar-me, porque a decisão paterna venceu.

Minha mãe encalhou a os nossos utensílios, eu calcava os meus livros, a única coisa que eu venerava.

queijo. As pessoas que iam nos visitar nos davam um cêsal de gelinhos de presente.

— E para vocês começarem.

Minha mãe deixava o leito assim que o astro-rei ia surgindo, ia preparar a nossa refeição para irmos para a lavoura. Eu permanecia no leito, ouvindo os gorjeios das aves. Com a insistência de menina, eu deixava o leito, ia alelujar no regato, firando a aguia que pronanava do seio das pedras cor de chumbo e era sempre tépida. A brisa perpassava suavemente. Eu aspirava os perfumes que exalavam as flores silvestres.

O fazendeiro nos deu três alqueires de terra para plantarmos. Plantamos arroz, feijão, milho, cana e vassouras. Ainda sobrou terra. Como é bom ter terras para plantar! Eu já estava compreendendo o valor da terra que sabe recompensar o esforço do homem. E o ventre da terra é fecundo. A terra é feminina, é a mãe da humanidade. Eu estava habituando-me naquele mundo verde.

Quando surgiu a colheita, fiquei admirada da prodigiosidade da terra. Uma amiga que todos os meses nos oferece algo para colher. Plantamos dois sacos de arroz, colhemos trinta. Dois sacos de milho. Colhemos três carros. O meu padastro fez um paci. Que fartura. As galinhas duplicavam, só canjô.

Se a terra não agisse assim, não incentivaria o homem ao trabalho rudimentar. Fui adquirindo o hábito de plantar, ficando semi-ambiciosa. Era a primeira a deixar o leito para ir para a lavoura.

Nas horas vagas, eu lia Henrique Dias, Luiz Gama, o mártir da Independência, o nosso Tiradentes. Todos os brasileiros, amais, e os do porvir, devem e devem reaver preto ao saudoso José Joaquim da Silva Xavier. Não foi saudador, não foi para, foi um dos que também

sotinha em preparar um Brasil para os brasileiros. Lendo, eu ia adquirindo conhecimentos sólidos.

Começamos a criar porcos. Pretendíamos comprar uma vaca, mas era caro e vinte mil-reis. Minha mãe dizia:

— Você sotinha alto demais.

Que vida gostosa! Eu ficava deslumbrada com a fartura. Vendeuras e fruuras, para mim aquilo tudo era a terra prometida ao Moisés que eu tive a ventura de encontrar. Aos domingos famosos passear na casa do primeiro colono, o mais rico, o senhor Florêncio. Ele tinha vinte casas, porcos e mais terras para plantar. Era afilhado de casamento do fazendeiro. Era um homem com setenta anos e romava a bênção ao fazendeiro ao baixá-lo.

— A bênção, padrinho Olímpio.

O senhor Olímpio Rodrigues de Afájio não respondia. Se nascia um menino, pronto, o nome era Olímpio.

Eu estava enamoradíssima da nova vida. Estava desligando-me da compra de quilos de arroz e familiariando-me com os sacos de cem quilos e com o paçol. Todos tinham possibilidades para fazer doces. Mamãe fazia arroz-doce com leite paro. Eu comia. Ela perguntava:

— Quer mais?

Aquele quer mais, ficava evolindro no meu cérebro. Ganhávamos o leite, o açúcar. O arroz nós plantávamos. Que tranquilidade, não tinha a polícia nos nossos cílios. Que sítio não para dormir!

Plantámos vinte e dois pés de jilô. Todos os sábados a minha mãe colhia quarenta litros, eu ia vendê-los em Uberaba. Vendia o litro por trezentos reis. Ganhava trinta mil-reis, comprava vestidos e um cobertor de pura lã por doze mil-reis.

Todas semanas chegava uma família estrangeira para viver no Brasil, e dizia:

— Que país! Que *bela* terra. Que *bela* terra. Viva o Brasil dos brasileiros.

Os italianos diziam aos seus filhos:

— Daqui a três anos estaremos ricos.

E as crianças trabalhavam cantando a música de Verdi, estavam contentes porque iam ficar ricos. Até os pretos analfabetos cantavam *La donna è mobile*.

As únicas famílias negras que residiam na fazenda do senhor Olímpio Rodrigues de Araújo, eram o senhor Romualdo e o Antônio Caraco, que ficou viúvo. E o meu padrinho queria que eu me casasse com ele.

Quando um coloso adocicá ia na fazenda pedir ao fazendeiro para chamar um médico. Que lura! O fazendeiro dizia:

— Dá um chá de folha de laranja para ela.

— Já dei!

— Dá um chá de erva-cidreira.

— Já dei!

— Para chamar o médico aqui ele vai cobrar muito caro.

E o médico não vinha.

Quando o doente falecia, o fazendeiro dizia:

— Oh! Se eu soubesse que ela estava doente morro, teto chamadói um médico.

Pensei que era preguiça. Quando fomos visitar a casa do fazendeiro, fiquei despcionada. Não era como eu pensava. Não tinha móveis, apenas uns bancos rústicos, uma mesa, uns catres com colchões de palha. Pensava: "Eles são os donos desta grande área de terra, eles não de ser felizes." Quando vi a filha do fazendeiro, condicionei-me. Era boba, surda-muda. Jogava a comida no chão e comia misturando com terra e fezes. Pobre sis-

ninha... Era tão bonita! O outro filho, o Zezé, era semi-idiota. Foi internado no colégio Pedro II do Rio e não aprendeu a ler.

Era uma prisão do casamento consangüíneo, casamento de primos para as riquezas ficarem na família. A fazendeira lamentava-se, elas eram infelizes. Eu pensava que só os pobres é que eram infelizes. A fazendeira, dona Maria Cláudia, era magrinha, como se fosse descendente de um ofício. Era simples demais, calava chapéus, usava saias rodadas e amplas. Eram tantos paus que deveriam pesar uns três quilos. Os palets cheios de babados eram para avolumar o seu corpo. Quando não há possibilidades de encher o corpo com a própria carne, é enchedo com algodão.

Ela conversava com a minha mãe, perguntando-lhe o que ela sabia fazer. Minha mãe respondia com polides. Minha mãe era do ventre livre e dizia que os brancos é que são os donos do mundo. Ela aprendeu a dizer aos brancos apensos:

— Sim, senhora, sim senhor.

Quando chegou a minha vez, a fazendeira examinou-me minuciosamente com o olhar. Como se eu estivesse à venda, dizendo que eu era uma negrinha esperta. Ficou com inveja da minha mãe que tinha uma filha perfeita. A inveja da fazendeira quando lhe disseram que eu sabia ler. Perguntou o meu nome. Minha mãe respondeu-lhe com a voz trêmula, porque a presença de um branco a aterrorizava.

— Ela... chama Carolina Maria de Jesus.

Pedi a minha mãe para dizer-lhe que meu nome era Biritia. A fazendeira disse-me que a sua filha mais velha tinha o nome de Carolina.

— Vocês são xarás.

Minha mãe sorriu, e disse-me:

— Você tem o nome de sua avó.
Ea não gostava do meu nome, pensando que este nome ia atrapalhar a minha vida. Minha mãe já havia dito que não podemos trocar o nosso nome. É proibido.

A dona Maria Cândida pediu à minha mãe para eu ir todas as manhãs auxiliá-la na limpeza da casa. Minha mãe consentiu.

Pensei: "Que bom! Quanto será que ela vai me pagar?"

Mas, a dona Maria Cândida disse-me:

— Sabe, Carolina, você vem trabalhar para mim e quando eu for a Uberaba eu compro um vestido novo para você, vou comprar um remédio para você ficar branca e arranjar outro remédio para o seu cabelo ficar corrido. Depois vou arranjar um dentista para afilar o seu nariz.

Pensei: "Então estes homens que trabalham aqui já foram pretos, e a fazendeira fez eles ficarem brancos! E quando eu ficar com os cabelos corridos e o nariz afiado, quero ir à Sacramento para os meus parentes me verem. Será que eu vou ficar bonita?"

Seis meses fui trabalhar para a dona Maria Cândida. Despertava às cinco horas, lavava o rosto às pressas porque pretendia chegar sempre na hora certa para não magoá-la. Era a mulher mais importante para mim.

Reibilei interiormente quando ela disse-me que ia a Uberaba. Fiquei aguardando o seu retorno com ansiedade.

Ela permaneceu dois dias fora. Quando regressou, encontrei-me de plantão à sua espera, mas fiquei descepcionada. Ela não traria pacotes. Então ela enganou-me! Pensei nos seis meses que trabalhei para ela sem receber um tostão. Minha mãe me dizia que o protesto ainda não estava ao dispor dos pretos. Chorei.

Olhei as minhas mãos negras, acariciei o meu nariz chato e o meu cabelo grisalho e decidi ficar como assim. Eu não pedi nada a dona Maria Cândida, ela é quem usou um ardil para me espoliar. Não poderia e não deveria xingá-la, ela era poderosa. Nós dependíamos dela para viver, nos dava a terra para plantarmos. Mas roguei-lhe tantas pragas! Compreendi que ela já estava pagando com os seus filhos idiotas. Apenas dois eram saudáveis, o Toninho e a Carolina a Tuca.

No outro dia, não fui lavar a roupa e ela não me chamou. Minha mãe sozinha e dizia:

— Se me fosse possível explicar tantas coisas! Mas o tempo também é um professor e te ensinará. Os que aprendem por si próprios aprendem melhor.

Trabalhamos quatro anos na fazenda. Depois o fazendeiro, nos expulsou de suas terras.

— Vou embora! Não os quero na minha fazenda. Vocês não me dão lucro. Só me dão prejuízos, a sua lavoura é fraca.

O meu padastro pediu:

— Se o senhor me alugar o arado para arar as terras.

— Não dou nada, vão embora. Você vai vender verduras em Uberaba, ganha muito dinheiro e não divide comigo.

Ele vendia mil sacos de café classificado, o café mocha, Vendia cem porcos gordos para os frigoríficos, e nós ganhavávamos trinta mil réis com as verduras e ele queria divisão.

Nestas fazendas só o fazendeiro é quem tem o direito de ganhar dinheiro.

— Você me deve oitocentos mil réis e não me paga. Eu não sou seu pai.

O meu padastro criou coragem e disse-lhe:

— Eu também não queria ser seu filho. Porque os

teus filhos nascem idiotas. Os animais ainda nascem com um posquinho de inteligência, e os teus filhos?

O fazendeiro entrou, fechou a porta dihindor:

— Oh! se ainda existisse o tronco!

Fiquei pensando na divida que ele disse que nós devíamos, se o meu padastro nunca pediu um tostão. Eles não davam dinheiro para os colonos.

Chorei com dó de deixar a nossa casinha, as verduras, os pés de jilô. O senhor Olimpio Rodrigues de Araújo era o único homem que sabia ler. Ofereceram a um motorista notáveis porcos e aves, e ele nos levou de vezite para Sacramento.

13

RETORNO À CIDADE

Achei horrível ter que comprar um quilo de arroz, um quilo de feijão. Por que é que nós não podíamos ter terras para plantar, e não podíamos comprar? Na cidade era horrível a convivência com aquelas pessoas que não se respeitavam. Elas havia brigas todos os dias, com a infernada dos policiais que espalhavam os risos. Aquela povo não mudava os seus hábitos, que eram tralhar, beber e dançar. Que saudades da vida ridente do campo! Recordava quando a manha corrava farinha. A agua secando o moljolo. Quando fazíamos o pão, com vinte ovos para ficar macio. Tudo era preparado com leite. Tinha saudades da minha enxada. Seusas saudades dos calos nas minhas mãos. Do cavalo, o Magistri. O anhã não me preocupava. Não era nervosa, porque vivia com fartura em casa.

Na noite não havia distrações, mas não existia o sonho. Mas para que sonhar se as terras não eram nossas? O meu padastro estava triste porque aquela agitação diária nos aborrecia. A nossa casa era um entra-e-sai.

Meus primos os seus amigos e outros latentes.

Conseguimos trabalhar no sítio do Jeponde, o Napoleão, para carpir arroz. Eu ganhava três mil réis, o meu

paciamento cinco mil réis. Recebíamos aos sábados. Comprevamos dez quilos de arroz e feijão. Fomos suportando aquela vida. Minha mãe lavava roupas para os ricos. Por infelicidade minha, muitas pernas ficaram cheias de feridas. Cozinhava ervas para banhar as pernas, e as feridas não escarificavam. Fiquei apavorada quando terminei a colheita. Com as pernas cheias de feridas, não podia trabalhar nos serviços domésticos. E viver dependendo do meu padrasto, e de minha mãe, era uma agonia para mim.

Um dia, apareceu um preto procurando emprego para trabalhar na lavoura de café no estado de São Paulo. O senhor Romualdo aceitou. Reunimos oito pessoas porque íamos carregar café. Era necessário vinte pessoas. Embarcáramos numa segunda-feira. Na estação de Restinga, uma carroça estava nos esperando. Eram onze horas quando chegamos à Fazenda Santa Cruz. O proprietário era o senhor Oliveira Dias, o Lôlo. Dormimos no solo como animais, porque os nossos cacos estavam na estação. De manhã o meu padrasto foi retirá-los.

O administrador era um mulato, José Benedito. Deu uma casa para nós morarmos. Tinha luz elétrica só na casa do fazendeiro. Na frente de sua casa, tinha um cruzeiro iluminado com a luz elétrica. Ficava no topo da estação de Restinga, via-se o cruzeiro à noite.

Não tínhamos permissão para plantar. O fazendeiro nos dava uma ordem de cento e cinquenta mil réis para fazermos compras num armazém lá em Restinga. Tinha-mos que andar quatro horas para ir fazer as compras, o dinheiro não dava. Comprávamos feijão, gordura, farinha e sal. Não comíamos café por não ter açúcar. Não tinha sabão para lavar a roupa de cama. Que fragraria!

Serviço tínhamos demais até, comida pouquíssima. No fim do ano, ele fazia um baile numa casa que elas

diziam ser a fazenda velha. Comprava chope. Dava jantaças velhas para os colonos. Até escovas de dentes usadas. Eu ficava olhando e pensando: "Isto é injustiça."

O meu padrasto era triste, todos os colonos eram tristes. Depois do almoço, o Lôlo ia percorrer a fazenda e ver se os colonos estavam trabalhando e contava.

— Está faltando um, por que é que ele não veio trabalhar?

— Está doente.

— Aqui aa minha fazenda é proibido adoecer.

Montado num cavalo preto e roendo as unhas, nos olhava reclamando que o nosso serviço não rendia. Na presença dele, nós camplíamos mais depressa. Quando ele saía, nós sentíramos porque estávamos fracos.

No quinal da fazenda tinha venduras, vacas de leite. Ele vendia para os colonos. Quando alguém ia procurá-lo para acertar as contas, ele dizia:

— Vocês estão me devendo.

Se pedíamos vale, recriminava:

— Eu só vejo vocês comer, não vejo serviço.

A Dolores, minha prima, arranjou serviço em Franca. Minhas feridas cicatrizaram, eu fui trabalhar na cidade. Empregada doméstica. E estava contente. O mea padeiro, fomos buscar a minha mãe e o Adãozinho, desse fuguí, fomos fugir com barrigão de água. Foi por sofrer muito nas fazendas que escrevi uma poesia: "O colono e o fazendeiro."

O preto, não tendo condição de viver dentro da cidade, só poderia viver no campo para ser espoliado. E por isso que eu digo que os fornecedores de habitantes para as favelas são os ricos e os fazendeiros. Se eles conseguissem que plantássemos feijão e arroz no meio do campo, afé eu voltaria para o campo. A terra onde está

plantado o café é fértil, é adubada. O feijão dá grão, e o arroz também.

Eu não gosto dos fazendeiros da atualidade. Gostava dos fazendeiros da década de 10 até 1930. Que incenavam o pôbre a plantar. Não expulsavam o colono de suas terras.

Atualmente eles fazem assim: dão as terras para os colonos plantarem; quando vai-se aproximando a época da colheita, o fazendeiro carrega o colono e fica com as plantações e não paga nada para o colono.

O fazendeiro tem uma atenuante:
— As terras são minhas, eu pago imposto. Sou protegido pela lei.

É um ladro legalizado. E o colono vem para a cidade. Aqui ele transformase. O homem simples não sabe mais manchar a terra. Sabe trabalhar na indústria que já está enfraquecendo. E as fazendas também.

Atualmente, há uma minoria para trabalhar na lavra e uma maioria para consumir. Mas o povo mundo jataca muito para ver se conseguia viver na lavoura. São incríveis. O país que tem mais terras no globo é o Brasil; portanto, o nosso povo já deveria estar ajetado.

DOMÉSTICA

Tudo que possuímos deixamos na fazenda do Lolo, quando fugimos. Nós entramos pobres na fazenda, e saímos mais pobres ainda. Carpimos doze mil pés de cebola, e colhemos também, e não recebemos nada. Que cruelidade! Nos tirar da nossa casa, nos espoliar, e nos abandonar sem um tostão.

Na cidade não tínhamos onde morar. Minha mãe foi residir no quartinho da Marinha, que estava nervosa dizendo que não podia receber o seu amante. Minha mãe me xingava como se eu fosse a culpada daquela tragédia. A única coisa que eu fazia era reparar pragas no Lolo. A única vingança ao meu dispor. Os meus livros ficaram na fazenda.

Que fome que nós passávamos! Conseguimos quinze mil-reis, e alugamos um quartinho na casa de um casal de italianos. Dois dias vivemos em paz. Mas no terceiro dia, o dinheiro do aluguel acabou-se porque o senhor gastou no álcool. Ficou nos xingando.

— Vão embora, negros vagabundos. Desocupem o meu quarto.

Eles queriam alugar o quarto novamente, para arranjarem dinheiro para beber pinga. Já estavam dominados pelo álcool, e não respeitavam os trinta dias do mês.

A Dolores arranjou um namorado, foi viver com ele, levou a minha mãe, que dizia que os paisões procedem assim com os empregados.

Consegui empregar-me com o senhor Benjamin, um sírio que tinha um empório no sítio, só sabia ler, vendia a ócio, e ganhava dinheiro. A esposa também era analfabeto. Quando vendiam algo fiado, ela pegava um lápis e riscava um papel que era para os fregueses verem que ela havia ancondido. Não somavam as rendas das mães, não tinham inscrição, não pagavam impostos. Eram uns les-pátria.

O meu serviço era cozinhaz, lavar e passar. Prometiam que me pagavam quarenta mil-réis. Trabalhei dois meses. Fiquei com nojo deles, quando vi eles brigarem com a afilhada Nilza e o seu esposo, um professor. O sírio não gostava do professor, dizia que ele era brasileiro e pobre. Mas é no Brasil que eles enriquecem.

Pedi a conta. Me deram cinco mil-réis, deveriam me dar oitenta. Eu tive que viajar a pé para a cidade. Roguei praga ao sírio Benjamin, e à sua esposa dona Maria. Averaçou.

Quando cheguei na cidade, a minha mãe estava trabalhando para o irmão do senhor Higino Calleiros. Eram bons para elas. Às vezes eu ia ajudá-las na limpeza. Um dia fui limpando atrás de um armário, joguei água quente. Enchi uma lata de vinte litros só de baratas. Eles ficaram horrorizados, eu também.

Conseguimos alugar uma casa da dona Narcisa. Cinquenta mil-réis por mês.

Que tragédia que o fazendeiro Lôlo arranjou para nós! O meu desejo era ver as cédulas de cem, duzentos,

ficaram na sua fazenda. Se arranjavamos dinheiro para pagar o aluguel, não arranjavamos para comprar comidas.

Minha mãe resolveu voltar para Sacapamento, lá ela tinha o seu ranchinho. Voltamos. Ela lutava para arranjar o que comer. As minhas pernas estavam cicatrizadas. Fui trabalhar na residência do senhor Armand Goulart. Não dei conta do serviço, saí e fiquei em casa. Era duro conseguir alguém dinheiro, fui trabalhar na casa do farmacêutico Manoel Magalhães. Eles estavam alegres por estarem hospedando seu sobrinho padre Geraldo. Consideravam-se importantes por terem um padre na família. Ele chegava de Roma, ia rezar uma missa. Todos estavam convidados.

Eu não conhecia a casa. Ficava só na cozinha e no quíaral. Quando havia um rebulho lá dentro.

Eu só ouvia a palavra: "Sumiú! Sumiú! Deve ter sido ela." Ela estava entendendo as roupas quando vi chegarem dois soldados.

— Vamos, vamos, vagabundas. Ladrão! Noyenta. Le-
prosa.

Assustei:

— O que houve?

— Ainda perguntas, cara-de-psu! Você roubou com mil-réis do padre Geraldo. Eram dez horas da manhã. A notícia circulou.

— A Bittia roubou com mil-réis do padre Geraldo Magalhães.

— Credo! Ela vai pro inferno!

Foram avisar a mamãe. Foi a única pessoa que está sempre presente nas nossas alegrias ou desdidas.

— Você roubou, Bittita?

— Não senhor! Eu nunca vi cem mil-réis. O meu desejo era ver as cédulas de cem, duzentos,

quinhentos, e a de um conto de réis. Eu conhecia só as notícias de cinqüenta, vinte, dez, cinco, dois e um mil-réis.

— Fui preso por dois soldados e um sargento. Pensei: "Será que eles vão me obrigar a percorrer as ruas com as crianças gritando: A Birita, roubou com mil-réis. — A Birita roubou com mil-réis?"

Compreendi que todos os preços deveriam esperar por isso.

Quando o soldado ia me bater o telefone tocou. O padre avisava que havia encontrado o dinheiro na carteira dos cigarros. Ele queria me pedir perdão.

A família não consentiu dizendo que o negro tem a mentalidade de animal. A prova é visível, elas só sabem dançar e beber pinga. O padre disse que ia rezar, pedir a Deus que me ajudasse na vida.

Minha mãe dizia:

— Como você é infeliz.
É que eu estava doente.

Minha dia Adriana, dizia:

— Se a Birita sarar, ela vai ficar ricai! Ela é muito inteli-

gentemente. Mas ela não há de sarar.

Minha mãe dizia:

— Quando você era pequena, era tão inteligente;
depois que cresceu ficou boboca.

Eu bebia chá de ervas "catolim ha velane", tudo que me ensinavam...

Chegou um senhor procurando uma criada para trabalhar na fazenda São Gabriel do doutor Wandaleyr Andrade, em Conquista. A cozinheira se sentiu. Minha mãe decidiu que deveríamos ir, pagavam a viagem.

Que fazenda! Eu era louca por terras. Invejava os que tinham terras para plantar. Compreendendo que os que gostam não a têm. Mas o meu sonho era: "Não hei de

moer antes de achar uma gleba de terras para mim.
Pretendo plantar muitos arvores sóis."

A patroa era a dona Elza. Bonitinha. Me escolheu para ser a cozinheira, e minha mãe para ser a lavadeira. Eles fabricavam manteiga. Que farta! Leite, queijo e carne. Eu comia para renurir-me.

A patroa ia viajar para São Paulo. Eu ia tomar conta dos seus filhos na casa de sua mãe. Iamos para uma fazenda próxima da estrada de Delta. Minha mãe ia ficar tomando conta da casa do fazendeiro com a outra criada. A patroa ia comprar dois videntes de remédio para eu somar para curar minhas pernas. Preparamo-nos para a viagem, ela foi despedindo-se dos parentes. Todos eram fazendeiros.

Paramos na fazenda do José Resende. Eu deveria lavar a roupa das crianças, conter estórias para eles, papéis. Não deixar que se machucassem. Chegamos na fazenda de dona Bárbara.

O seu gênero é quem tomava conta dos negócios: Nhônô. Eles iam preparar o enxoval das meninas, a Elza e a Zenaidinha, que iam estudar num colégio interno em Uberaba, colégio de freiras. Pensai: "Quando elas voltarem do colégio, estarei atraçantes, proponentes, selecionando as pessoas para oferecer-lhes os seus sorrisos." Elas têm possibilidades de dizer-lhe o mundo. O dinheiro coloca o pobre de um lado, e o rico do outro.

Piquei tomando conta dos dois meninos, o Oswaldo e o Gabriel. Eu diazia para o Gabriel:

— Vou arranjar um negrinho para brincar com você. Respondia nervoso:

— Negrinho não, negrinha.

A dona Elza havia comprado uma panela de pressão. Quando fomos cozinhá o feijão, o ar não enfiou num

local que dava um assobio, a pancha elevou-se no ar, caiu dentro do chiqueiro roçando de um lado para outro. Se encontrava num porco queimado-o, o porco grunhia, e foi aquela constiússio. E que eu era pernóstica, disse que bocorinhar com aquela pancha. Era a primeira vez que via a pancha. Compreendi que o pernóstico pode provocar um desastre. Que ódio que eu sentia da minha condição humilhante!

Um dia fui procurar raízes para fazer o chá. Mas havia tâncas cobras que me apavorou. Dava saltos com receio de pisar nos ofídios.

O senhor Nhenhô morreu no cavalo e foi ver o que havia. Não pude explicar que havia ido procurar raízes, ele repreendeu-me, voltei pra casa e fui tomar banho, estava transpirando.

A dona Barbara criava três negrinhas ôrfãs, a mãe morreu, o pai deu-lhe as negrinhas que já estavam aprendendo a cozinhar, lavar e passar. Eles haviam criado uma jovem branca e surda que passava as roupas e fazia os doces. Quem cozinhava era uma preta nordestina. Chorava com dor de dente. O único dente na sua boca. Não gostava de mim, porque eu sabia ler. Quem sabe ler pode prestar e não prestar.

Na época do frio, que dó dos filhos dos colonos com aquelas roupas finas, tremendo de frio. E os filhos do patrício com as roupas de lã compradas em São Paulo. As crianças pobres eram os mais fortes, não sentiam nada.

A patroa viajou um mês, São Paulo, Rio de Janeiro, Santos e Campinas. Quando voltou, que janar! Usava casaco de pele, chapéu e luvas. Contaram-lhe que eu era louca.

Quando voltamos para Conquistaria, ela despediu-me. Deu cem mil-réis como pagamento para mim e para a

minha mãe. Ela falou que ia pagar setenta cruzeiros para mim. Eu teria que receber duzentos e vinte e um mil-réis. E a minha mãe cento e cinqüenta. Nós ríhahos que ir a pé. Ela deu um cheque. Trouxei na cidade, comprei um vestido para mim, curto para a minha mamãe e viajamos. Pensei: "Eles nos exploraram mas não de gastar o que ganham com remédios." Minha mãe dizia:

— Você sabe ler, e eles te fazem de palhaço. Quando eu quis xingar o patrício, o senhor Wандерley de Andrade, minha mãe não consentiu, dizendo que ele poderia nos matar ou mandar os empregados nos espancar. Pensei: "Já é tempo de abandonar os fazendeiros." Que ódio que eu tinha deles. Chegamos a Sacramento. Não tínhamos dinheiro para comprar comida. Jurei: "Prefiro pedir esmolas do que trabalhar para os fazendeiros."

A DOENÇA

Ouvi dizer que em Uberaba tinha bons médicos. Decidi ir até lá a pé. Peguei a minha trouxa e saí. Não me despedi de ninguém.

Dormia nas estradas. Andava pelas estradas de roteiros. Que luta!

Quando cheguei a Uberaba, não conhecia ninguém. Mas recordei que conhecia uma preta que residia lá. Que inveja que eu senti quando ela recebeu-me! Estavam residindo numa casa de telhas. Só eu é que não vi a possibilidade de morar numa casa assim.

Elá recebeu-me friamente. Era a dona Maria Leonaldo. Um recebimento sem sorriso, sem o olho comum: "Como vai?" Elá tinha um hócker, disse-me que ia operar. Eu disse-lhe que havia ido a Uberaba apenas para ver se conseguia curar as minhas pernas.

Elá dizia que estavam muito bem, que as suas filhas iam aos bailes todos os sábados, que estavam bem empregadas. A sua filha Loidinha estava separada do esposo, o Juca, mas como não tiveram filhos não houve alterações na vida da Loidinha. À noite, as suas filhas foram chegando. Não me cumprimentaram, apenas passaram os olhos e fizeram o nariz.

Na casa de dona Maria Leonaldo, dormia uma senhora, uma mulher de cor parda. Era a cozinheira de uma família tica. À noite, ela trazia café, açúcar, sabão e dava para a dona Maria. Percebi que ela roubara da pessoa. Era um grande sacrifício para conseguir a simpatia de dona Maria. À dona Maria disse-me que o único lugar já havia dormido nas estradas, qualquer coisa servia.

Passei a noite ao quinal, não era possível dormir com as aves. Que noite longa! Cheguei até a sentir suadades do calor do sol. Às seis horas, as filhas de dona Maria saíram para o trabalho. Fiquei com inveja. Às oito horas ela abriu a porta e disse que não me queria na sua casa. Que se eu pudesse me empregar numa casa para ajudar no pagamento do aluguel, ela ainda tolerava.

— Mas ninguém te dá serviço. Você pode procurar o asilo São Vicente de Paula, lá no alto da Abadia, assim há de te acolher. É um lugar para os indigentes. É melhor você ir lá. As casas que têm o nome de São Vicente não podem negar hospitalidade aos que podem.

Peguei a minha trouxa e saí. Me indicaram o asilo. Quando cheguei, fui falar com a irmã Augusta. Criei-lhe as minhas desditas. Já estava com vontade de corar a minha vida.

— Eu sou pobre, além de pobre, doente. As doentes internas não nos impedem de trabalhar, mas as exteriores sim.

Já estava cansada de viver às margens da vida.

— Você deve confiar em Cristo. Ele está experimentando a sua calma, se você tem paciência. Para que pensar em morrer, se todos nós temos que morrer um dia.

A irmã convidou-me:

— Entra. Você é hóspede de são Vicente de Paula. Ela rocou o sino. Apareceram as irmãs. Ela apresentou-me.

— Esta jovem é nossa hóspede. O seu nome é...

— Carolina Maria de Jesus.

— Não é só você que é de Jesus, todos nós. Ele é nosso salvador.

Segui os olhos, e vi um crucifixo. Olhava o Cristo na cruz e pensava: "É horrível ser pudore! Como é que o Cristo teve coragem de nascer na pobreza! Ele não tinha casa. E ela também não tem!."

Me indicaram o meu quarto. Nos quartinhos, que eram divididos, havia três camas um cada um. Ela olhava as velhinhos que já estavam despedindo-se da vida.

As três horas fomos tomar café. Que farfurá! Quan-
tos pales!

A irmã Castrola disse-me que o médico visitava o asilo de ouro em oito dias. Que eu esperasse.

Às seis horas serviram o jantar. Boa comida. E eu pensei: "O povo de Uberaba é superior, não deixa os aços indigentes ao leu." Em Sacramento não tinha nem uma Santa Casa. Em Uberaba as ruas já eram calçadas. A cidade era grande, não faltava serviço.

No outro dia pedi permissão à irmã Augusta, que era a irmã superiora, para ir fazer um exame na Santa Casa. Deixou. O médico que me examinou deu-me uns remédios "amorosa gratis." Quando tomava um remédio pensava: se me fosse possível amanhaccer só.

As irmãs disseram que eu deveria lavar as roupas dos asilados.

Eu lavava a roupa das trinta pessoas que estavam asi-
ladas. As pernas não curvavam.

Cansei daquela vida pedi à irmã Augusta que queria voltar para a minha terra. Não tinha um tratamento alic-
quado.

Ela implorou:

— Não vai! O mundo é um teatro de agravas.

Ela não podia ir ao hospital, porque devia lavar a roupa. Para ir ao hospital precisava permanecer na fila para receber as fichas.

Os asilados não deveriam trabalhar. Mas as irmãs não arranjavam lavadeiras. Elas tinham nojo de lavar as roupas dos asilados. Ela ficava indelicosa. Para agradar-me, passei a ter direito a comer comida das irmãs. Que comidão! Que pura! Era quase deferência especial.

Mas eu queria curar-me. Que inveja que eu sentia da Geralda, uma pretendida que era conhecida do asilo. Quando vagava pelas ruas só olhava as pernas das alegriinhas.

As palavras da irmã Augusta ficaram girando no meu cérebro: "O mundo é um teatro de agravas." E as crianças são vícios: roubos, uns matando os outros. E as brigas com as famílias. E às vezes com os vizinhos.

— Deus não quer dar-lhe tanto que é para lhe trair de mesclar-se profundamente no seio do mundo. Ainda mais vocês, que ainda não receberam instrução adequada, não sabem defender-se dos falsos prazeres da vida. A ruína moral também é prejudicial.

Eu já estava conhecendo a parte amarga da vida. Mas o meu desejo era poder dar a minha mãe o meu auxílio. Creio que é dever dos filhos auxiliar os seus progenitores.

A irmã deu-me uns livros para eu ler. Vida de santa Teresinha, de santo Antônio. Eu hei de lutar para curar-me, ainda hei de ver os meus parentes invejando-me.

As mocinhas que eram empregadas domésticas não saíam das casas das patrões. Eu estava trabalhando na casa da dona Mani, esposa do Gaúcho. Ele estava contente porque era o seu estado que estava pondo o Brasil em ordem.

Eu andava pelas ruas. Na época eu estava usando uma poanada que tinha um cheiro horrível, e os soldados não me queriam comigo. As muitas feridas eram meu salvador. Queria os soldados cantar!

"Viva a nossa revolução!"

O Brasil vai sair igualizado,
Ces o Grátillo e Brasil vai,
ces o Grátillo e Brasil vai,
Vaiu ter mais pão na mesa,
o Grátillo é anjo da pobreza.

O dinheiro rei, o mil-réis, foi recolhido. Circulava um dinheiro chamado bônus. Os homens que fardavam recebiam uma quantidade de bônus para deixar para as famílias. Os que recebiam os bônus compravam comida para os familiares em grandes proporções. Os que estavam habituados a comprar quilos compravam sacos. Que furaria! As mulheres diziam:

— Se o Brasil fosse sempre assim, isto aqui seria um paraíso.

Uis compravam material de construção, outros roupa de cama. Vários jovens fardaram-se. Os que se imiscuíram no meio dos revoltosos viajaram assim que vestiram a farda.

Para os que tinham noção do que é observar minuciosamente, percebia-se que aquela revolução estava tendo preparada há uns três anos. Não cometiam falhas,

Um dia amanheceu confuso, com as ruas cheias de soldados. Era a revolução. Eu conhecia só a revolução das formigas quando se locomovem. Mas a revolução dos homens é trágica. É uns matando os outros.

O povo só falava no Getúlio Vargas e João Pessoa. Em a união do estado da Paraíba com o Rio Grande do Sul. Os renentes condenavam os homens a fardarem. Os homens não deveriam ficar omissoes na hora em que a pátria estava em litígio.

— Estas sedições ocorrem por causa dos incidentes e prepotentes que querem governar a Nártio. Com o Getúlio vamos ter mais trabalho. Ele é o fundador do Partido Trabalhista.

Os soldados circulavam pelas ruas, ostentando umas bandeiras verdes, amarelas e brancas, com o retrato do Getúlio no centro. Os que olhavam o retrato simpaticavam com ele e diziam:

— Agora o Brasil vai ficar aos cuidados de um Homem! Este vai dar um impulso ao país. Somos um povo sem líder. Temos que despertar. O país não pode continuar deitado eternamente em berço esplêndido. O nosso país é muito atrasado.

em cada unidade tinha um caminhão conduzindo as farinhas, bortas, capotes de lá. E quanta carne!

Não havia saque. Era proibido no interior. Punidos os infratores. Os que não fardaram não recebiam os bônus.

O meu irmão não quis fardar-se, disse que tinha medo da revolução. Homens sem fardaram-se para receber os bônus. Compravam material para construir uma casinha. Diziam: "Se eu morrer, deixo essa casa para os meus filhos." Para os pobres aquela revolução era a época das vacas gordas.

O meu irmão queria ver os soldados. Resolvia vestir-se de mulher. Vestia um vestido da minha irmã, pôs colar, pincou o rosto, amarrou um lenço na cabeça e saiu. Meia hora depois ele entrou em casa cortado. Despu- se, lavou o rosto, pôs os seus traços masculinos. Uns soldados passaram e perguntaram:

— Vocês não viram uma mulata bonita?

Minha mãe respondeu:

— Eu não vi, não senhor. Estavam procurando o meu irmão. Ele ficou bonito vestindo os trajes femininos. Os soldados retiraram-se dizendo:

— Que anulata bonita! Nunca vi coisa igual! Será que ela já é casada? Mulheres bonitas surjam! dono logo. Eu queria apenas olhar para ela porque nós não podemos molestar as mulheres. A revolução não permite e nos puni.

O meu irmão tremia. Quando os soldados retiram-se, ele desapareceu. O povo estava confuso. Havia votado no senhor Júlio Prestes e estava aguardando a sua posse. Naquela época havia rivalidades entre Minas e São Paulo. O povo falava que a revolução era a favor do homem do campo.

que poderia deixar a vida do campo e residir nas cidades, encontrando empregos nas fábricas. O serviço nas fábricas não exigia homens especializados.

E pronto: as enxadas foram releggidas, e os arados ficaram inativos. O Brasil ia deixar de ser um país agrícola para transformar-se num país industrializado. O povo dizia que o Getúlio Vargas concedia empréstimos aos que pretendessem fundar indústrias. Era a primeira vez na história do Brasil que um presidente incentivaria o povo, reaguardando-lhe o moral. Os pobres diziam:

— O Getúlio vai ser o anjo farol.

Quando o Brasil normalizou-se, os que haviam recobrido bônus foram trocá-los nas coletorias. Entregaram os bônus e receberam o mil-réis que na época era o "vale-ruído". Era dinheiro-valor recebido. Não era o dinheiro legal. O dinheiro-valor recebido era piedomaniador. Quando alguém estava com cem mil-réis no bolso, ele tinha a impressão de ser um semibanqueiro. Era um homem tranquilo porque não tinha problemas econômicos.

Os que receberam o mil-réis quando trocaram os bônus, diziam: "E, o Getúlio tem palavra meano! O homem não brinca em serviço. O homem é sério me-gno."

E agindo assim o Getúlio vai predominar. Aquela moçada pobres, que se fardaram e entraram no estado de São Paulo, não mais voltaram para os seus estados. Conseguiam emprego em São Paulo. Na correspondência com os seus familiares, eles iam convencendo os seus parentes a transferir-se para o lado de lá. E aquela carta circulava de mão em mão, nos comércios de que o estadio de São Paulo é o paraíso dos pobres. E eu pensava: "Quando eu recuperar a saúde, quero conhecer a cidade de São Paulo. Quero ver a cidade sucurral do céu."

E os homens, quando se reuniam, falavam só Getúlio. Que era o pai dos pobres. E eu comecei a gostar do Getúlio e pensei: "Será esse o político que vai preparar um Brasil para os brasileiros?" Ele havia reanimado o povo, aquele povo apático, "deba pra amanhã", estava sambando, idealizando e projetando, porque podia conter no governo que não decepcionava.

O que faziam projetos diziam:

— Eu vou para São Paulo e vou conseguir um empréstimo com o Getúlio e abrir uma indústria com clandestina operários, porque o Getúlio diz que se o operário não tiver emprego, ele não terá tempo para transavia-se e desajustar-se. Ele só concede empréstimo com a finalidade de que o beneficiado vai ser operário. E a indústria em São Paulo é lucro imediato.

Quando os fazendeiros ficaram sotinhos, deixaram suas terras e transfetiram-se para São Paulo. Os velhos diziam:

— Um dia eles vão de arrepender-se, porque a lavora também atuado o país. Agora que o camponês vai para a cidade, vão diminuir os braços produtivos. Vai ser uma minoria a produzir para uma maioria consumir. No fim as consequências serão desastrosas, porque o homem manipula o ferro, mas não come o ferro.

Eu pensava: "Por que será que nas cidades pequenas não se sente o efeito de uma política? Se eles fazem tantos progressos nas capitais, poderiam fazer no interior, e o homem não necessitaria locomover-se de um estado para o outro." Mas a minha cidade continuava no mesmo estilo. Eu olhava a cidade e pensava: "Pobre Sacramento, é semelhante a um bolo em que não puseram fermento, não cresce."

O senhor Manoel Nogueira dizia:

— Agora o Brasil vai deixar de ser um país atrasado.

As revoluções sempre auxiliam o país. O povo deveria fazer uma revolta era para colocar o Rui Barbosa no Ceará.

Aquelas explicações do senhor Manoel Nogueira não mais me enraizaram. Quando eu era menino, pensava que tudo o que ele dizia ia realizar-se. Agora já estava compreendendo que, entra governo, sai governo, o pobre continua sempre pobre. Os sonhos de melhores dias não eram para nós. Nós vivíamos como são Lourenço na grelha incandescente.

O que nos empobreceu demais ultimamente foram as nossas andanças pelas fazendas. Percebi que o fazendeiro não dava dinheiro para os colonos. Para mim a escravidão havia apenas atraído um pouquinho. Era horrível ver os colonos andarem com as roupas rasgadas, temendo das, como se fossem mendigos. Será que a revolução ia auxiliar o homem camponês? Auxílio ou agrura? Em poucos dias o povo só dizia: — "Getúlio! Getúlio!" Até as crianças. Que fé! Que confiança que o povo depositava no governo que viai tomar posse! Como se ele fosse um bilhão para as suas dificuldades.

O meu irmão não queria fardar-se. Mas o homem que não lancesse não era homem. Lunando para o Getúlio, é como se estivesse depositando dinheiro num banco. E os juros vão ser o bem-estar do nosso povo.

Quem estava fazendo aquela revolução eram os ricos. Mas eles revolteram-se, por quê? Quem deveria e deve revolter-se somos nós que somos os pobres, que trabalhamos sem melhorar a nossa condição de vida, ganhamos apenas as unidades que não cobrem as nossas necessidades. Temos que ficar semi-alfabetizados porque o curso superior está só alcance dos poderosos somente.

Diziam que nas grandes cidades é que os pobres podiam chegar um pouco. A longevidade para o pa-

bre só se conseguia no estado de São Paulo, onde o pôbre tem possibilidade de comer todos os dias. E o segundo estacio é o Rio Grande do Sul. As grandes indústrias estão em São Paulo por causa do lucro imediato. Os homens de outros estados iam pôr suas fábricas em São Paulo. Mas o interior continuava apático.

Gracias a Deus eu estava só, consegui empregar-me na casa do senhor Manuel Soares. Que lata! Lavar, cosinhar, passar para toda a família. Trabalhava para ter onde comer.

Pensava: "Se eu tivesse terras para plantar eu seria rico." Olhava aquelas terras ao redor da cidade, inativas, as terras eram do senhor Hermógenes, do Jerônimo Cardoso, e do João Borges. Por que não dão estas terras para os pobres plantar? Teriam fatura para elas e para os pobres. Fazia claro que as terras têm que ter o seu proprietário, mas poderiam arrendá-las por tempo indeterminado. O Rui Barbosa, que foi uma voz estentórea no país, falou que deveriam ser cedidas terras para os que quisessem cultivá-las e não foi atendido. O último curso é procurar outros recanços mais promissores. E os homens vão perdendo o hábito de plantar. O japonês Napoléão havia deixado de plantar arroz, tinha que pagar os canadenses. Na Europa comia boato que o negro do Brasil, por ter sido escravo, trabalhava de graça em troca de pinga e comida.

Minha mãe me deu trinta mil-réis e pensei: "Com este dinheiro eu vou até Ribeirão Preto ver se consigo internar-me. Quem sabe se dessa vez, com auxílio de Deus, conseguirei sair.

Dizia:

— Ou você não tem sorte ou te puseram feitiço.

Que vontade de ir, porque não acredito em feitiço. Não me despedi de ninguém. A passagem custava vinte mil-réis. Para viver na vida é necessário pensar e agir. Cheguei em Ribeirão às seis da tarde. Paguei seis mil-réis para dormir e pedi ao portojo para despertar-me às seis.

Não dormi pensando: "Será que vou ser feliz aqui nesta cidade?" Que medo que eu sentia das cidades grandes! E eu tinha dinheiro.

Levantei, paguei a minha trouxa e saí. Segui avenida da Saudade. Cheguei na Santa Casa e pedi uma consulta. Fizeram um curativo e disseram que eu deveria voltar depois de três dias. Era doença de ambulatório.

Ficar onde? Recordei que a tia Ana morava naquela cidade e decidi procurá-la perambulando. Conseguir localizá-la. Ela residia na Vila Tibério. Quando cheghei eram seis horas da tarde. Eles estavam jantando.

Parei na porta e cumprimentei-a:

— A bênção, tia Ana!

Ela não me respondeu. Meu sem este convite: "Vamos entrar", eu entrei e sentei. Os meus pés estavam inchados dentro dos sapatos que os comprimiam.

Era sábado. A tia Ana disse-me:

— Você com certeza já jantou.
— Não senhora.

Ela dirigiu-me um olhar furioso. Pos um pouquinho de feijão e arroz e foi direto:

— Visitas de boca não me interessam. Visitas de braços sim. Como foi que você descobriu a minha casa?

— Foi uma mulher quem me ensinou.

Minha tia Ana ficou furiosa xingando:

— Ah, mulher infame, desgraçada! Ela que vi para o inferno!
Comi e fiquei com fome. Minhas primas estavam vestindo-se. Iam fazer um baile, haviam alugado um salão. Decidiram que eu deveria ir porque não me conheciam e não podiam me deixar sozinha.

— Não sabemos se ela é ladra.

A Marcelina estava noiva de um peixinho de nome Otívio. Pensou: "A tia Ana agora já insinuaria com os negros. O seu orgulho está enfraquecendo-se." E tive esperanças que ela me ajudasse. Que vontade de dormir! Chegou o José Marcelino. Não me cumprimentou. Olhou-me com rancor. Pensei: "Que raça antipática!"

As pessoas que estavam presentes no baile eram selecionadas. Bem vestidas. Os homens usando ternos de casimira. Eu pensei: "Será que elas são 'ficos'?" A meia-noite efravam um frango assado. Que vontade que eu senti de arrancar aquele frango e sair correndo. Eu estava sentada perto da tia Ana, olhando os que dançavam e pensava: "Eles estão do outro lado do mundo. O

mundo que a saúde lhes confere." Para mim aquilo era apenas cenas. Que eu poderia olhar. Mas não poderia tomar parte. Já escava mais calma. O curarivo que fracturara Santa Casa foi proclamado porque as feridas começaram doer. Não podia gerar no baile. Quem está doente não vai ao baile.

Ao lado da tia Ana estava sentada uma senhora que ultrapassava os cinqüenta anos. Olhou-me e perguntou para a minha tia:

— Quem é ela?

A minha tia observou-me minuciosamente e disse:
— É uma menina que de vez em quando vem na minha casa pedir esmola.

— Coitada! Tão jovem e já incapacitada para enfrentar a vida. Como a senhora é caridosa!
E a tia Ana sorriu com os elogios da mulher.
Eu estava com sono mas não podia nem cochilar. Para finalizar o baile decidiram marcar uma quadrilha. Mas faltavam danas. Então convidaram a minha tia, a outra senhora e eu.

Que suplício quando fui levantar. As pernas estavam inchadas e pesadas como se os meus pés fossem de chumbo. O meu desejo era dizer: "Moco, eu não posso dançar. Estou doente." Mas ele poderia dizer-me: "Lagar de doente não é num salão de baile, é num hospital."

Acabei o convite. Ele sorriu para mim. Eu também sorri. Já fazia tempo que eu não dançava. Não era a minha discrição predileta.
Mal vestida, eu era a gata horralheira em quele mudeio. Estava pedindo a Deus para que aquela quadrilha terminasse. Eu não sabia se prestava atenção na música, na dor que eu sentia ou na marcha da quadrilha. Os que dançavam sorriam e eu com vontade de gemer. Que alívio quando a quadrilha terminou.

O povo despediu-se e nós fomos para casa. Quando chegamos, a minha tia deu-nos as passadeiras para eu dormir o címento e deitar. Quando respirava, sentia o cheiro de poeira. Não adormeci por causa da friagem. Levantei e sentei-me numa cadeira. Não sentia sono por estar com fome.

Quando o dia despotou, levantei e fui para o quarto. A tia Ana conservava o dinheiro que ganhou no *buffet*. Não me ofereceram café.

O meu desgosto era tão intenso que eu não sentia fome. As duas horas me deram um pouquinho de fôlego. Eu saí, fui na casa da Barbara, filha da tia Ana. Queria ver o Sebastião seu esposo. Quando ela me viu fechou a porta e disse-me que ia sair.

Pensei: "Se um dia eu fiver saudade não quero contactar com os meus parentes, eles estão me apresentando as suas qualidades negativas." Os parentes deveriam e devem auxiliar uns aos outros.

Lembrei-me da Irmã Augusta:

— O mundo é mesmo um teatro de aguras.

Voltei para a casa da tia Ana. Eu estava suja. Três dias sem tomar banho com um calor insuportável. Mas eles não iam deixar eu tomar banho no banheiro. Compreendi que eles me tratavam com profundo desprezo para eu deitar a casa. Só para ver o que conseguia naquela cidadela.

Encontrei a esposa do meu padrinho: Maria Rita. Pensei pedir-lhe para ficar na sua casa, mas já estava ficando com medo da casa alheia. Ela lavava roupa para foras, roupas finas. O quintal era grande eu poderia construir um quartinho para mim. Despedi-me.

Cheguei na casa da tia Ana, falei com a Marcellina, dizendo que havia visitado a Maria Rita.

— Credo! Aquela mulher não presta! Você não deve ter entrado lá.

A tia Ana falou:

— Por que é que você não vai pedir esmolas? Assurei. Pedir esmolas na minha idade? Era horrível. Pensei: "Você renhará! E seja o que Deus quiser!" Saí andando, olhando as casas, procurando uma para pedir. Quem está doente não pensa na morte.

"Eu quero sair para trabalhar em qualquer coisa. Hei de ter a minha casa! Deus lá de me auxiliar!"

A tia Ana disse:

— Se não arranjar dinheiro, não voile. Dinheiro é a chave que abre os corações dos ambiciosos. "Juro que nunca hei de sacrificar ninguém para arranjar dinheiro para mim. Hei de moderar a minha ambição. Como é que podem exigir dinheiro de uma pessoa imprestável como eu." Oh, meu Deus! Quando nascemos, choramos, e o choro é o prenúncio da amarola de infelicidade que há de cingir a nossa fronte. Todos que nascem sofrem.

Olhava aquela cidadela. Tinha a impressão de estar sozinha sem Deus. Por fim me decidi. Toquei a campainha de uma casa. Apareceu uma senhora pedindo:

— A senhora pode me dar um auxílio? Ela olhou-me minuciosamente, como se eu fosse um objeto à venda ou em uma exposição.

— Você é novilha e pedindo esmola. Não tem vergonha? É por isso que ninguém gosta dos negros, vocês são indolentes, imprestáveis. Vai trabalhar, mojenta.

— É que estou doente.

— Procura a Santa Casa!

— Eles não me internam. Minha doença é de ambulatório.

— Você não tem mãe, não tem parentes? Você, mediocre, dão graças a Deus quando aparecem estas chagas nos seus corpos, para tirarem proveito da doença pedindo esmolas. E que vocês, que são ignorantes, não sabem o valor de um corpo sô, nem enfermidade.

É horrível alguém ter nojo da gente. Sugui sem medo despedir pensando: "Prefiro morrer de fome do que perder esmolas. Quando será que vou sarar?" O meu sono era ter saudade para aterrajar diñeiro e competir com minhas primas. Queria transformar-me de gata, borracheira em princesa. Os meus parentes me olhavam com cara de nojo e aquilo me feria profundamente. Tinha hora que eu invejava as minhas primas que podiam comprar roupas, vestidos de seda cor-de-rosa, azul, e cítricos de veludo preto. Mas preto era o meu destino.

Para mim, a palavra mais bonita era a palavra saude.

Permaneci apenas seis dias na cidade de Ribeirão Preto e comi só uma vez na casa da minha tia.

Eles não me convidavam para comer.

As pretinhas vestiam-se bem. Os homens de cor trabalhavam na Companhia Andantica. Minha condição era pungente. Não tinha casa, nem emprego e não é nadis agradável viver ao relento. E tudo no mundo tem destino.

Quando o homem está vivo, tem a sua casa para abrigá-lo, e quando morre tem a cama para o seu repouso eterno. Relembroendo o meu passado caônico, me viham na mente os rostos das pessoas que havia conhecido. E sentia saudades apenas do meu avô, e de minhas madrinhas, sôs Maroca e a Marininha.

Recordei de dona Bárbara, a sogra do droror Wanderingley Andrade. O seu rosto enrugado parecia um mapa. Será que o modelo do mapa foi o rosto humano? Era

amorvel e triste como se estivesse descontente com o mundo.

É o homem que sente a tristeza no mundo. O meu passado voltava na minha mente como se fosse uma fita na tela. Que passado horroroso e hediondo! Se eu achasse uma carteira cheia de dinheiro, quem sabe se a minha tia sorriria para mim. O dinheiro não é santo, mas também faz malgare.

A segunda casa onde bati e pedi esmolas, a dona da casa disse:

— Vai trabalhar vagabunda!

Fiquei sem ação. Eu que tenho um espírito de lutaria, de arrojo inabalável, que sou forte nas resoluções. Chegou.

A palavra vagabunda ficou ecoando no meu cérebro como se fosse um tique-taque de um relógio. Minhas lagrimas estavam quentes e deslizavam pelas faces, pingando no solo. Pensei: "Eu devo morrer!" Fiquei andando até encontrar um jardim. Sentei e fiquei contemplando as nuvens, pensando na casa de mamãe não distante. Lá, eu não era feliz, o meu irmão me xingava.

Quando o dia findou dirigi-me para a casa de minha tia. Já haviaia jantado.

Minha tia disse-me:

— Viram você sentada no jardim, e aqui em Ribeirão, as pessoas decentes não sentam nos jardins.

O meu primo, José Marcelino, olhou-me e disse:

— Isto é, as pessoas decentes, mas a Buita não é decente.

Ele estava escorando os dentes, perguntou-me:

— Quando é que você vai embora?

Não lhe disse nata. Dizer o quê?...

Peguei a minha trouxa e sai rogando praça na ria Ana.

Procurei a estrada de rodagem pretendendo voltar para a minha terra a pé. Fui andando resignada. Era o início de minha vida e o destino estava apresentando-me as pessoas desumanas que transitam por este mundo. Os tipos que pensam que são imortais, destinados das belas qualidades e com pessimas formações morais.

Quantos meses levava para chegar em Sacramento? Andei o dia todo pensando: quando encontrar um lago ou um rio, vou tomar banho, cinco dias sem tomar banho! Eu reho que ser firme nas minhas resoluções. Nunca mais hei de falar com os filhos da ria Ana. Não mais hei de considerá-los meus parentes. Se receber ofensas, hei de devolver as ofensas como troco. Que luta! Sentei fome mas minha medo de pedir. As seis horas cheguei em Jacéinópolis. Procurei a Santa Casa, admirando.

Todas as cidades do estado de São Paulo têm uma Santa Casa, os paulistas são caprichosos. Daí a impressão que o único estado rico do país é o estado de São Paulo.

Toquei a campainha pensando: "Como será que vou ser recebida?" E o meu coração começou acelerar-se como se estivesse dancando um sambão. Eu tinha a impressão que havia levado um empurrão e sendo artilhada fora do mundo. Se eu não recuperar a minha saúde, terei que mendigar mesmo. Mas é tão bom viver com o próprio esforço! Sempre existe alguém que nos dá serviço.

A porta abriu-se. Apareceu uma freira. Pensou: "Ela é tão educadíssima e compreensiva, qualquer coisa consegue-se com elas. Elas, que estão fora do mundo, conhecem o mundo tão bem. E quando elas falam, temos a impressão que elas são profetisas." Pedi:

— Será que a senhora pode fazer um curativo nas minhas pernas e arranjar um local para eu tomar um banho? Já faz cinco dias que não tomo banho. E essa zona aqui é muito quente. Eu estou fedida.

— Pode entrar. Você está certa, o corpo humano tem que ser lavado todos os dias e tem que ser alimentado. O nosso corpo é muito dispendioso para nós mesmos. De onde veio?

— De Ribeirão. Estou viajando para ver se consigo sarar essas pernas.

A irmã sorriu e disse:

— Minha filha, para curar-se é necessário o repouso. Não é andando de um lado para outro. Até na sua própria casa poderia ter-se curado. Você lá na Sann Casa apenas para fazer os curativos.

— Na minha terra não tem Santa Casa.

Fui tomar banho. Que alívio, tomar banho no banheiro, com sabonete, água quente, e uma toalha para enxugá-la, uma camisola e um roupão. Quanta gente! Eu estava habituada a lidar com as pessoas rudes como o caco.

E a irmã não avrelada! Pensou: "As irmãs são atraíveis porque têm erudição, são do tipo cintzelado."

Fui jantar. Comi à vontade, sem constrangimento. Senti sono, fui deitar.

Desperrei as cinco horas com os gorjetos das aves e as vozes das irmãs rezando a Ave-Maria. Enquanto eu dormia, elas fizeram o curativo nas minhas pernas. Levantei e fui rezar, agradecer a Deus sua interferência benéfica. Tomei café, e fui dormir. Que gozotura aquela cama lumiñinha!

As irmãs me tratavam como se eu fosse uma personagem ilustre. Eu disse-lhes que havia percorrido vários

— Será que a senhora pode fazer um curativo nas minhas pernas e arranjar um local para eu tomar um banho? Já faz cinco dias que não tomo banho. E essa zona aqui é muito quente. Eu estou fedida.

— Pode entrar. Você está certa, o corpo humano tem que ser lavado todos os dias e tem que ser alimentado. O nosso corpo é muito dispendioso para nós mesmos. De onde veio?

— De Ribeirão. Estou viajando para ver se consigo sarar essas pernas.

A irmã sorriu e disse:

— Minha filha, para curar-se é necessário o repouso. Não é andando de um lado para outro. Até na sua própria casa poderia ter-se curado. Você lá na Sann Casa apenas para fazer os curativos.

— Na minha terra não tem Santa Casa.

Fui tomar banho. Que alívio, tomar banho no banheiro, com sabonete, água quente, e uma toalha para enxugá-la, uma camisola e um roupão. Quanta gente! Eu estava habituada a lidar com as pessoas rudes como o caco.

E a irmã não avrelada! Pensou: "As irmãs são atraíveis porque têm erudição, são do tipo cintzelado."

Fui jantar. Comi à vontade, sem constrangimento. Senti sono, fui deitar.

Desperrei as cinco horas com os gorjetos das aves e as vozes das irmãs rezando a Ave-Maria. Enquanto eu dormia, elas fizeram o curativo nas minhas pernas. Levantei e fui rezar, agradecer a Deus sua interferência benéfica. Tomei café, e fui dormir. Que gozotura aquela cama lumiñinha!

As irmãs me tratavam como se eu fosse uma personagem ilustre. Eu disse-lhes que havia percorrido vários

riam cidades e já estava cansando. "Tenho plena convicção que não vou concretizar os meus objetivos."

A Irmã dizia que podemos falar do passado mas que o futuro é imprevisível, ele poderá nos surpreender com a fatalidade ou com a felicidade.

Na enfermaria as mulheres falavam apenas da revolução. Que foi benéfica para o povo. Que havia modificado o padrão de vida do operário. O salário era compensador. Eles tinham possibilidades de ter coisas básicas. Citavam as vantagens das leis trabalhistas. O operário podia aposentear-se na velhice e receber o salário integral. O operário estava contente com as leis. E o Getúlio já estava sendo cogominado de o pai dos pobres.

O povo era disciplinado. Não havia conspirações porque o povo não era opinião. Eles tinham a possibilidade de adquirir o que necessitavam sem serem oprimidos, sem sacrificarem-se. Todos vestiam-se bem. Nas ruas não se distinguia quem era o pobre quem era o rico. Os preços estavam ao alcance de todos. Que inveja que eu sentia de não poder trabalhar.

Quando eu era pequena tinha saúde, e agora que estava mocinha é que fui adoecer. Ningém me namorava e o desprazo dos homens me mortificava. Deve ser bom beijar o rosto de um homem.

Nos dias de visitas eu ficava olhando e com inveja. Todas recebiam visitas, menos eu.

— Esta é a minha mãe.

— Esta é a minha tia.

— Esta é a minha cunhada.

— Esta é a minha filha e esse é o meu esposo.

Família... coisa que não tenho. Quando uma dona de casa baba, eu chorava. E os dias foram passando. As minhas pernas continuavam na mesma. As chagas não cicatrizavam. Resolvi deixar a Serra Casas.

As Irmãs imploraram:

— Fique! Nós temos tanta comida, e não temos quem comam! Nós não temos doentes. Os que adoecem aqui preferem ir para Ribeirão Preto, ou São Paulo. Pensei "Se me fosse possível ir até São Paulo para consultar... Mas não tenho recursos. É melhor eu voltar para Sacramento, e seja o que Deus quiser." Agradecei às Irmãs, e segui.

Quando anotava, dormia nas margens da estrada. Será que a minha vida vai ser atribulada assim? Eu não quero pedir estadia. Não quero roubar. Quero ser honesta. Pensava constantemente e não encontrava solução. As pessoas que me viam andando pelas estradas ficavam olhando e comentando:

— Ela deve ser louca!

Parei para descansar e ouvi uma voz que cantava

"Eu quando bebo
às vezes estou bêbado,
as vezes bêbado,
também apanhado.

Eu quando bebo
fico mal-educado,
brigo com a mulher
e até com a deligada.

Eu quando bebo
fico mal e maltratado,
brigo com o cunhado
e até com a Lareira.

Eu quando bebo
crio chifres e até rastejo.
Brigo com o mundo
e até com o diabo."

As once horas chegava o automóvel que ia me levar pra Orlando. Ia observando a estrada de rodagem. Que beleza!

Quando chegamos na casa onde eu ia trabalhar, vi duas placas no portão: Dr. J. Manso Pereira. Dra. Mieta Santiago. Fui sete: "Será que eles vão aceitar-me?" Apareceu uma mulata no portão e convidou-me para entrar. Quando entrei no jardim o meu coração acelerou-se como se estivesse me advertindo de algo funesto. Procurei acalmar-me pensando: "Será que irei ser felizes aqui?" Felicidade é uma lenda que os homens criaram, ela é inexistente.

A casa era numa esquina. No terraço vi várias cadeiras e bancos onde os doentes sentavam.

— O que será que vou fazer nesta casa? Lavar, passar?

A mulata indicou-me um quartinho dizendo:

— Você vai dormir aí.

Estrava cheio de caixotes. Ajetei os caixotes e coloquei o colchão. E fui tomar banho para ir falar com a patroa.

Ela perguntou o meu nome, a idade, se sabia ler e escrever, tudo o que eu sabia fazer, e deu-me papel uma caneta e o dinheiro. Escrevi: "Sei lavar roupas, passá-las, remendá-las, pregar botões, fazer bolos, salsão, doces, encher frangos, encerar casa." Entreguei-lhe o bilhete, ela leu e elogiou a minha letra. Sorri, porque uma doutora elogiar a minha caligrafia! Quando me viu sorrir, disse:

— Que dentes níveis! Pensei. "Será que estou com alguma enfermidade nos dentes?"

Ela disse-me que eu deveria vestir o quintal. Eu era inciente e de sorprendida para trabalhar. Havia fatura na casa do doutor. Ele examinou-me, e fezia queucito nas minhas pernas. Eu auxiliava a Raimunda a cuidar da casa.

Que inveja que eu sentia dela que era forte, e andava por toda a cidade.

Um dia, remexendo nos caixotes, encontrei vários livros e um *Dictionary Práctico* de João de Deus. Era a primeira vez que via um dicionário. Quando compreendi a finalidade do dicionário, procurei a palavra níveis, e sorri satisfeita, porque tinha algo atraente: os meus dentes.

A Raimunda me falava de Belo Horizonte.

Quem criou-a foi a mãe do doutor Manso. A dona Segunda elogiava o pai do doutor Manso.

Dias depois chegou o irmão do doutor Manso. Outro doutor que viaia praticar com o irmão. O doutor Olimpio Manso Pereira era alto. Tinha um medo de dar receitas!

Dizia:

— Deus, fizeti com que eu acerte. O meu doente não deve morrer. A morte de um doente é o comprovação da incapacidade de um médico.

A Raimunda pajeava o filho da doutora Mieta, o Baby. Ele não era barzado. Os pais decidiram esperar que ele crescesse e ele mesmo escolhesse o seu nome.

Os pais decidiram visitar São Paulo. Eu pedi à doutora Mieta para comprar uns vestidos para mim. A Raimunda foi vestida de criada: Touquinha e avental branco. Várias pessoas comentaram que aquilo era penditismo. Que não mais se usava aquele uniforme. Que os trajes tiveram época na monarquia.

A Raimunda estava alegre porque ia conhecer a clínica cidade de São Paulo. Ficaram fora dez dias.

Quando regressaram, falavam do progresso na cidade industrial. Mas a doutora Mieta dizia que pretendia residir no Rio de Janeiro. Não viajava a voz do doutor

Manso. Era um homem triste. Por quê, se ele tinha saúde, profissão, uma casa, esposa e filho? Quem deveria ser triste era eu. A dona Nieta comprou três vestidos para mim. Que seculos bonitos indesbotáveis. A dona Maria Augusta fez os vestidos. Dez crucifixos cada um. Eu não paguei porque ganhava vinte mil-reis. Ganei daquela vida.

Decidi seguir para Sacramento. Levei os livros velhos que estavam no quarto para eu ler. Quando cheguei na minha cidade, fui recebida com hospitalidade pelos meus parentes. Eu já estava mais inteligente e observava as fisionomias rancorosas. Pensei: "Eles não sentem saudades."

Minha mãe disse-me:

— Quando você chega, eu já sei que vou ter aborrecimentos. Eu já não lhe disse para você ficar por lá? Não é impaciência, nem antipatia da minha parte, é para o seu próprio bem. É um espetáculo duro para mim presenciar vocês te jularem.

Mas eu, que nas minhas andanças dormia debaixo das árvores, era humilhada, já estava ficando insensível. Mostrei-lhe os meus vestidos. Ela achorou bonito.

— Estes tecidos são de São Paulo. Foi a minha patroa quem comprou.

— Ah... você tem patroa? Deixa de ser mentirosa. Você fala isso, que é para nós acreditar nos, nós duvidamos.

Mostrou-lhe os colares. Ela escolheu um amarelo e deu o verde para mim.

Eu comprei uma sombrinha e percebi que as minhas primas invejavam os meus vestidos. Quando elas compravam vestidos, eu não as invejava.

A CULTURA

O que eu não acostava eram as vaidades indecis. Elas trabalhavam exclusivamente para comprar roupas. Podiam trabalhar para comprar um terreno e construir uma casinha que é a coisa mais importante na vida. Eu passava os dias lendo *Or Latinha de Canhões*, com o auxílio do dicionário. Eu ia intelectualizando-me, compreendendo que uma pessoa ilustrada sabe suportar os amarumes da vida.

Por eu ter tomado muitos remédios, minhas pernas estavam cicatrizando. Comecei a fazer projetos. "Vou ficar boa. Hei de conhecer a cidade de São Paulo." O povo dizia que era a cidade favel de mel. Em São Paulo tem um bairro que se chama Paraiso. E a cidade de São Paulo é um paraíso para os pobres. É o estado do Brasil que tem mais estradas de ferro.

Por intermédio dos livros, eu ia tomando conhecimento das guerras que houve no Brasil, a guerra dos Farrapos, a guerra do Paraguai. Considerava esta forma brutal e desumana que o homem encontra para solucionar os seus problemas. Eu sentia no sol para ler. As pessoas que passavam, olhavam o dicionário e diziam:

— Que livro grosso! Deve ser o livro de São Cipriano.

— Era o único livro que os incipientes sabiam que existia e existe. Começaram a propagar que eu tinha um livro de São Cipriano. E comentavam:

— Então ela está estudando para ser felicíssima, para atrapalhar a nossa vida. O felicíssimo reza, e não vem churrasqueira, nem se sente mal, nem se queixa.

Quando a minha mãe soube, avisou-me:

— Bé melhor você parar de ler estes livros, já estou falando que é livro de São Cipriano, que você é felicíssima. Eu dei uma risada estentórea. As pessoas que ficam esclarecidas e prudentes sabem conduzir-se na vida. "Eu quero sair para sair daqui para não mais voltar."

Eu estava contente porque as feridas estavam cicatrizando. Queria fazer uma surpresa para a minha mãe. Estava seguindo as indicações da Irmã de Jardimópolis. Se eu reproduzisse na minha própria casa, poderia curar-me. Na minha casa eu estava tranquila. Não me revoltava, não sentia aquela angústia interior. Quando não lia, dormia qualquer coisa.

O meu irmão que andava gritando ora aqui, ora ali, apareceu. Que dó que eu sentia daqueles jovens pobres. Não podiam ficar na cidade porque a polícia perseguia-os. Os homens pobres olhavam os policiais como os gatos olham os cães. Mas isto é inciência, porque o homem que é policial também é pobre, e sabe as dificuldades que o homem pobre encontra para viver. A colmêia do pônei produz o mel amarrumado.

Um dia estava lendo, passaram uns rapazes, pararam e pediram para ver o meu dicionário. Entreguei o livro para eles olharem. Olharam e disseram:

— Ah! é mesmo o livro de São Cipriano. Como é pensado.

Percebi que eles eram pernósticos e fiquei com dó, porque a leitura beneficiava tanto o homem como a mulher. Quisiera-me que o meu desejo era ter saúde para trabalhar. Que a enfermidade me transformava num fardo humano.

Quando eles saíram foram contar para o sargento que eu o havia xingado de furapo, dizendo que eles prendiam sonhante os pobres. O sargento era compadre de minha prima Leonor, e deu ordem aos soldados para irem prender-me. Eu estava em casa. Não gostava de sair porque me assorria com o disto-que-classe em torno do meu nome.

Já estava ciente que os ricos que nascem nas cidades pequenas podem nacer nus, mas os pobres têm que nascer vestidos de paciência para suportar as ignorâncias. Assustei quando vi os policiais. Eles pararam na minha frente e deram ordem de prisão. Não perguntei por que estava sendo presa. Apenas obedeci. Minha mãe interfeceu, dizendo que eu não estava fazendo nada de errado.

— Cala a boca! E você também está presa.

Seguimos na frente dos dois policiais. Minha mãe chorava dizendo: "Eu te disse para não vir nessa cidade. Por que você não fica com os pais?"

Quando chegamos na cadeia, o povo já sabia que eu estava sendo presa. Nos introduziram numa cela. Pensei na freira que me aconselhou:

— Vai para a sua terra, e lá você repousa e sarà. Você não tem temperamento para ficar recluída.

Picantes presas dois dias sem comer. No terceiro dia o sargento nos obrigou a carpir a freira da cadeia. O povo passava na rua sem nos ver.

Eu pensei: "Admito que se dê um castigo moral aos que erram, mas eu não errei." No quarto dia fomos

carpir até ao meio-dia. As minhas mãos dofam, as feridas por falta de remédios inflamaram novamente.

— A uns hora da tarde nos recolheram e o sargentfo interrograram-me.

— Então você anda dizendo que eu sou um farrapo? Consegueu! "Ah, foi o Li quem contou."

— Eu disse para o Li que a enfermidade me transforma num farrapo humano. E me considero inferior aos outros. Não gosto quando me dizem: "Ferdecera!" Eu não tenho culpa de estar doente. Quando eu estar quero trabalhar.

— Você ainda leu o livro de São Cipriano. Pensei que era bonar feitiço em quem?

— Eu não creio no feitiço e não tenho o livro de São Cipriano.

— Eu tenho.

— E deu-me o livro para olhá-lo e folheá-lo. Eu gostava imensamente de livros e peguei o livro com carinho e cuidado, como se estivesse pegando uma criança recém-nascida. Mas estava nervosa para ler.

— Dizem que a senhora sai à noite e fica vagando pela cidade.

Minha mãe disse:

— Ela não sai à noite.

— Cala a boca, vagabunda!

Voltamos para a celi.

O sargentfo mandou um soldado preto nos espantar. Ele nos espantava com um sacete de borracha. Minha mãe queria proteger-me, colocou o braço na minha frente recebendo as pancadas. O braço quebrou, ela desmaiou, eu fui ampará-la, o soldado continuou espancando-me. Cinco dias presas e sem sonhar.

— Minha tia foi nos visitar e levou um viradão de carne com farinha. Minhas pernas incharam. Pensei: "Estes tipos devem ser descendentes de Nerb, que era fúnsico"

pelas costas cruciás." O braço de minha mãe doía. Ela chorava. Um soldado de nome Isalino me xingava:

— Era vagabunda vive viajando. Moga direita não viaja. Diz que vai para São Paulo.

— Eu pedi à minha tia para ir falar com o senhor Au-relio de Campos, gerente do Banco, para soltar-me. Posteriormente eu lhe pagaria. Respondeu-me que não podia, precisava pagar a carcereira, vinte mil-reis. Minhas pernas começaram a fedor. Pensei: "É se der bichos?"

— O meu primo Paulo arranjou os vinte mil-reis, e me soltou. Hei de considerar o meu primo Paulo como o meu único parente. As feridas inflamaram. A minha mãe não podia lavar roupa. Nós saímos andando nas roças pedindo esmolas. Minha mãe com o braço quebrado e eu com as pernas enfiaxadas. Ganhavamos arroz, feijão, toucinho, salsão, queijo, sobras de comidas. Minha mãe dizia:

— Você precisa deixar esta cidade.

— Está bem — concordei. Pensava na generosidade dos paulistas. Os pais de família proibiram suas filhas de falar co-migo. Eu ia constantemente com os maus exemplos.

Dirigimos à cidade de Sacerdócio. Fomos para Franca. Que luta para eu viver em Franca. Não podia trabalhar. Minha mãe aterradora empregou na casa do senhor Ignácio Calheiros. Eu ficava vagando. Que fome que eu passava!

As vezes eu ia no emprego de minha mãe. Lembra o quinal, viajando comer qualquer coisa! Não tínhamos casa, fomos dormir na chácara do Chicholim. Era um parque de circo falso e anoso. Era caridoso. Era o pai da atriz Carmen Cassuel. Que homem bom!

Sintasia, o Ibraim e os outros. Quando ela cozinhava, eu olhava para aprender porque pretendia ser a tal na cozinha.

O senhor Bruxelas comprou um cofre em São Paulo. Quando chegou o cofre, eu estava varrendo a sala. O homem que fez a entrega do cofre explicava o segredo. — O senhor roda três vezes, zero. Roda quatro vezes, dois.

Eu não estava prestando muita atenção na explicação mas os díazos ficaram gravados na minha mente.

O senhor Emílio Bruxelas pegou o papel, leu e fechou o cofre. E rodou os números novamente, o cofre abriu-se. Ele pegou os objetos de valor, papéis, escrivanas e um maço de dinheiro, e colocou no cofre dizendo:

— Agora sim, estou tranquilo, posso sair de casa sossegado. Este cofre, os ladrões não conseguiram abri-lo. A dona Ziziinha, que estava esperando o seu primeiro filho, andava pela sala e pediu-me para ir preparar o café. Após o café, o homem que entregou o cofre despediu-se. Dias depois o senhor Emílio Bruxelas perdeu o papel que continha a explicação para abrir o cofre. Ficou nervoso. O senhor Jóias de Almeida disse-lhe:

— A Carolina é muito inteligente. Se ela ouviu o segredo do cofre, deve ter decorado.

Então o senhor Emílio Bruxelas, resolvia certificar-se, e procurou-me na cozinha, e olhou-me. Aquiele olhar intranquilitizou-me, eu tinha a impressão de estar diante de um rato X. Percebi que ele queria dizer-me algo. Estava chovendo. Eu sentia frio, mas não tinha agasalhos, nem esperança de ter.

Ele perguntou-me:

— A senhora viu o cofre?

— Vi, sim senhor!

Eu era uma revoltada. Comecei a viajar, procurando tratar-me. Serei. Que alegria! Minha mãe sorriu. Arranjei emprego. Fui trabalhar nos Três Irmãos, para a dona Cládia. Me pagaria quarenta mil-réis por mês. Que mulher fina, poderia ser uma atriz ou uma artista de cinema.

Tudo que eu fazia para ela fazia com todo capricho e carinho. Não era para bajulá-la. Era por simpatia e consideração.

Que farta! Para mim um grão de areo tinha o valor de uma pedra de brilhante. Eu precisava revigorar a minha alma que estava descrente de tudo.

Quando recebi os vinte e cinco mil-réis, sorri e chorei porque a outra empregada da dona Cládia voltou dizendo que gostava de trabalhar só para ela. A dona Cládia era filha de italianos, casada com o senhor Abdo, um sírio. Ele sabia falar o árabe.

Com saúde, não havia falta de trabalho, e eu fui desembalado-mic. Podia calçar meias. Ninguém tinha nojo de mim. Fui-me empregar na casa do senhor Emílio Bruxelas. Ele estava casado com a dona Ziziinha. Que mulher seria! Estava casado com os enteados, o

— O senhor Jorias de Almeida disse-me que a senhora é muito inteligente.

Que alegria que senti! Para, os brancos comentando que eu sou inteligente! Isto para mim é uma honra. Então eles falavam de mim lá fora. Mas deveria existir uma finalidade, porque aquelas honras só falavam do preço do café, comentando a época em que o Gerdil mandou queimar o excedente, que foi prejuízo para a Nação. Que se veradessem o café por um preço inferior sempre era lucro. Queimando-o foi um prejuízo total. Muitas famílias ficaram pobres. O senhor Emílio prosseguiu:

— A senhora ouviu o homem ler o segredo do cofre?

— Ouvi, sim senhor.

— Será que a senhora pode escrever o que foi que ouviu?

— Fiquei vaidosa.

— Oh! posso sim!

Ele pegou um papel e deu-me.

Escrevi: "Rodá três vezes, zero. Roda quatro vezes, dois."

Fui escrevendo o que dava e entreguei-lhe. Ele foi correndo sair o cofre. Abriu. Foi procurar-me na cozinha.

— Dona Carolina a senhora pode ir-se embora. Vai arrumar as suas roupas e sai.

Fiquei apavorada, porque estava chovendo. Eu não podia pegar-lhe por que é que estava me expulsando de sua casa, se eu lhe prestava um grande favor auxiliando-o a abrir o cofre. O meu orgulho falou mais alto. Já que ele está me expulsando, vou sair sem pedir explicações. Ele deu-me trinta mil-reis eu sei. Não tinha guarda-

chuva. Dei cinco passos fiquei encharcada. Não tinha ninguém nas ruas. Eu só tinha casa. Que luta!

Quando cheguei na casa da Dolores estava molhada distinta. Não quis incomodá-la. Já estava descontente de ser classificada a inferior. Que alívio, quando o dia surgiu.

Fui enxugar as minhas roupas pensando onde conseguir outro emprego. Era muitas pessoas que precisavam trabalhar. Eu não exigia preços. Por causa da chuva, comecei a rossir.

Fui trabalhar na casa do senhor Teófilo, me mandaram embora por causa da tosse. Eu pensava que se realisasse a saúde, ia viver como fidalga. Fuganei-me. Os dias para mim ainda eram funerários e trágicos. Os meus sonhos não se concretizavam. Queria trabalhar para cuidar de minha mãe.

Os bons empregos já estavam ocupados por pessoas de melhor aparência. Decidi procurar trabalhos fora da cidade. Nas fazendas. Nas casas do fazendeiro.

permissem que a Nilza morresse. Que saudades que eu sentia da menina!

Jurei nunca mais ser paiem porque na convivência aprendemos a amar as crianças. Mas a Nilza morreu.

Eu não tinha roupas para vestir. Escrevi um bilhete para a dona Maria Amélia, pedindo-lhe os seus vestidos usados. Ela deu-os. Escrevi o bilhete com a convicção que ela não ia alegar.

Quando gostei de uma pessoa, gosto de vê-la todos os dias. Eu queria ver a dona Maria Amélia, por sentir saudades, e não queria vê-la porque ela deveria estar muito triste com a morte da Nilza.

Que sucesso, quando vesti os vestidos que a dona Maria Amélia deu! Organdi amarelo. Cheio de babados. Pensei: "Se eu pudesse vestir sempre assim!" E fui dançar.

Era horrível viver. Eu estava trabalhando ganhando trinta mil-réis, aparecia outra, que trabalhava melhor, e ganhava vinte mil-réis por mês. Eu já estava cansado daquela vida de sardinha. Eu tinha a impressão de ser uma moeda circulando. Que vergonha que eu sentia por não termos uma casa.

Alugamos um quarto na casa de dona Narcisa. O preço do quarto era cinqüenta mil-réis por mês. Que luta para arranjar estes cinqüenta mil-réis para pagar o primeiro mês alugado. Não tínhamos sossego, pensando: "Será que vamos arranjar dinheiro para pagar o segundo mês? Se ninguém tinha emprego fixo." Minha mãe me olhava e dizia:

— Eu, não posso confiar em você. Já percebi que você nunca vai poder auxiliare-me.

Nós dormímos no solo. Fazíramos o chão com jornais.

Minha mãe dizia:

Fui trabalhar para a dona Maria Amélia, filha do Tonho Rasa, esposa do senhor Roberto Junqueira. Que patroa educada! Eu era a patroa da Nilza. Que menina bonita. Estava doente. A dona Maria Amélia era triste. Eu pensava: "Por que, se ela é rica?"

Volvemos para a cidade. O doutor Carlos Signarelli, conseguiu a travar a menina. Como eu gostava da dona Maria Amélia! Pensava: "Se ela não despediu-me, hei de ficar sempre com ela." Muito elegante no falar. Olhava-se parecia uma princesa.

A menina estava morrendo e ela também. O doutor Carlos Signarelli disse que era meningite. A mãe da dona Maria Amélia despediu-me, dizendo que não gostava de mim.

Quando deixei aquela casa, rezei pedindo a Deus para auxiliar a dona Maria Amélia que tinha todas as qualidades para ser canonizada.

Consegui outro emprego numa pensão. Mas não conseguia esquecer a dona Maria Amélia Junqueira. Recava pedindo a Deus para a menina não morrer e ela não sofrer. E eu ia à igreja Nossa Senhora da Conceição, para ira diante dos altares suplicando aos santos que não

— Nós viramos ciganos. É horrível estar hoje aqui, amanhã ali. Estamos imitando os artistas de circo. Eu me sentia como se fosse um refugo. Uma moeda fraca, sem coração. Não podíamos comprar o que comer. Quando vencia o mês, não podíamos pagar. Sairmos antes que a preta nos expulsasse.

A Dolores arranjou um amigo e foi viver com ela. Levou a minha mãe. Chorei e fui embora a pé, com a trouxinha nos braços. Chegar sem dinheiro era desesperador. Mas eu só sei conseguir dinheiro honestamente. Quando cheguei na cidade, esperei que anotasse para eu entrar na cidade.

Mais tarde fui procurar a Dolores, que estava doente. Doe nos olhos. Minha mãe estava magrinha, queixando-se de dor no estômago. Eu via várias pessoas irem para São Paulo e pensava: "Há de chegar a minha vez." Já havia completado um ano que eu estava trabalhando, e não havia ganho nem cem mil-réis. Eu invejava aquelas moças que ganhavam sessenta mil-réis por mês.

Por infelicidade minha, adocri. Que febre que eu secessa. Estava com disenteria. Gemia dia e noite.

Deixada no salão da chácara do Chichólin, uma noite ouvi parar um carro e perguntar:

— E aqui que tem uma mulher doente?

Respondaram que sim. E o senhor Arnulfo de Lima entrou, me olhou e disse-me:

— Fiquei nessa.

Disse que ele estava dormindo, na sua casa, e o meu espírito foi lhe pedir um auxílio: um coelhão e um médico para examiná-lo. Eu ainda não tinha terminado o meu ciclo de existência e não era a hora para eu desencarnar-me. Dei-lhe o meu endereço.

Eu conhecia o senhor Arnulfo de Lima. Era o dono de um centro espírita. Ele levou um médico para exami-

nar-me. Ele aplicou-me uma injeção. Eu estava deitada nas tábuas. Que gostosura deixar naquele colchão! Dormi.

Despercei às nove da manhã com o corpo queimado, com a impressão que estava sendo assada viva. Pequenava. Enchi uma banheira com água fria, entrei. Que alívio! Que sensação agradável! Quando saí da água ela estava quente. E a doença desapareceu.

Até hoje não comprehendo este mistério de ir procurar o médium Arnulfo de Lima. Ela não me conhecia. Mas rezai para ele ser feliz. Eu tinha a impressão que não estava acordada, que estava sonhando. Eu queria procurar o senhor Arnulfo de Lima mas não tinha roupa. Pensava: "Por que é que o meu espírito não procurou o doutor Tomaz Nortelino, que é espírita?" Comecei a compreender que eu recebo uma proteção, e desconfesso a origem. Mas fiquei alegre. Como é bom um corpo sadio! Fui procurar emprego, tinha a impressão que havia tornado um reconstituinte.

Tira o ano de 1936. O povo dizia que estava entrando com o estilo do Getúlio governar o país. Os impostos não eram onerosos. Em todos os bares e outros estabelecimentos estava exposto o retrato do nosso proeminente chefe da Nação. Os comerciantes quando davam balanços tinham um saldo favorável. Os preços eram fixos de ano para ano. Quando o operário recebia o seu dinheiro, já era designado para isto ou para aquilo. Que povo alegre!

val "Só para moer". O cordão era do Benedito Musa. Mas quando eu fui pedir se me aceitava no seu cordão, ele disse-me:

— Não te aceito nem para engraxar os sapatos das minhas meninas. No meu cordão não entra mendigo. Você não tem roupa.

Ele estava cero, mas fiquei nervosa.

O meu sonho era dançar só com do jazz-funk' Bico Doce, de Ribeirão Preto. Para mim, a minha vida era semelhante a uma pedra que eu não podia erguer. De tanto pensar fui adquirindo o hábito de não reclamar, não lamentar. Para que mortificarme com o impossível? O patriô era sábio, brincava com os empregados. Eu achava grata quando ele dizia:

— Bon dia sara-nólla!

Que ordem naquela fazenda! Os empregados queriam deixar a fazenda, mas não tinham coragem de pedir a coara. A educação dos patrões e das crianças nos impediu.

Os empregados eram tratados como se fossem da família. O senhor Nhonhô tocava discos caspria para os colonos e dizia:

— Não se usi mais tratar os empregados com desprezo.

Quando eu pedi a dona Flúca que queria ir embora, ela não apreciou e perguntou-me:

— O que é que está te faltando aqui? Fala o que você quer que eu solução.

Pensei: "Vou pedir-lhe para comprar roupas para mim. Mas se ela comprar, terrei que ficar com elas. Já estou cansando de viver no campo. Se fosse para eu morar nesta fazenda para plantar, afi sim. Mas eu espero que Deus ainda vai me auxiliar, hei de ter terras para plantar. Hei de ter a vida que espero ter."

A PATROA

Fiquei alegre quando consegui um emprego numa fazenda. Eu não podia trabalhar na cidade por não ter roupas. Na roça, qualquer coisa serve. A vida é simples, sem burocracia. Fui trabalhar na fazenda do senhor Nhonhô Rasa. Ele era surdo. Mas muito educado com os colonos. Eu era pajem. Quanto leite, queijo e verduras! As empregadas me criticavam dizendo:

— Você é uma idiota, deixar a cidade para vir trabalhar no mato. Quando a patroa ia na cidade, eu ia para comer coca das crianças. Ela ia passear, ir ao cinema para discutir-se um pouco.

Eu queria um serviço de maior movimento. E ficar sentada com uma criança nos braços o dia todo foi cansando-me. Tinha a impressão que o tempo não passava. Eu pensava: "Como será que está vivendo a minha mãe?" Cansei de queria vida enxugada. Uma vida sem um anhão promissor. Sentia um descontentamento tremendo. Que vontade de ter uma casa, uma vida ajustada!

A patroa era ótima. Eu tinha vergonha de dizer que desejava deixar o emprego. O meu desejo era viver na cidade, ir ao cinema. Dançar, entrar no cordão de carnaval, entrar no cordão de carnaval.

A dona Flávia, disse-me:

— Sabe, Carolina, muitas pessoas lutaram para a liberação de vocês. Mas vocês são nem apago a sada. Parecem esquilos. Eu acho vocês, negros, um povo muito difícil. Se vocês são desorganizados, é porque vocês querem. O que é que você lucra nas suas andanças? Dá a impressão que vocês entram nas nossas casas só para investigar algo e depois partem. Eu posso morar na cidade, mas a cidade não me fascina. Eu já conheço tudo. Aqui eu posso criar os meus filhos com maior conforto, e menos despesas. Morando na cidade, eu tenho que comprar quilos, e eu não gosto.

Na cozinha eram duas cozinheiras. Que farrurá!

Ela disse-me:

— Quando eu for à cidade, eu te levo e te deixo lá, você já está habituada a dormir nas casas condensadas pela prefeitura.

A nossa conversa terminou, quando ouvimos a voz do senhor Nhonhô. Fui servir o almoço.

A cozinheira queria sair e já havia completado um ano que ela dizia:

— Amanhã, eu falo que quero ir embora. Amanhã eu falo que quero ir embora.

Eu tinha a impressão que a dona Flávia havia feito um curso para ser patroa. Quando ela foi na cidade levou-me de automóvel. Disse-me:

— Eu podia deixar você vir a pé. Mas eu tenho dó. Não gosto de magar ninguém.

Papuane, dividi o dinheiro com a minha mãe. Fiquei com vergonha de dar-lhe só vinte mil-téis. Eu olhava o dinheiro e pensava: "Sei que esse papel ninguém vive. Ele nos domina, e predomina na nossa vida. Os que têm bastante são fortes, são respeitados, são os dono do

leme; quem não o tem em grandes quantidades, é joão-ninguém, pé-trapado, são os desconsiderados, são os fracos." Eu só conseguia comer quando estava empregada. Era necessário procurar um emprego para viver sempre na cidade.

SER COZINHEIRA

Tive sorte fui trabalhar numa casa rica. Que palaceté sumptuoso! Que vontade de residir numa casa bonita e ser dona dessa casa. Era sonhar com o impossível. Eu tinha a impressão que estava sobrando nesse mundo.

Minha mãe pediu-me para arranjar dinheiro que ela ia voltar para Sacramento.

— Mas você nunca mais volte para aquela cidade. O meu objetivo era conseguir os cinqüenta mil réis. E naquela casa eu ia ganhar sessenta por mês. Eu ia ser cozinhaira. Coaishei. O primeiro dia, o patrão reclamou. Peço mais capricho. A comida não estava gostosa. Fiquei apavorada. Eu que pretendia ser uma boa cozinhaira.

Eu era moça. Não conseguia lavar roupas a louça e cuidar da comida. A patroa me dizia:

— Parece que você não tem prática de trabalhar. Anda depressa, porque você tem que matar um frango.

Eu não sabia matar aves. Mas meus amos assim, matei. Não conseguia correr os pedaços. A patroa reclamou.

Com muita luta e jantar ficou pronto. Eu queria sair do emprego. Percebi que não dava conta do trabalho. E não sabia cozinar à altura. Conheci a ouvir vozes iradas.

— Ordinária.

— Cadeia, cojuntas! Assustei, quando olhei o rosto da patroa.

— Prepare as suas roupas e vá embora!

Que medo que eu sentia daquela patroa! No inicio eu já compreendi que ela não estava satisfeita com os meus afazeres. Eu estava saindo com as minhas trouxas. Encontrei com o filho da patroa, que acabava de chegar. Ouvindo sua mãe xingar-me, disse-lhe:

— Oh! manha! Não é assim que se trata as domésticas. Elas também são seres humanos que merecem nossa consideração.

A mãe explicou-lhe:

— É que essa negrinha matou uma galinha e não abriu a moela.

O filho da patroa deu uma risada.

Pensei: "Ah! foi por isso, que ela despediu-me." Os rumores circularam na cidade: uma cozinheira que não abria a moela das aves. O que me favoreceu, é que a patroa não decorou o meu nome. E eu não consegui conhecer diretamente os habitantes daquela casa.

Quando estava na rua fiquei indecisa. Não sabia para onde ir. Procurar os parentes, eu tinha receio. Elas me olhavam como se eu fosse a culpada de suas desdidas. Fui procurar a casa da Maria Vaca-brava. Ela me acolhia porque às vezes eu dividia o meu dinheiro com ela. Em certas circunstâncias, o diabinho suplanta os julgamentos. Era tão antipática, pérfida, que a sua sabedoria e queria falar o clássico. Vivia decorando as palavras difíceis. Ela era atraente por causa dos dentes que eram níveis. Quando falavamos, ela me criticava.

— Você não tem ilusão, já nasceu velha. Não tem onde morar. Anda mal vestida. Se eu pudesse, eu queria morar no Rio de Janeiro. Que cidade agradável!

Ela arranjava uns trapos e eu davaia lamentando a minha vida. Eu não tolerava aquele cheiro de cachaga e cigarros.

Desperrei e sal prometendo a mamá mesma que havia de ser uma boa cozinheira. Ia esforçar-me para ser disposta, e não encorada.

Na Santa Casa estavam precisando de uma cozinheira. Que sorte! Rejubilei. Me ofereci.

A irmã aceiou, pediu referências, mas as minhas patroas eram fazendeiras. Era difícil localizá-las.

A irmã resolreu aceitá-la e disse-me: "Você prova as suas qualidades."

Pensei: "Será que eu tenho algumas qualidades apresentáveis?"

Era para dormir na Santa Casa. Que cama limpinha! Cunhadas para eu trocar. Luz elétrica. A irmã que me auxiliava na cozinha era a irmã Irinéia, que perguntou-me:

— Quantas vezes a senhora já foi aos bailes?

Pensei! Pensei e respondi:

— Umas trinta vezes, creio eu.

— Ah! Quer dizer que a senhora gosta de dançar!

— Gostar, não gosto. Mas as minhas amigas convidavam-me com insistência. Para não desagradá-las então eu compareço. A senhora sabe que os bailes, são pessoas que os fazem nas suas casas. Quando comparece muita gente, então o baile fica animado.

Esperei que ela fizesse outra pergunta. Como ela nada disseste continuei o meu trabalho. Servimos o almoço. Primeiro para a enfermaria dos pobres. Depois para os doentes do pavilhão. Quando os pratos voltaram eu soube que a comida foi apreciada. Lavava a louça de pressa. Conservava a cozinha bem limpinha. Não queria ser repreendida, nem despedida.

Fiquei contente quando recebi a visita da irmã supér-

riosa. Veio dizer-me que a comida estava bem-feita. Que era preciso variar. Na cozinha tinha um livro de artes culinárias, eu lia à noite. Pensava na minha vida que estava melhorando. Que orgenado! Orienta miléris por mês. Era o maior ordenado da cidade. Eu dava os parabéns a mim mesma, analisando a minha ascendência. Compreendi que dependia de mim mesma lutar para vencer.

— Aprendi vários pratos-com a irmã Irinéia. Que farta! Quanto leite! Com aquela alimentação reconfornante, comecei engordar. Eu tinha cuidado com o assento corporal, porque a irmã Irinéia reclamava ruído. Eu, temendo as observações da irmã, procusava aprimorar-me. Estava na cotação que de há muito tempo eu desejava. A cotação de boa empregada.

Eu me sentia como um general que havia vencido uma batalha fértil, e agora estava recebendo as condecorações. Não mais tinha medo do mundo, e nem da vida. Compreendi que uma pessoa relaxada, desorganizada, indolente, não consegue vencer na vida. De pendia de mim, adorar as belas qualidades. E fiquei analisando os fatos. Os maus tem que desligar-se da maladade, para encaixar-se nesse mundo. Os desonestos acatar a honestidade. Porque os desonestos são os tipos que não têm consciência, visam apenas o seu bem-c-estar. Os fortes devem orientar e esclarecer os incientes, os ignorantes. Eu não tive ninguém para guiar-me nessa vida. O que imperdia-me de car no abismo foram as palavras do vovô:

— Vocês não devem roubar! O homem que rouba não mais tem possibilidades de reabilitar-se. Não devemos enganar os que nos depositam confiança. Quando você entrar numa casa, dêne boas impressões, para você poder voltar novamente e ser recebida com sorrisos. Os que apoderam-se dos bens alheios estão compondo suas passagens para visitar o inferno.

Eu não tinha a tendência cleronomaniaca, então eu ainda vou ser feliz. Eu não entrei no mundo pela sala de visitas. Entrei pelo quintal. Eu ia vencer porque era outra.

Deixava o leito às cinco horas, ia preparar a refeição matinal dos docentes. O trabalho era suave, não me cansava. Eu o ordenado me incentivava. Era como se tivesse deixado uma mansarda, para habitar uma mansão.

De manhã, as freiras iam na cozinha, me cumprimentavam:

— Bênção em Cristo, irmã.

— Para sempre seja louvado.

A freira mais amável era a Irmã Maria José. Que personalidade! Tinha todas as qualidades que uma mulhher sensata deve ter. Olhando-a eu pensava: "Ela podia ser uma boa esposa para alguém. Poderia ser professora, jornalista e atriz." O meu sonho era colocá-la num altar, e adorá-la como se fosse uma sacerdotisa.

Ela cuidava da cozinha como se fosse um nicho de ouro. Quando a Irmã Irineia entrava, eu notava que ela não simpatizava comigo. Mas não me atingia a sua frieza. Eu já estava aprendendo a olhar o lado prático da vida. E aquele ordenado me dominava como se fosse um freio. Ela elogiava a minha antecessora, dizia que ela era elegada. A minha antecessora era a esposa do Vitorio. O preto mais educado da cidade de Franca, mas estava preso porque descobriram que ele era ladrão.

A Irmã Irineia perguntou-me:

— A senhora já foi na igreja?

— Algumas vezes.

Respondi meio confusa, porque eu já sabia que posterior aos interrogatórios viria uma observação. Eu tinha a impressão que estava num duelo, e deveria ficar em guarda. Prevendo para receber o golpe.

— Então a senhora já foi diversas vezes aos bailes e missas igrejas algumas vezes?

Silenciei.

Não me fascinava aquela palestra. Preparei o almoço. Estava superentusiasmado porque no dia da minha folga minhas amigas me olhavam com inveja. O meu ordenado era comentado em toda a cidade.

Minha mãe sorria dizendo:

— Deus resoveu te ajudar. Creio que ele ouvia as minhas orações. As minhas não gostava de ver os seus filhos sofrendo.

Quando recebi dei cinquenta mil-réis para a minha mãe, ela voltou para Sacramento. E eu fiquei com trinta mil-réis. Tinha a impressão que estava rica.

Dei um balanço nas minhas ilusões: eu pretendia comprar um palacete, comprar roupas finíssimas, um desejo irrealizável. Eu deveria retirar da minha mente aqueles sonhos de grandeza. Eu queria comprar roupas para competir com as minhas primas. Eu estava despitada por ter sofrido muito. Mas agora eu deveria adotar um estilo de vida para mim. "Vou viver dentro das minhas posses sem ostentação." Compreendendo que qualquer trabalho que executarmos ficará mais suave com a dedicação." Pretendia ter uma vida de linda.

No intervalo, eu pedia permissão à Irmã para sair, fui comprar um vestido. Que alegria interior! Pretendia ter vários vestidos.

A dona Agostinha fez o vestido. Godé. Que bonito os aossos desenhos realizados! Aquela vestido tinha o efeito de uma magia no meu subconsciente. Era semelhante a um recôncavidade na minha vaidade feminina.

Interrogava a mim mesma: "Será que vou ficar bonita quando usá-lo?" Para usá-lo para passear com um namorado. numa festa. Ou usá-lo para passear com um namorado.

Eu estava dumplamente feliz. Agora sim, eu poderia comparecer nos bailes sem constrangimento.

Peguei a vassoura e saí dançando na cozinha, que era esparsoa. Eu tinha a impressão que estava usando o meu vestido. Quando noto, encontrei os olhos da Irmã Iriniéia, fitando-me. Eram uns olhos grandes ovalados. Precios e brilhantes, como se fossem envernizados. Parei de repetir, encostei a vassoura e fui ver as panelas.

A Irmã disse-me:

— Creio que a senhora deveria ser bailarina, e não cozinhice.

Esqueci o vestido, as feras e dediquei-me aos meus afazeres.

As Irmãs estavam preparando-se para viajar para São Paulo, iam fazer o retro. Eram seis Irmãs, viajavam de duas a duas.

Para ser sincera, comecei sentir falta das diversões, ensoi decidi sair. Poderia ganhar menos em outra casa, mas poderia sair aos domingos, ir ao cinema, e passar. Pedir a conta. Depois que deixei o emprego, compreendi a minha insensatez...

A Dolores, minha prima, xingou-me:

— Você é burra. Idiota. Você estava ganhando quase cem mil-réis por mês e teve coragem de sair. Temos que aprender a olhar as vantagens.

Eu estava com dinheiro, fui concretizar o meu sonho. Fui ao cinema, usando o meu vestido novo. Fui visitar a dona Cléia, ela arranjou-me um emprego na residência de sua cunhada, a dona Salima. Lavar e passar. Cozinhar da casa, quando ela estava na loja. Dias depois, o seu filho José viajou para São Paulo, para estudar no colégio Sírio-Brasileiro, na avenida Paulista.

Pensei: "É em São Paulo que os pobres vão viver, é em São Paulo que os jovens vão instruir-se para transformar-se nos bons brasileiros de amanhã."

Não avisei aos parentas onde estava trabalhando. Eu não saia porque o serviço era demais. Eu era sozinha para cuidar de tudo.

Um domingo fui visitar a Dolores, ela estava doente de novo, dos seus olhos escorría um líquido cor de leite. A enfermidade estava dominando-a. Fiquei com ela.

Disse-me que havia recebido cartas de minha mãe. Que a polícia estava espalhando o meu tio Antônio. Fiquei pensando na minha família, eram todos analfabetos, e não poderiam viver nas grandes cidades. E a única coisa que eu poderia fazer por eles era ter apenas do.

Responda a carta de minha mãe pedindo que não fasse. Os pobres têm que ser afeitos. Viver no nosso país como se fossemos estrangeiros. A lei da lei contra nós era agra. A lei pode ser severa. Mas com uma assiduidade, pode ser benéfica. Prende-se uma criança mas obrigando-a a estudar. Prende-se um jovem, mas ensina-se um ofício, readjustando-o na sociedade. Se um homem é pai de uma prole numerosa, o país pode auxiliá-lo a educar os filhos — este era um dos sonhos do saudoso Rui Barbosa. Que dizia que o povo necessita de um líder ou de um rei. Que um rei mediocre obriga o povo a trabalhar para completar a sua arca. Mas um rei sábio trabalha para o bem-estar do seu povo. Que qualquer um pode governar um povo correto e elevado. Que excesso de liberdade ofusca a autoridade no lar, na escola e no trabalho. Que alguém sempre é autoridade de alguém. Que um homem é licker ao seu lar com a esposa e os filhos, o patriarca com os empregados. Esta é uma regra da humanidade.

Trabalhei três meses para a dona Salima, ia ganhar quarenta mil-réis por mês. Quando vencia o mês eu tinha vergonha de cobrá-la. Quando completaram-se vinte dias, decidi cobrá-la. Ela des-me apenas dez mil-réis. Eu disse:

— Só?

Respondeu-me:

— Se não está contente, pode deixar a minha casa. chorei pensando na quantidade de roupas que eu lavava e passava. Cuidar do quintal, olhar a casa quando ela estava ausente. Não roubava. Cuidava de tudo como se fosse meu. Decidi procurar outro emprego. Ou deixar o interior.

Pretendia encontrar um trabalho com melhor remuneração. Eu tinha que aprender a reagir, a exigir respeito nos contratos de trabalho. Mas não tinha essa e já estava cansando da minha vida andarilha.

A patroa era estrangeira, e eu nacional. Eu não podia competir com ela. Ela era rica, e eu pobre. Ela podia mandar prender-me. Continuei trabalhando.

A patroa sorria dizendo que havia encontrado uma idiota que trabalhava quase de graça. Depois do jantar eu saia andando pela cidade, procurando emprego. Eu estava só. Não havia obstáculo para vendar-me.

Indicaram-me uma professora que estava procurando uma criada para vir para São Paulo. Fui procurá-la, ela aceitou-me. Que alegria! Voltei correndo, fui preparar as minhas roupas. Não avisei à patroa que ia sair, ela já havia me despedido.

Até que enfim, eu ia conhecer a inclita cidade de São Paulo! Eu trabalhava cantando, porque todas as pessoas que vão residir na capital do estado de São Paulo rejubilam como se fossem para o céu.

No dia da viagem, não dormi para não perder o horário. O trem saiu às sete horas, mas eu cheguei na estação às cinco horas. Que alegria quando embarquei!

Quando cheguei à capital, gostei da cidade porque São Paulo é o eixo do Brasil. É a espinha dorsal do nosso país. Quantos políticos! Que cidade progressista. São

Paulo deve ser o figurino para que esse país se transforme num bom Brasil para os brasileiros. Reava agradeceu a Deus e pedindo-lhe proteção. Quem sabe ia conseguir moedas para comprar uma casinha e viver o resto de meus dias com tranqüilidade...

consciência que tem de si própria e sua consciência frente ao mundo que a cerca fazem desde logo mais do que um testemunho. Pois, inscparável da história pessoal da autora, aparece aqui uma outra face da História, propagandizada por todos aqueles que a constroem sem que possam, certamente, escrevê-la.

Maria Carolina de Jesus como sua infância e seu crescimento, sua permanência entre o campo e as pequenas cidades à procura de trabalho. Expressa também sua visão de mundo, suas experiências, suas opiniões — desde a súplica lembrança da crônica familiar que prova cocada em Rio, até a reflexão sobre os governos e as revoluções. E o faz num linguagem originalíssima, que junta vocabulário rico e extremo e correção gramatical e construções inusitadas — reflexo do dialeto entre a cultura oral e a literatura adquirida nos livros.

Alberto Morais viu a crônica de Maria Carolina de Jesus como significativa a todos os outros romances de errado inventando. Através do "sim-ples" relato de episódios, evidenciava o lado obscuro do país, a intensa desigualdade entre Brasil e o resto. Mais ainda, criava uma literatura, por assim dizer, "em estado bruto", que não é a elaboração estética de um artista, mas sim o resultado vigoroso da ação concreta de viver.

Não encomendo este livro nas librarias, pedir pelo Remboso
Postal à Editora Nova Fronteira S.A. — Rua Bombril, 25 —
Brasília — CEP 22251 — Rio de Janeiro

Caju, Victor Bunnell,
socio Morais, also sobre Maria
de Di Cavalcanti (1938)